

DOSSIÊ ARISTÓFANES –
A CIDADE E O TEATRO

LISÍSTRATA NO DIALETO DO SUL
DA BAHIA E NO DIALETO DE
PERNAMBUCO¹

*LYSISTRATA IN DIALECT OF SOUTH
BAHIA AND IN THE DIALECT OF
PERNAMBUCO*

Édson Reis Meira
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
E-mail: reis_meira@yahoo.gr

RESUMO

Este trabalho apresenta a tradução da peça *Lisístrata*, de Aristófanes, para o dialeto do Sul da Bahia e para o dialeto de Pernambuco (do Recife). Os dois dialetos brasileiros na tradução visam à reprodução da variação diatópica presente no original. A variante ateniense é reproduzida pelo dialeto do Sul da Bahia, enquanto a espartana, pelo dialeto do Recife. A ideia do estudo nasceu da constatação da necessidade de traduções que contemplassem o português brasileiro falado pela grande maioria da população nos diversos contextos de interação social. Na tradução, levam-se em consideração as situações de fala, o *status* social das personagens, os conteúdos e os propósitos comunicativos dos enunciados. Apoiado em sólidos postulados teóricos da área, o autor concebe a tradução como recriação linguística. Assim, recria a peça em questão, reproduzindo a diversidade linguística e o estilo presentes no texto de Aristófanes. Além disso, as opções teórico-metodológicas do estudo visam não somente superar os desafios da tradução como recriação, mas também facilitar a encenação da peça numa língua fluente com a qual o espectador possa indentificar-se, fruindo ao máximo do texto. A tradução é acompanhada de um estudo introdutório sobre os dialetos do Sul da Bahia e de Pernambuco, comentários e notas de rodapé.

Palavras-chave: *Lisístrata*, Tradução, Dialectologia Brasileira

ABSTRACT

This study presents the translation of the Aristophanes's play Lysistrata to the Brazilian dialects of South Bahia and Pernambuco (Recife). Both dialects in the translation aim to reproduce the diatopic linguistic variation present in the original text. The idea for the study emerged from the finding that we need translations which take into account Brazilian Portuguese, spoken by the majority of the population in the various contexts of social interaction. In the translation, consideration has been given to the speaking situations, the social status of characters in the play, the subjects and the communicative purposes of the wordings. Based on a strong theoretical background, the author conceives translation as linguistic recreation. Therefore, he tries to recreate the play in question, reproducing the linguistic diversity and the style of Aristophanes's text. On top of that, the theoretical and methodological choices of the study aim not only to overcome the challenges of translation as a linguistic recreation, but also to make easier the staging of the play in a fluent language with which spectator can identify himself, enjoying the text to the maximum. The translation is accompanied by an introductory study with the description of the dialects of South Bahia and Pernambuco, commentaries and explicative notes placed in the footnotes.

Keywords: *Lysistrata*, Translation, Brazilian Dialectology

1 Este trabalho foi publicado em 2017, em sua versão impressa, pela Editora Via Litterarum, em Ibicará-Bahia (ISBN: 978-85-8151-052-1).

1. A PEÇA E SUA TRADUÇÃO

A peça *Lisístrata*, de Aristófanes, foi apresentada no ano de 411 a. C., durante as comemorações das Leneias, festas em honra do deus Dioniso, realizadas no mês Gamelión (entre fins de janeiro e começo de fevereiro). Era já o vigésimo ano da Guerra do Peloponeso, que opôs as cidades-Estados de Atenas e Esparta. A peça dialoga com outras do mesmo autor, particularmente com *Os Acarnenses* e *A Paz*, uma vez que as três têm a paz como tema. O objetivo do autor é chamar a atenção para os bens que a paz proporciona: as festas do campo, o vinho e as deliciosas enguias de Copaís (*Os Acarnenses*), as vinhas, as oliveiras e a dança em clima de sossego (*A Paz*). Em *Lisístrata*, o bem posto em evidência são os prazeres do sexo, dos quais os cidadãos são privados por causa da guerra.

Lisístrata (“a que dissolve a tropa”, em tradução literal) convoca as mulheres de várias cidades gregas para discutir a situação e encontrar um meio de forçarem os homens a darem fim à guerra, salvando, assim, a Grécia. Para alcançar esse desiderato, a heroína propõe a abstinência sexual. Apesar da resistência inicial, as mulheres reconhecem a necessidade do sacrifício e juram solenemente não cederem aos apetites de seus maridos. Após vários episódios hilariantes, cujo ápice é a cena em que os homens não suportam mais a “secura” e já estão andando pelas ruas recurvados, para que não se veja que estão excitados (alguns recorrem à masturbação), Lisístrata consegue pôr frente a frente atenienses e espartanos para fechar um acordo de paz e, só depois disso, poderem de novo desfrutar dos prazeres do sexo. Após a reconciliação, todos comemoram, exaltando os deuses e os feitos gloriosos de Atenas e Esparta e prometendo não cometerem mais os mesmos erros.

A língua grega antiga, assim como qualquer outra língua humana, não era homogênea. Em Atenas, por exemplo, falava-se o dialeto ático e em Esparta, o lacônico. Do ático formou-se a *coiné*², que, após séculos de transformações, resultou no grego moderno. O lacônico, por sua vez, chegou até nossos dias sob a forma do zacônico (*tsakónika* ou *tsakoniki diálektos*, em grego moderno), que ainda é falado por idosos na Arcádia, numa região montanhosa chamada hoje de Tsakoniá, para onde se deslocaram populações oriundas da Lacônia, durante as invasões árabes e eslavas no Peloponeso nos fins do século VI. Em *Lisístrata*, as personagens atenienses falam o dialeto ático e as espartanas (ou lacedemônias), o lacônico, representados na presente tradução pelo dialeto do Sul da Bahia e pelo dialeto de Pernambuco, respectivamente. A decisão de traduzir a peça para normas populares do português brasileiro nasceu da constatação de que, embora tenhamos traduções acadêmicas de muito prestígio, faltam-nos traduções para encenação, que privilegiem o português

² Do grego *koiné*, adjetivo feminino, cujo significado é comum. Refere-se à língua grega falada durante os períodos helenístico e romano. Como termo técnico da linguística, passou a designar a língua falada numa vasta área. O termo é dicionarizado em português (*coiné*).

falado em situações de não-monitoramento. Qualquer norma popular brasileira poderia acomodar perfeitamente o texto de Aristófanes, porém optei pelo dialeto do Sul da Bahia por ser minha fala natural. No caso do dialeto de Pernambuco, a escolha justifica-se pelo fato de ser uma variante de traços bastante salientes, que se distinguem nitidamente da fala baiana, reproduzindo de maneira natural as variações dialetais presentes no texto grego. Além disso, possuo bons conhecimentos do dialeto pernambucano e informantes nativos que se dispuseram a ajudar-me na construção da fala natural de Pernambuco, mais precisamente do Recife.

É muito provável que, ao lerem esta tradução, muitos baianos e pernambucanos digam: “Eu não falo assim não!” ou “Eu não falo errado não!” Na tentativa de me antecipar a eventuais queixas e críticas, devo proceder a alguns esclarecimentos sobre a realização desta tradução. Primeiramente, não se considera aqui erro a fala espontânea de locutores naturais de uma língua. Eles jamais cometem erros, pois falam segundo os princípios que regem o funcionamento de todas as línguas humanas e de acordo com os parâmetros de sua própria língua, os quais eles fixaram naturalmente, quando crianças, durante a fase de aquisição da linguagem³. O que pode acontecer é falarmos de maneira inadequada, se não levarmos em conta fatores que interferem em nossas escolhas linguísticas, tais como os objetivos comunicativos, o(s) interlocutor(es) e a situação em que a conversa é produzida. Por exemplo, você está à procura de um emprego e é chamado para uma entrevista numa empresa. Se, ao entrar na sala do entrevistador, você disser “E aí, minha peda, tudo em riba? Aqui é Pedro Ribero. Tu me chamô pra entrevista e eu 'tô aqui, ó”, não terá cometido nenhum erro linguístico. Sua mensagem será integralmente compreendida pelo entrevistador, que, no entanto, não guardará uma boa impressão de você, já que suas escolhas linguísticas terão sido inadequadas para aquela situação comunicativa. Em outras palavras, você terá cometido não um erro linguístico, mas um erro de escolha linguística, tendo-se servindo de uma linguagem informal num contexto formal. Você teria deixado uma boa impressão em seu entrevistador, se tivesse dito mais ou menos assim: “Bom dia! Como é que vai o senhor? Me chamo Pedro Ribeiro. Conversamos por telefone e o senhor me convidou para uma entrevista hoje...”.

Vejamos essa questão da adequação em sentido inverso: Você vai contar uma piada a seu melhor amigo e diz: “Contar-te-ei agora uma piada, que é a seguinte: Duas pulgas estão conversando e uma delas diz: — O que farias se ganhasse na loteria? Ao que a outra pulga, sonhadora, responde: — Ah, compraria um cão só para mim”. Seu amigo compreenderá seu enunciado (talvez até com alguma dificuldade), mas achará estranho seu modo artificial de se

³ Para os pormenores da teoria de princípios e parâmetros, v. Chomsky, 1993 e 1986, dentre outros.

expressar e certamente não verá muita graça em sua piada. Também neste caso você não terá cometido nenhum erro linguístico, contudo terá errado nas escolhas linguísticas, utilizando léxico, formas e estruturas arcaizantes numa situação em que se esperava uma linguagem distensa, sem rebuscamentos. Teria sido, muito provavelmente, diferente se você tivesse dito: “Vou te contar uma piada. É assim, ó: Duas pulga 'tava conversando e uma diz: — O que é que tu fazia se ganhasse na loteria? Aí a ôta, sonhadora, responde: — Ah, eu comprava um cachorro só pra mim”.

Reconheço, todavia, que talvez eu não tenha sido preciso na caracterização e na representação gráfica dos dialetos, sobretudo no que diz respeito ao dialeto pernambucano. Na caracterização do dialeto do Sul da Bahia (DSB), meu dialeto materno, não me baseei exclusivamente em minha intuição. Conversei com outros falantes do dialeto (parentes, amigos e conhecidos), que, quase diariamente, me forneciam informações preciosas. Muitas vezes, as informações eram coletadas pela observação direta da fala. Não faltou, evidentemente, o estudo de obras de especialistas que se ocuparam da dialetologia baiana. Para reproduzir o dialeto pernambucano, contei com a ajuda de amigos de Pernambuco (em São Paulo e no Recife), além de ter consultado estudos específicos sobre o dialeto e dicionários do falar pernambucano. Devo reconhecer também que não há homogeneidade no português de Pernambuco. Os falantes de lá dirão, com toda a razão, que não se fala do mesmo jeito no Recife e no interior do Estado e que mesmo no interior há variações. Nada de surpreendente. Os baianos também dirão, com razão, que no Sul de nosso Estado o falar não é homogêneo. E eu direi igualmente que em minha casa o falar nunca foi homogêneo: minha mãe e meu pai, ambos sul-baianos de cidades limítrofes (Itamari e Ibirataia), apresentavam em suas falas traços linguísticos que os distinguiam. A todos esses críticos (que têm razão) deixo as palavras de Marroquim (1934: 37), as quais, a meu ver, se aplicam não somente ao falar nordestino e ao plano fônico, mas igualmente a qualquer variante linguística e seus demais níveis de análise:

Previno, com a explanação acima, possíveis críticas de quem olhe a fonética nordestina sob aspectos particularíssimos e locais, quando no presente trabalho, ela está sendo estudada, como deve ser, dentro do conjunto regional.

2. O PORTUGUÊS BRASILEIRO E SUAS VARIANTES

Toda língua natural apresenta uma série de variantes, cada uma delas identificada com valores socioculturais e com fins comunicativos. A essas variantes da língua dá-se o nome de normas⁴. Em nossa comunicação cotidiana,

⁴ Sobre o conceito de norma e sobre as normas no português brasileiro, v. Bagno (org.): 2004 e Bagno 2003, dentre outros.

servimo-nos de várias normas. Quando queremos escrever um texto acadêmico, por exemplo, utilizamos a norma escrita padrão, isto é, aquela que apresenta a menor variação, que é considerada o modelo a ser seguido por todos em qualquer parte do território onde ela está presente. No Brasil, uma das características principais da escrita padrão é a concordância: Em *As lideranças indígenas estão indignadas com seus políticos*, o verbo deve concordar em número com o sujeito (sujeito no plural, verbo no plural: *lideranças estão*), enquanto que os determinantes (artigos, pronomes e adjetivos) devem concordar em número e gênero com o substantivo (substantivo no feminino plural, artigo e adjetivo idem: *As lideranças indígenas...*). Semelhante ao padrão escrito é a norma culta falada pelas elites culturais (aquelas que dominam a escrita padrão), a qual apresenta variações, sobretudo de natureza fônica, de região para região. Assim, a norma culta do Sul da Bahia não é a mesma que a do Norte de nosso Estado, que é diferente da de Salvador, que não é a mesma que a do Recife, que é diferente da de São Luís, que não é a mesma de São Paulo e assim por diante. Uma norma regional é chamada dialeto. Cada dialeto é composto por socioletos, que são variantes faladas por grupos sociais, cujos membros compartilham características sociais e linguísticas, que os distinguem dos demais falantes da comunidade. A norma culta, por exemplo, é um socioleto. Ela é falada pelas classes alta e média, as quais abrigam o maior número de pessoas letradas, diferentemente das demais classes, cujos membros possuem menos escolaridade (e em geral menos acesso aos bens da cidadania), que falam socioletos muito distantes da normal escrita padrão. Entretanto, observa-se, no Brasil, que, por um lado, a fala das novas gerações das classes A e B tem-se aproximado da norma popular e que, por outro lado, como meio de ascensão social, as novas gerações das demais classes adotam os traços da norma culta tradicional mantida entre falantes mais velhos das classes A e B. Esse fenômeno se verifica sobretudo na questão da concordância⁵. Não creio, porém, que a concordância seja um traço natural na fala das novas gerações – independentemente da classe social. O que eu mesmo tenho observado em minhas interações quotidianas com falantes de todas as classes sociais e níveis culturais e o que pesquisas na área têm indicado é que há um enfraquecimento geral da concordância no português brasileiro, particularmente em situações de não-monitoramento⁶.

2.1 . “A SUPOSTA SUPREMACIA DA FALA CARIOCA”

Para além da norma escrita padrão, não há nenhuma variante que seja comum a todos os brasileiros. Tem sido aventado que “a linguagem do Rio de Janeiro é o “padrão” nacional” ou “o ideal linguístico da comunidade brasileira como

⁵ Fato apontado por Lucchesi – em Bagno (org.), 2004 : 82 – dentre outros.

⁶ Vejam-se, por exemplo, Galves (1993), Scherre (1993), dentre outros.

um todo”⁷. Segundo Leite & Callou (2002: 30), “costuma-se dizer que o falar carioca é o que mais equidistante se encontra do nortista, do nordestino, do oriental, do sulista e do sertanejo, e que o Rio de Janeiro possui condições geográficas, históricas, políticas e, inclusive, linguísticas, para ser um centro unificador”. Entretanto, os argumentos mais fortes que embasariam essa “suposta supremacia da fala carioca” são de ordem extralinguística: “além de ter sido Corte, o Rio apresenta a menor taxa de analfabetismo entre as 12 maiores capitais do país. É aqui também que se constata um expressivo número de pessoas com nível superior. No tocante aos aspectos social e econômico, a Cidade Maravilhosa reúne bairros com alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDG), destacando-se a Lagoa, cujo “IDF, de 0,902, é semelhante ao da Itália”. (O GLOBO, 24/03/2001)” (SANTOS, 2003)⁸.

São muito fracos os argumentos que tentam “emplacar” a fala carioca como “o ideal linguístico da comunidade brasileira como um todo”. Afirma-se que o falar carioca é o mais equidistante dos demais falares brasileiros. Por conta de seu prestígio como Corte, o Rio teria influenciado o modo de falar das demais regiões do país, marcadamente no que concerne à pronúncia. O “esse chiado” e o “erre aspirado” parecem ser os dois traços “cariocas” que mais teriam exercido influência. O “erre aspirado” seria imitação pelos portugueses do erre francês. A corte teria trazido essa pronúncia para o Rio de Janeiro, juntamente com o “esse chiado”, e do Rio esses sons ter-se-iam irradiado por outras regiões brasileiras, sobretudo pelo Norte e Nordeste. Trata-se de explicação padrão Rede Globo⁹. Ora, em primeiro lugar, essa suposta influência da corte no falar carioca já foi posta em xeque. Noll (2009), por exemplo, chama de mito a suposta origem portuguesa do chiamento carioca. Em seu artigo, o pesquisador afirma que “uma influência de adstrato, motivada pelo prestígio do [S] europeu, parece menos convincente, uma vez que o prestígio político durou apenas poucos anos até a Independência do Brasil em 1822” (p. 309). Acrescenta que o chiamento no português brasileiro é um desenvolvimento relativamente recente e provavelmente independente. No caso do Rio de Janeiro, “isso se torna ainda mais evidente, considerando-se que a documentação linguística depõe igualmente contra a existência do chiamento carioca no século XIX” (p.315). Noll sustenta também que “a constelação geolinguística no Brasil deixa claro ser impossível que uma irradiação do chiamento possa ter ocorrido a partir do Rio de Janeiro para o resto do país” (p. 315). Ainda em relação ao *s* chiado, é importante observar que ele não tem a mesma distribuição (e talvez nem tenha exatamente a mesma realização) na fala carioca e nos demais falares brasileiros. No Sul da Bahia, por exemplo, só há chiamento de *s* diante de *t*. É estranho pensar que o “padrão” tenha influenciado

7 Leite & Callou, 2002: 10-11, 30 *passim*. Veja-se também Santos (2003).

8 Disponível em <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno12-07.html> (consultado em 04/05/2016).

9 Veja-se a série de reportagens Sotaques do Brasil, do Jornal Hoje, disponível no YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=uSzZ5v145hI>, consultado em 18/05/2016).

a pronúncia do *s* somente em um ambiente fônico. Aliás, a palatização de *s* diante de *t* é apontada por Noll como a provável gênese do fenômeno, que, em nossa região, se limitou a esse caso, mas se generalizou em outros dialetos, como no pernambucano, por exemplo (v. Marroquim, id.). A palatização de *s* diante de *t* é recorrente em outras línguas, como em alemão e em diversas variedades do italiano¹⁰.

O erre fricativo uvular supostamente “importado da França” pelos portugueses (segundo a já citada série de reportagens da Rede Globo – v. nota 7), não é o mesmo do Rio de Janeiro, onde, de acordo com Callou *et alii* (1998), Callou (2009) e Cagliari (1998), a realização do erre fricativo varia de velar a glotal, sendo esta última mais frequente atualmente. E é interessante notar, com base em Leite & Callou (2002) e Callou (2009), que o traço da pronúncia carioca que a aproxima da nordestina e da nortista, isto é, a realização glotal do erre, é mais comum na Zona Suburbana, o que evidencia que a variante da Zona Sul carioca, supostamente aquela que representa “o ideal linguístico da comunidade brasileira como um todo”, não exerce grande influência nem mesmo na cercania do ambiente onde é falada. No Sul da Bahia – mas em geral em todo o Nordeste – é a glotal (ou laríngea) que predomina¹¹. Para constataremos os erros históricos grosseiros e o descompromisso da Rede Globo com a veracidade dos fatos ao realizar as reportagens, analisemos o trecho que trata do que a propaganda da emissora carioca chama de “erre carioca”. Eis o trecho:

E de onde veio esse erre carioca? Fomos até o Paço Imperial, palácio onde morou Dom João VI no Rio de Janeiro. Os portugueses que chegaram aqui há 200 anos achavam chique imitar os franceses, era moda na época (ANA ZIMMERMAN, repórter)

A França era um pólo de cultura importante. E curiosamente, né, a Corte, né, era de certo modo afrancesada (LAURO CAVALCANTI, diretor do Paço Imperial)

Em francês, o erre é mais forte e essa marca ficou (ANA ZIMMERMAN, repórter)

Em primeiro lugar, não consta que o diretor do Paço Imperial tenha realizado alguma pesquisa em linguística, demonstrando a influência francesa no português europeu e a influência deste no português brasileiro relativamente à pronúncia do erre. Em seu estudo sobre “as realizações fônicas de /R/ em português europeu”, e especificamente na parte em que tratam da história desse /R/, Rennickel & Martins (2013) não fazem nenhuma referência a influência francesa. Teyssier (2007/1997), historiador francês da língua portuguesa, também trata da pronúncia uvular do

¹⁰ V. Noll (id., p. 315) e Rohlfs, citado por Noll (p. 315).

¹¹ Sobre as diversas realizações do erre fricativo no português brasileiro, consultem-se, dentre outros, Silva (2002), Alencar (2005) e Grégio (2009). Em Belém e Macapá, onde estive recentemente, o erre fricativo é muito próximo ou idêntico ao nordestino.

erre português, sem no entanto falar de influência francesa. Aliás, ele compara o erre português com o francês, afirmando que são bastante semelhantes, mas que a articulação do primeiro é mais apoiada (v. p. 80). Causa estranhamento também o fato de os portugueses, “ao imitarem os franceses”, só terem adotado o erre uvular em posição inicial ou intervocálica, quando o “chique” seria generalizá-lo em todas as posições, como em francês. Os estudiosos que queimaram as pestanas no estudo da história de nossa língua, como os já citados, datam o surgimento do erre uvular português dos fins do século XIX¹², já no período do Brasil independente e na transição do Império para a República, ou seja, muito tempo depois da chegada da Corte e de seu embarque de volta para Portugal. Além disso, em seus primórdios, o erre uvular português estava longe de ser “chique”. Gonçalves Viana¹³ nos informa que ele era visto como vicioso e que a realização apical era sempre preferível. Somente durante o século XX é que a nova pronúncia adquire certa estabilidade, sobretudo em Lisboa e arredores.

Os dados socioeconômicos são ainda mais frágeis. Com base em dados de *O Globo*, argumenta-se que o Rio de Janeiro “reúne bairros com alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), destacando-se a Lagoa, cujo “IDH, de 0,902, é semelhante ao da Itália”. Entretanto, um levantamento do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) mostram que “pelo menos 99 áreas geográficas de 15 regiões metropolitanas do Brasil têm um IDH municipal igual ou superior ao registrado pela Noruega” (Fonte: Exame.com, 29/11/2014)¹⁴. A Noruega é o país com o maior índice de desenvolvimento humano do mundo – 0,965. Ora, se este é um critério sério e definidor do ideal linguístico brasileiro, então a variante de uma cidade em que o IDH mais alto não passa de 0,902 não pode representar o padrão do país. Fato é que o Rio de Janeiro possui bairros com IDH muito superior a 0,902, porém isso não é uma exclusividade da capital carioca: Para citar somente alguns exemplos nordestinos, os bairros de Itaigara, Caminho das Árvores, Loteamento Aquárius e Brotas-Santiago de Compostela, em Salvador, Boa Viagem e Jaqueira, no Recife, Meireles e Aldeota, em Fortaleza, Calhau e Renascença, em São Luís, Ponta Verde, em Maceió, apresentam IDH igual ou superior ao da Noruega¹⁵.

A suposta supremacia da fala carioca só se sustenta em achismos de leigos como Pasquale Cipro Neto, que, em entrevista a *Veja*¹⁶ (já conhecida por sua ligeireza), afirma que o carioca é aquele que se expressa melhor sob a ótica da norma culta, ao passo que São Paulo é o lugar onde se fala o pior português. Apesar de suas falhas evidentes, em alguns momentos as referidas reportagens da Rede Globo ofereceram alguma contribuição para o esclarecimento do público acerca dos fatos da língua. Isso ocorreu sobretudo quando se deu

12 V. Rennickel & Martins (id., p. 511).

13 *Apud* Teyssier (id., nota 59).

14 <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/os-bairros-do-brasil-que-poderiam-estar-na-noruega> (consultado em 18/05/2016)

15 Dados do Centro de Estudos em Sustentabilidade da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas (disponíveis em <http://www.pnud.org.br/Noticia.aspx?id=1469>) e do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (disponíveis em <http://www.atlasbrasil.org.br/2013>).

16 10/09/1997.

voz a quem a ciência e o trabalho de anos capacitaram para falar sobre a língua brasileira. Perguntada se “existe um sotaque padrão no Brasil”, a professora Suzana Cardoso, da UFBA, diretora-presidente do *Projeto Atlas Lingüístico do Brasil* respondeu, sem hesitar, NÃO. Do estudo das obras de especialistas em português brasileiro e da observação direta de nossa fala, é possível notar que, se pensarmos a norma culta¹⁷ para além do critério fonético/fonológico, é possível que se chegue a um conjunto de traços – morfossintáticos, lexicais e semânticos – presentes em todas as regiões brasileiras, formadores de uma norma culta nacional comum, não muito distante em suas características de uma norma popular nacional comum.

3. O DIALETO DO SUL DA BAHIA (DSB)

O dialeto que será descrito nesta seção é falado na mesorregião do Sul Baiano, microrregião de Ilhéus-Itabuna, sobretudo nos municípios da parte Norte do retângulo (v. mapa abaixo). Algumas de suas características, em todos os níveis de análise, aparecem também em outros dialetos brasileiros, sobretudo da Região Nordeste. Guarda bastantes semelhanças com o português de São Luís do Maranhão: articulação pré-palatal do /s/ no mesmo ambiente fônico, isto é, diante de /t/; realização laríngea de /s/ nos mesmos ambientes fônicos, como se verá a seguir; oposição *tu x você x o/a senhor/a*. Com o dialeto pernambucano, as principais semelhanças estão no nível do léxico (*oxe, oxente, (ar)retado, vixe, musga, cosca, passo-preto, corgo, istambo, isprito, sabo, mais* (preposição indicando companhia: *mais eu = comigo*) etc.)¹⁸, além de fenômenos fonéticos que são atestados também em outras variantes brasileiras. Algumas características atribuídas à fala baiana, como a negação posposta ao verbo, aparecem por todo o Brasil. Outras que se atribuem a uma comunidade linguística determinada aparecem também no Sul Baiano e em outras regiões, como é o caso da redução do morfema de diminutivo de *-inho* para *-ĩ*, normalmente atribuída aos mineiros.

Nosso dialeto, assim como o pernambucano, fará rir não porque seja “engraçado”, mas porque é expressivamente rico, autêntico e capaz de reproduzir o estilo do texto antigo. A língua aqui utilizada é aquela falada naturalmente pela grande maioria dos baianos desta região, sejam eles incultos ou cultos, pobres ou ricos, roceiros ou cidadãos, em situações distensas da vida social.

¹⁷ Que não se confunde com a norma padrão escrita (v. Faraco: 2004, pp. 39, 42).

¹⁸ São exemplos de palavras usuais na fala popular de Pernambuco e Alagoas registradas, em sua maioria, por Marroquim (1934: p.44-45).

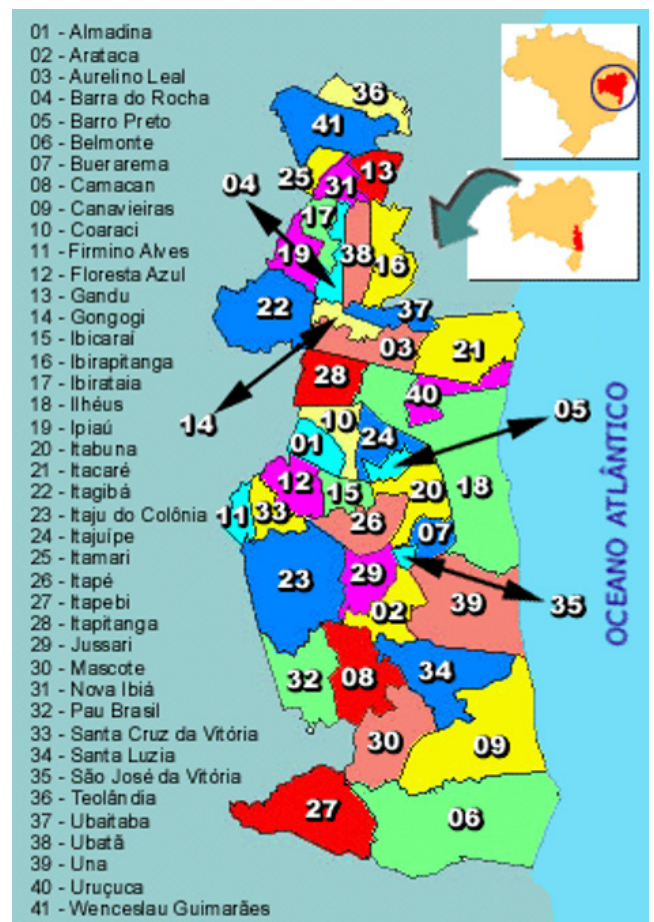


Fig. 1 O Sul da Bahia

3.1 O SISTEMA FONOLÓGICO¹⁹

3.1.1 AS VOGAIS

1) /a/ /ã/

Trata-se de uma vogal oral central baixa /a/, como em *lá* e uma nasal /ã/, como em *lã*. Como na maioria dos dialetos brasileiros, toda vogal diante de /m/ e /n/ se nasaliza: *amo* [ãmu] / *cano* [kãnu]. A nasalização da vogal ocorre também quando /m/ e /n/ desaparecem em contato com uma consoante seguinte: *samba* [ːsãba], *banda* [ːbãda]. Esse fenômeno caracteriza todas as vogais da língua e ocorre na grande maioria das variantes brasileiras. Note-se, porém, que, no primeiro caso (*amo* e *cano*), o *ã* é alofone de /a/, pois, nesse ambiente fonético, nunca se opõe à vogal oral. Em outras palavras, a vogal oral nunca ocorre nesse ambiente fonético, sendo, portanto, impossíveis oposições como [ãmu] ~ [amu], [kãnu] ~ [kanu]. Essa regra vale para todas as vogais da língua.

2) /ɛ/ /e/ /ẽ/

Aqui temos duas vogais orais anteriores – uma baixa /ɛ/: *peca* (3ª pessoa do singular do verbo *pecar*) e outra média /e/: *peca* (adjetivo, feminino de *peco*) – e uma nasal /ẽ/: *penca* [ːpẽca]. Como na maioria das variantes do Norte e Nordeste, em posição pre ou postônica, predomina o /ɛ/: metade [mɛ:tadzɪ], peteca [pɛːteka], célebre [ːsɛlɛbri], véspera [ːvɛspɛra]. Pode ocorrer a síncope do *ɛ*: *véspera* > *vespra*. Há casos em que se conserva o /e/ etimológico (do latim *ĭ*): *pêsego* [ːpesegu < persicum]. Ocorre também o alçamento das pretônicas /e/ ou /ẽ/ (/e/ > i, /ẽ/ > ĩ): *pedido* [pe:didu] > [pi:didu], *desembuchar* [dezẽbu:fa] > [diːzĩbu:fa]. Essa mudança se deve à chamada de harmonia vocálica, fenômeno pelo qual as vogais de uma palavra se assemelham foneticamente a outra vogal da mesma palavra. Em *pedido*, o *e* sofre alçamento porque as duas vogais seguintes são altas (i e u). Fenômeno semelhante acontece com *e* e *ẽ* em *desembuchar*, no qual são seguidos pela vogal alta *u*. No entanto, no caso de *e*, há outro fator que causa seu alçamento, isto é, o contato com *s* subsequente. O alçamento de *e*, nesses ambientes fonéticos, pode ser incluído no conjunto de traços comuns que caracteriza tanto a norma culta como a norma popular brasileiras, pois que é atestado por todo o país²⁰. Ocorre o alçamento também de *ɛ* (pre ou postônico) quando forma hiato com *a/ã* ou *ɔ*: *teatro* [tɛ:atru] > [tʃiːatru], Leobino [lɛɔːbĩnu] > [lioːbĩnu], *fêmea* [ːfẽmea] ~ [ːfẽmia > ːfẽmi]. Na tradução, a nasal é muitas vezes representada pelo grafema *ẽ*.

3) /ɔ/ /o/ /õ/

Duas vogais orais posteriores – uma baixa /ɔ/: *troco* (1ª pessoa do singular do verbo *trocar*) e outra média /o/: *troco* (substantivo) – e uma nasal /õ/:

19 O sistema fonológico é o conjunto de sons que exercem função distintiva na língua. Esses sons são chamados de fonemas e são representados por grafemas (letras). Assim, em *gato* [ːgatu] e *rato* [ːf̃atu] são os fonemas /g/ e /f̃/ que distinguem as duas palavras. Cada grafema de nosso alfabeto pode representar mais de um fonema da língua. O *s*, por exemplo, representa o /s/ (*sapo*), o /z/ (*casa*), o /ʃ/ (*castanha*) e o /ɸ/ (*dois mil*). Na descrição dos fonemas de uma língua, estes são colocados entre barras //. Os colchetes ([]) indicam a transcrição fonética dos elementos linguísticos, ou seja, indicam a pronúncia desses elementos. Os dois pontos (:), na transcrição fonética, indicam a sílaba tônica. O símbolo > indica que um elemento linguístico está na origem de outro e o < que o elemento provém de outro (p. ex., *mulher* > *mulé*: a forma *mulher* é a que deu origem a *mulé* / *mulé* < *mulher*: *mulé* tem origem em *mulher*).

20 Vejam-se, entre outros, os trabalhos de Silva (2002), Viegas (1987) e Bisol (1981). O fenômeno da harmonia vocálica parece ser mais amplo em Pernambuco do que na Bahia. Lá, o nome da capital de Pernambuco é [riːcifi], ao passo que na Bahia é [rɛːcifi] – diferentes de [rɛːcifi] comum no Sudeste e de [rɛːcife] que ainda ocorre no Sul. Marroquim (1934) registra também, em Pernambuco e Alagoas, Jiroime/ Jiroimo por Jerônimo.

tronco [ːtrõko]. A nasal – seja como fonema (*sombra* ~ *sobra*), seja como alofone (*nona*) – resulta de processos fonológicos, conforme o exposto em relação ao *ã*²¹. As orais, em posição pre ou postônica, apresentam comportamento semelhante ao das anteriores /ε/ /e/. Predomina a baixa ɔ (coração [kɔra:sãũ], colaborar [kɔlabɔ:ra], botar [bɔ:ta]), que, no entanto, assim como a média o e a nasal õ, sofre alçamento em determinados ambientes fonéticos: em hiato com *a* (boato [bu:ato], toalha [tu:alia]) e por conta do fenômeno da harmonia vocálica (*fortuna* [fɔr:tũna] > [fur:tũna], *coruja* [coruza] > [curuza], *cozinha* [kozĩɲa] > [kuzĩa]). Há alguns casos que são de difícil explicação: Por um lado temos tipos como *borracha* [bu:hãʃa], *bolacha* [bu:lãʃa] e *solapa* [su:lapa], nos quais a vogal ɔ (ou o?) sofre alçamento. Por outro lado, em tipos como *torrada* [tɔ:hada], *porrada* [pɔ:hada], *cocada* [kɔ:kada], *lotada* [lɔ:tada] que apresentam a mesma sequência de sons vocálicos (ɔ-a-a), a posterior baixa permanece inalterada. Aponto-os sem a intenção de explicá-los aqui, já que isso demandaria uma pesquisa mais profunda, o que extrapolaria os limites deste estudo introdutório²².

4) /i/ /ĩ/ /u/ /ũ/

O comportamento destas vogais no DSB não apresenta grandes particularidades em relação aos demais dialetos brasileiros. As nasais *ĩ* e *ũ* resultam de suas relações de contiguidade com as consoantes *m*, *n* e *ɲ* (que não raro sofrem síncope): *mina* [ːmĩna], *limpo* [ːlĩpu], *vinda* [ːvĩda] *minha* [mĩa] *cardume* [caɦːdũmi], *Nunes* [ːnũnis], *unha* [ːũɲa ou :ũĩa]. Temos a nasal *ũ* também na negação *nũ* que antecede os verbos.

Na tradução, as nasais provenientes de processos fonológicos recentes são representadas por *ĩ* e *ũ* (*bãĩ* = *banho*, *nũ* = *não*).

3.1.1.2 OS DITONGOS

Sobre os ditongos registrem-se as seguintes particularidades:

- 1) Esporadicamente /au/ sofre monotongação em *o*, fenômeno antigo que perpassa toda a história da língua portuguesa, desde sua formação (*pauperem* > **poperem* > *pobre*, *aurum* > *ouro* > *oro*, **ausare* > *ousar* > *osar*)²³. Hoje não se trata de um fenômeno de grande amplitude, mas ainda se ouvem, sobretudo entre idosos e pessoas da zona rural, formas como *omentar* < *aumentar*, *otordade* < *autoridade*. Marroquim (id.) atesta a existência do fenômeno também em Pernambuco e Alagoas (*ochílio* < *auxílio*);
- 2) Por conta de processos fonológicos que envolveram as palatais /λ/ e /ɲ/, formaram-se ditongos nasais e orais do encontro da vogal do lexema com um i

21 E o mesmo vale para todas as vogais nasais da língua, tanto como fonemas quanto como alofones.

22 Amorim (2009), faz um estudo minucioso do comportamento das pretônicas na fala culta do Recife. Os dados que apresenta explicam, em boa parte, os fenômenos verificados no DSB. Veja-se também Klunck (2007) sobre o alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente.

23 V. Williams (1975/1938)

ou ã advindo desses processos fonológicos²⁴. Primeiramente houve a despalatalização dessas consoantes, o que implicou o desenvolvimento de um iode [y]. É precisamente o que se ouve na fala culta do Sul Baiano: *espelho* > *ispelyo*, *velho* > *velyo* etc. Na fala popular, o elemento lateral desaparece, restando apenas o iode: *ispelyo* > *ispeyo*. Nas formas masculinas, ocorre a apócope do *u* e o iode reduz-se a *i*: *vermelho* > *vermelyo* > *vermeyo* > *vermei*, *velho* > *velyo* > *veyo* > *vei*, *trabalho* > *trabayó* > *trabai*, *banho* > *banyo* > *bayo* > *bãĩ*, *sonho* > *sonyo* > *sõyo* > *sõĩ*. Temos aqui o exemplo de mudanças tanto de natureza fonética quanto fonológica. Por um lado, os ditongos que se formaram em nada alteraram o número de traços distintivos da língua, pois esses ditongos já existiam em nosso sistema fonológico, portanto trata-se de uma mudança apenas fonética. Por outro lado, o apagamento das consoantes /λ/ e /ɲ/ representam perdas de traços distintivos, caracterizando, assim, mudanças fonológicas. O apagamento do /ɲ/ gerou outra mudança fonológica, isto é, o surgimento do ditongo *ẽũ*, bastante comum no Sul da Bahia em formas verbais como *tẽũ* (< tenho), *vẽũ* (< venho), *desẽũ* (< desenho). O *ũ* marca a primeira pessoa do discurso. Por sinal, essa mudança pode ter sido motivada também por um fator morfológico, pelo menos no caso de *ter* e *ver*: o morfema *ũ* pode ter-se desenvolvido por analogia ao *ĩ* de *tem/têm*, *vem/vêm* (ambos nasais), tornando o paradigma regular. Em substantivos, após o apagamento da palatal, é o *ĩ* que forma ditongo com o *ẽ*: *desẽĩ* (< desenho). O ditongo /ẽĩ/ é antigo no Brasil – em Portugal tem uma realização um pouco diferente – porém sempre foi camuflado na escrita pela grafia *-em*: *tem* [tẽĩ], *ninguém* [nĩgẽĩ] etc.

24 Vários estudiosos se ocuparam das mudanças que afetaram as palatais /λ/ e /ɲ/ no português brasileiro, dentre os quais citem-se Gama (1978), para o português da Bahia, e Aragão (2000 e 1996), para o português do Ceará.

3.1.2 AS CONSOANTES

1) /p/ /b/

Estas consoantes não apresentam particularidades no DSB, que o distingam das demais variantes brasileiras.

2) /t/ /d/

O DSB distingue-se do pernambucano, mas também do dialeto do Norte da Bahia e de outras regiões do Brasil, por apresentar os alofones africados *tʃ* e *dʒ* quando as oclusivas /t/ e /d/ estão diante de /i/. Na tradução, os grafemas *ç* e *đ* representam a pronúncia conservadora (dental) do dialeto pernambucano.

3) /k/ /g/

Em nosso alfabeto, essas consoantes oclusivas são representadas pelos grafemas *c/qu* [k] nas sequências *ca*, *que*, *qui*, *co*, *cu* e *g/gu* [g], nas sequências *ga*, *gue*,

gui, go, gu. Não apresentam particularidades em suas realizações. São palatais diante das vogais anteriores (ɛ, e, ê, i, ã) e velares diante das demais vogais.

4) /ʃ/ /ʒ/

Essas consoantes fricativas palato-alveolares²⁵ são representadas em nosso alfabeto pelos grafemas ch / x (ʃ) e j / g(e,i). No DSB, o /ʃ/ também aparece como alofone de /s/ diante de /t/: *testa* [ːtɛʃta], *pasta* [ːpaʃta], *visto* [ːviʃtu] etc.

5) /h/ /ɦ/

Consoantes fricativas laríngeas, surda e sonora, respectivamente, também chamadas glotais, são representadas em nosso alfabeto por vários grafemas. A surda /h/ é representada pelo grafema r diante das consoantes surdas f, k (c, q), p, s, ʃ (ch), t (*órfão*, *cerca*, *corpo*, *carta*). Diante de /s/ e /ʃ/, na língua popular, sofre síncope (*fôça* [ːfosa] < *força* [ːfohsa], *mucho* [ːmuʃu] < *murcho* [ːmuhʃu]). Desaparece também em fim de palavras (apócope): *ma* [ma] < *mar* [mah], *ve* [ve] < *ver* [veh]. O grafema r representa também a sonora /ɦ/ em início de palavras (*raiz*, *régua*, *rio*, *rodo*, *rua*), em posição intervocálica antecedido por uma vogal nasal (*honrar* [õ:ɦa], *tenro* [ːtêru], *Henrique* [ẽ:ɦiki])²⁶ e diante das consoantes sonoras b, d, g, ʒ (j e ge, gi), l, m, n, v, z (*borboleta*, *corda*, *cargo*, *corja*, *Irlanda*, *dermatologista*, *morno*, *corvo*). Na língua popular, desaparece diante de ʒ e z (*vige* [ːviʒe] < *virgem* [ːviɦgẽĩ], *cuva* [ːkuva] < *curva* [ːkuɦva]). Os fonemas /ʒ/, /v/ e /z/ (este seguido das consoantes /b/, /d/, /l/, /m/, /n/, /v/, na mesma palavra ou em palavra seguinte e representado no alfabeto por s (*desde*) ou z (*voz dele*)) sofrem debucalização, “processo fonológico em que um determinado segmento deixa de ter ponto de articulação na cavidade oral e passa a ser realizado somente na região laríngea, ou seja, o segmento perde seus traços de articulação oral, resultando numa fricativa glotal” (SILVA & COSTA, 2014: 629). A realização laríngea de /ʒ/ ainda é muito restrita, atestada na fala popular, sobretudo de homens, na locução pronominal *a gente* [a ɦẽtʃi], particularmente na posição de sujeito. O fenômeno é bem mais amplo no caso do /v/, cuja realização laríngea ocorre diante de /a/ em início de palavras de uso muito frequente (*vamo(s)* [ːɦamu], *vumbora* [ɦũ:bora]) e em posição intervocálica ((*es*)*tava* [ːtaɦa]). Relativamente à debucalização do /z/²⁷, em artigo sobre o português popular de Salvador, Lucchesi (2009: 107) afirma que “a realização laríngea é favorecida particularmente em posição medial, quando a sílaba seguinte é iniciada por uma consoante nasal, lateral ou vozeada”, fenômeno observado igualmente no DSB. O mesmo se observa quando /z/ se encontra em posição final e a palavra seguinte começa por uma dessas consoantes: *trêh mês*, *doif livro*, *seif dia*. Essa realização laríngea do /s/ e do /v/ será representada pelo grafema **h**. A

²⁵ Sigo a terminologia de Maia (1991). Essas consoantes também são chamadas alveolopalatais ou ainda alveopalatais (Illari & Basso, 2011).

²⁶ O grafema n, nessas palavras, não representa a consoante /n/, que não é pronunciada. Apenas indica que a vogal que o precede é nasal.

²⁷ Lucchesi fala em realização laríngea do < s >. No entanto, é sempre o z que apresenta essa realização, ainda que, na maioria das vezes, seja s o grafema que o representa.

realização laríngea de *s* diante de consoantes surdas está ainda em fase incipiente. Ocorre em algumas palavras ou em sequências de palavras que se fundem (fenômeno chamado de *sândi*): *pescoço* > *pehçoço*, parece que > *peh'que*.

6) /s/ /z/

O fonema /z/ ocorre, sobretudo, em início de palavras e em posição intervocálica (*zebra, casa*). Pode ocorrer também como alofone, em final de palavras, desde que seja seguido por vogal (*mais um, feliz aniversário* etc.). Representado em nossa língua pelos grafemas *z* ou *s* (mais raramente por *x*, como em *exame*) o /z/ sofre debucalização diante das consoantes referidas em 5. O /s/, por sua vez, representado por *s*, *ss* ou *z*, ocorre em início de palavras (*sapo*), em posição intervocálica (*passo*), como último elemento de uma oração (*Passei um dia feliz*) ou diante de uma consoante surda – *k*, *p*, *f* – (*Feliz páscoa, fósforo*). Como foi apontado no item 4, diante de /t/ o /s/ sofre posteriorização, realizando-se como /ʃ/.

7) /f/ /v/

Consoantes fricativas labiodentais, surda e sonora, respectivamente. Somente a sonora apresenta particularidade, a qual já foi apontada no item 5.

8) /r/ /l/

A vibrante /r/ só ocorre em posição intervocálica (*cera*), desde que a primeira vogal não seja uma nasal oriunda de um *n* já extinto na fala (v. item 5 e nota 22), e antecedido de consoantes (*cravo, pedra, preto*). Já a lateral, como em quase todo o Brasil, vocalizou, passando a *u* em coda silábica²⁸: *balde* [ːbaudzi], *anzol* [ãːzou]. Contudo, é possível que, antes dessa mudança ou paralelamente a ela, esse *l* implosivo tenha sofrido rotacismo e posteriormente debucalização, como sugerem tipos ainda bastante comuns no Sul da Bahia: [ːbafɪdzi] (*balde*), [vohːta] (*voltar*). O rotacismo do /l/ na Bahia é atestado por Gama (1978)²⁹. Registre-se ainda o apagamento do /l/ em posição final: *Juvená* < *Juvenal*, *miserave* < *miserável*, *papé* < *papel* etc. A fala culta ainda resiste a essas formas. Os dados de que disponho não me permitem, no momento, precisar quando ocorreu o apagamento – se antes ou depois da vocalização de /l/ final. O fenômeno é comum também em Pernambuco e Alagoas (v. Marroquim, id.) e provavelmente em outras regiões do país.

9) /ʎ/ /ɲ/

As consoantes palatais /ʎ/ e /ɲ/, representadas em nossa língua pelos grafemas *lh* e *nh*, respectivamente, são muito raras no DSB, particularmente na fala

28 Ou seja, em final de sílaba.

29 O rotacismo do /l/ já foi atribuído à influência indígena, possibilidade pouco aceita hoje. Marroquim (1934), tratando do fenômeno em Pernambuco e Alagoas, já lembrava que o rotacismo do /l/ sempre foi um fenômeno comum na língua portuguesa. Aliás, não se trata de um fenômeno exclusivo do português. Atestam-no igualmente o italiano e o grego moderno, para citar somente esses exemplos.

popular (v. 3.1.1.2 *Os ditongos*, n. 2). Aragão (1996) observa que as palatais em questão permanecem quando seguidas das vogais abertas /a/, /ɛ/ /ɔ/. No Sul da Bahia, seguido de ɛ, o /λ/ desdobra-se em *ly* (*mulher* > *mulyé*), na fala culta, ou reduz-se a *l^{3o}* (*mulher* > *mulyé* > *mulé*), na fala popular. O mesmo ocorre se a vogal for /e/: *colher* > *culyê*, na fala culta, *colher* > *culyê* > *culê*, na fala popular. Seguido de /a/, o mais comum é a palatal desdobrar-se em *ly*, tanto na fala culta, quanto na popular: *folha* > *folya*. No entanto, a iotização também é ouvida: *folha* > *folya* > *foya*. Situação semelhante ocorre com a palatal seguida de /ɔ/. Nesse caso também é mais frequente o desdobramento da palatal em *ly*: *melhor* > *melyó/milyó*. Na tradução, as formas cultas são grafadas com *li* (*mulié*, *melió* etc.). No caso do /ɲ/, ainda é possível ouvi-lo na fala culta nos casos apontados por Aragão, isto é, quando seguido de /a/, /ɛ/ /ɔ/, e particularmente se antecedido por uma vogal nasal: *arranha*, *sonho*, *conheço* etc. Todavia, o que predomina, tanto na fala culta como na popular, é o apagamento da palatal e a formação de ditongos, como apontado na seção correspondente. Em alguns falantes ainda se ouve o desdobramento da palatal em *ny*: *sonyo*, *tenyo*, *venyo* etc, indicando a fase intermediária da mudança. Na tradução, os grafemas *lh* e *nh* raramente aparecem. Formas como *mulher* e *tenho*, por exemplo, são grafadas *mulié/mulé* e *tẽũ*, respectivamente.

30 Este é também um traço da fala popular de Pernambuco e Alagoas atestado por Marroquim (1934: p. 87).

31 Ou /u/ - v. seção 3.1.2, n. 8.

10) /m/ /n/

Não apresentam particularidades em nosso dialeto.

3.2 A MORFOSSINTAXE

No nível morfosintático, as diferenças entre os diversos dialetos brasileiros são bastante discretas. Há mais semelhanças do que diferenças nesse nível de análise, de modo que é com base nesses traços comuns que talvez possamos falar em uma coíné (língua comum) brasileira, como foi dito na seção 2.1.

3.2.1 O SISTEMA NOMINAL

As mudanças fônicas expostas na seção anterior, sobretudo o apagamento das palatais /λ/ e /ɲ/ e a apócope de /u/ final, desencadearam mudanças também no sistema morfológico da língua. Assim, surgiram adjetivos biformes e substantivos de masculino em *-i* ou *-ĩ*: *o vei / a vea*, *vermei/vermea*, *o desẽĩ*, *o sõi*, *o bãĩ* etc. Com o apagamento do /l/³¹ final, surgem novos masculinos terminados em vogais orais, exceto em *-i* acentuado: *Juvená*, *papé*, *anzó*, *azu*, *possive*, *face*, *difíce* (mas: *funiu* < *funil*, *barriu* < *barril*). Na comunicação distensa, parte dessas formas já aparece na fala de pessoas letradas. *Vei*, *bãĩ* e *azu*, por exemplo, são de uso muito frequente. Note-se que, quando

se trata de palavras de uso menos frequente, as formas inovadoras não aparecem. O morfema {u} é mantido, como, por exemplo, em *risonho* [fi:zõyu], *tristonho* [triʃ:tõyu].

Em relação à concordância nominal na língua popular, é feita somente a concordância de gênero. Quanto ao número, a marca de plural (-s e seus alomorfes -z, -h e -f) só aparece nos determinantes, especialmente nos artigos e pronomes, como ocorre em todo o Brasil. A particularidade da fala sul-baiana³² está no fato de, em orações exclamativas e interrogativas, o morfema de plural aparecer em elementos invariáveis (advérbio e pronome invariável *que*): *Ques texto é que tu quer? Quez home bruto! Queh mulé é que vão contigo? Ques toalha suja!* Outro fato notável está em *que*, por conta da ausência de marca de plural nos substantivos e adjetivos, o locutor, quando se dirige a um grupo, se serve de alguns “macetes”: 1) utiliza palavras de sentido plural seguidas da preposição *de* e do elemento núcleo do sintagma nominal sem flexão (*cambada de mentiroso, monte de cínico, bando de ladrão, lote de bandido, tropa de vagabundo etc*); 2) nos insultos, é comum também a utilização de *seus / suas* (*Suah banda-voou! Seuh mentiroso!*); 3) para chamar o grupo, utiliza coletivos: *mulierada* em vez de *mulheres*, *rapaziada* em vez de *rapazes* e assim por diante) e 4) em alguns casos, utiliza os artigos no plural, seguidos do substantivo, recurso que se observa também em francês, língua na qual as marcas de plural raramente aparecem na fala (*Oh menino, cadê voceis? / Com' é que vão voceis, ah menina?* – cf. francês *Les garçons, où êtes-vous? / Comment allez-vous, les filles?*)

Por não haver marca morfológica de plural, a ausência de determinante pode ser índice de pluralidade. Assim, *construir navio* se opõe a *construir um navio*. O plural pode ser expresso com mais precisão por locuções e quantificadores (definidos ou indefinidos): *alguns/uns home, um boca' de navio, muitafi mulé etc*. Fenômeno semelhante ocorre em francês e em italiano, línguas nas quais o chamado artigo partitivo (sobretudo em francês) é imprescindível para a marcação do plural: *Le gouvernement a envoyé l'ambassadeur* [ãbasadoeh] (*O governo enviou o embaixador*) ~ *Le gouvernement a envoyé des ambassadeurs* [ãbasadoeh] (*O governo enviou embaixadores*). Note-se que é o partitivo *des* que marca o plural, já que o -s final de *ambassabeurs* não é pronunciado. Em italiano, igualmente, se o plural não for marcado morfológicamente, o uso do partitivo é obrigatório. Tal é, por exemplo, o caso de *città* [tʃit:ta] (cidade), cujo plural é *delle città* (cidades, umas cidades)

3.2.2 AS PESSOAS DO DISCURSO E O SISTEMA VERBAL

Tanto na fala culta quanto na popular, as pessoas do discurso são as seguintes:

³² Desconheço a existência deste fenômeno em outros dialetos, embora a considere provável.

SINGULAR	PLURAL
EU	A GENTE OU NÓS
TU / VOCÊ / O SĨÔ A SĨORA	VOCEIS
ELE-ELA	ELES/ELAS

A primeira observação a ser feita é que o dialeto possui três níveis de formalidade: *tu*, *você*, *o sãnô*, *a sãnora*³³. *Você* se opõe a *tu* não somente do ponto de vista da formalidade, mas também do ponto de vista do *status* do falante. Quando o discurso contém ordem, conselho ou repreensão dirigidos por um falante em posição de autoridade a alguém de posição inferior na escala hierárquica, normalmente é o *você* que se utiliza. As formas verbais e pronominais concordam com o *você*. Assim, em tom de repreensão, a mãe dirá ao filho: “Você não tem feito a tarefa de casa. Vá agora pro quarto e leve seus livros!”. O *tu* é mais afetivo, mas pode expressar também desdém, desacato e ofensa. Dirigindo-se ao filho com ternura, pedindo-lhe um favor, a mãe dirá: “Filhũ, tu faz um favor pra mãia? Vai ali na venda e compra um sabão pra mim.” Um cidadão revoltado com o prefeito de sua cidade poderá abordá-lo nestes termos: “Prefeito traidor, tu nũ merece o voto de ninguém!” Se, no entanto quiser felicitar o prefeito, utilizará o *você*, caso se trate de uma pessoa ainda jovem, ou *o sãnô / a sãnora*, se a pessoa já for idosa. *Voceis* é tanto formal quanto informal.

Não se pode dizer que o pronome *nóis* tenha caído em desuso. Na função de sujeito, a locução *a gente*, de fato, predomina³⁴, contudo os dois elementos linguísticos não são comutáveis em todos os contextos. Ambos possuem características que os distinguem. Lopes (2004 e 1999) aponta fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam o uso de *nós*, tais como a saliência fônica do verbo, o paralelismo discursivo, a faixa etária, o sexo e a origem do falante. No DSB, e provavelmente em outros, além dos casos apontados por Lopes, observa-se o uso frequente de *nós* nas seguintes situações: 1) em posição tônica, opondo sujeitos (*Eles é que são mentiroso, nóih não!*) e 2) quando o pronome é utilizado com palavras de sentido plural (*nóih dois, nóif todos / nóif tudo*). No que concerne à locução *a gente*, Lopes aponta uma importante função que o diferencia de *nós*, isto é, a função indeterminadora, que torna o discurso mais vago e genérico, pois essa forma pode englobar as demais pessoas (p. ex.: *A gente se sente indignado com tanta corrupção no país*)³⁵.

Na fala culta, a concordância verbal ainda se faz, entretanto já é nítida a influência da variante popular nesse registro, sobretudo quando se trata de falantes mais jovens. O quadro abaixo mostra a conjugação verbal na norma culta e na popular sul-baianas, no presente:

33 Ocorre muitas vezes a síncope do *-r*, de *a sãnora*, que passa a *a sora*.

34 É o que mostram outras pesquisas realizadas em todo o território brasileiro. Veja-se, por exemplo, o trabalho de Leite et alii (2013), no qual afirmam que, na comunidade pesquisada, “a forma *a gente* é usada em detrimento do *nós* na posição de sujeito”.

35 Exemplo meu.

NORMA CULTA	NORMA POPULAR
Eu ando	Eu ando
Tu anda	Tu anda
Você anda	Você anda
O sñô / A sñora anda	O sñô / A sñora anda
Ele-Ela anda	Ele-Ela anda
A gente anda	A gente anda
Nóis andamos/ mo	Nóis andamo/anda
Voceis and am /anda	Voceis anda
Eles-Elas and am /anda	Eles-Elas anda

Nota-se que o único traço da norma popular que ainda não ocorre na culta está na primeira pessoa do plural, ou seja, a eliminação do morfema *-mos/mo*. Também na primeira pessoa do plural temos o único caso em que a norma popular ainda usa uma marca de plural. As formas cultas *andamos* e *andam* são mais comuns em situações de monitoramento. No pretérito perfeito temos o seguinte quadro:

NORMA CULTA	NORMA POPULAR
Eu andei	Eu andei
Tu andô	Tu andô
Você andô	Você andô
O sñô / A sñora andô	O sñô / A sñora andô
Ele-Ela andô	Ele-Ela andô
A gente andô	A gente andô
Nóis andamos/ mo	Nóis andamo/andemo/andô
Voceis and aram /andaro	Voceis andaro/andô
Eles-Elas and aram /andaro	Eles-Elas andaro/andô

Em relação ao presente, as diferenças são as seguintes: 1) Na norma culta, a forma não-marcada da segunda e terceira pessoas do plural (*vocês/eles andô*) não ocorre. Isso se deve, provavelmente, ao fato de *-ram / -ro* serem foneticamente salientes e, portanto, mais resistentes, ao passo que, no presente, *-a*, do singular, e *-am*, do plural, não são muito distantes foneticamente e por isso se confundem mais facilmente no fluxo frasal ; 2) Certamente pela mesma razão, a norma popular ainda mantém a forma em *-ro (andaro)*; 3) Verifica-se que, na norma popular, na primeira pessoa do plural, a forma *andamo* tem

como variante *andemo*, que aparece, sobretudo, na fala de idosos ou de locutores da zona rural.

Na norma popular, para além dos casos apontados acima, só há flexão no futuro do subjuntivo e no infinitivo pessoal com o morfema –e (2a e 3a pessoas do plural): *Se voçais quisere, pode ficar aí / Pra eles fazere isso, precisa de dñero*. Na norma culta, embora raro, o morfema –mos (1a pessoa do plural) ainda ocorre na fala monitorada. No dialeto de Pernambuco, como já foi referido, há o morfema –sse (*tu fosse, tu visse, tu ficasse* etc) da segunda pessoa do singular do pretérito perfeito, mais comum na norma culta, segundo informantes pernambucanos.

No imperfeito do indicativo e do subjuntivo, bem como no presente do indicativo, só há, na norma popular, uma forma para todas as pessoas do discurso: *Eu fazia, tu fazia, ele fazia, nós fazia, voçais fazia, eles fazia / Se eu fizesse, se tu fizesse, se ele fizesse, se nós fizesse, se voçais fizesse, se eles fizesse / talvez eu faça, talvez tu faça, talvez ele faça, talvez nós faça, talvez voçais faça, talvez eles faça*. Consequência dessa simplificação morfológica foi o rigor sintático, ou seja, na impossibilidade de o verbo indicar a pessoa, o sujeito quase sempre tem de ser expresso³⁶.

O gerúndio³⁷, com o sujeito “todo mundo”, vem assumindo com frequência a função do imperativo da segunda pessoa do plural. Assim, em vez de “arrastem”!, diz-se “todo mundo arrastando”. É provável que isso esteja relacionado à tendência da língua a preterir a flexão. Outro recurso muito comum é o uso de *pode* + infinitivo: *Ei, voçais aí, pode dar o fora daqui!* Há ainda a possibilidade de se dizer *Voçais pode ir* + gerúndio: *Ei, voçais, pode ir saindo daí!*

O infinitivo *vĩ* caracteriza não somente o DSB. É atestado em todo o Brasil. Sempre houve uma tensão muito grande entre as formas do verbo *vir* e as do verbo *ver*, por conta da inexistência de traços distintivos fortes entre elas. Vejamos lado a lado algumas formas desses verbos na norma culta do DSB moderno:

PRESENTE

Vi(r)	Ve(r)
Eu <i>vẽĩũ</i>	Eu vejo
Tu <i>vẽĩ(s)</i>	Tu vê(s)
Ele <i>vẽĩ</i>	Ele vê
Nóis vimos	Nóis vemos
Voçais <i>vẽĩ</i>	Voçais vêẽĩ
Eles <i>vẽĩ</i>	Eles vêẽĩ

PRETÉRITO PERFEITO

Vi(r)	Ve(r)
Eu <i>vĩ</i>	Eu vi
Tu <i>vei(o)</i>	Tu viu
Ele <i>vei(o)</i>	Ele viu
Nóis <i>viemos</i>	Nóis vimos
Voçais <i>vieram</i>	Voçais viram
Eles <i>vieram</i>	Eles viram

36 Na literatura especializada, discute-se se o português brasileiro se tornou uma língua de sujeito pleno, como o francês ou o inglês, ou uma língua de sujeitos nulos licenciados pelo contexto, como diversas línguas africanas. Vejam-se, dentre outros, os trabalhos de Duarte (1995, 1993), Figueiredo (1996) e Negrão & Viotti (2000).

37 Nas formas do gerúndio, ocorre o apagamento do *-d-*. Isso é muito comum tanto na língua popular quanto na culta, na qual, porém, a forma antiga ainda é atestada. Na tradução, é mantido o *-d-*, assim como o *-r* dos infinitivos, que, na fala, também desaparece.

FUTURO DO SUBJUNTIVO

Vi(r)	Ve(r)
Se eu vier	Se eu vi(r)
Se tu vier	Se tu vi(r)
Se ele vier	Se ele vi(r)
Se nós viermos	Se nós virmos
Voceis viere	Se vocês vire
Eles vierẽ	Se eles vire

INFINITIVO PESSOAL

Vi(r)	Ve(r)
Para eu vi(r)	Para eu ve(r)
Para tu vi(r)	Para tu ve(r)
Para ele vi(r)	Para ele ve(r)
Para nós virmos	Para nós vermos
Para voceis vire	Para voceis vere
Para eles vire	Para voceis vere

As formas destacadas com o vermelho são as que não se distinguem morfológicamente. Para os falantes da norma culta, aqueles que leem mais e que têm mais acesso à educação, essa coincidência não constitui um grave problema, já que os sentidos não são produzidos por um único elemento linguístico, mas por um conjunto de elementos linguísticos e extralinguísticos. Em outras palavras, os utilizadores da norma culta estão mais acostumados a depender do contexto para decodificarem as mensagens de seus interlocutores. Além disso, na fala culta, o esforço é maior para a preservação dos traços distintivos, como, por exemplo, do *-h* final de *vir* [vih], distinguindo-o de *vi*. Entretanto, na norma popular, as coisas não se passam assim. Nela, não há esforço para se preservarem elementos cuja existência, muitas vezes, é até ignorada (muitos falantes nem sabem que há um *-h* final em *vir* na norma padrão). Por conseguinte, a tendência é a de eliminar formas que não sejam transparentes e que impliquem maior grau de dependência do contexto no processo de decodificação do sentido. Lightfoot (1979) postulou que uma mudança linguística não podia mais ser descrita exclusivamente ou principalmente como mudança de regras, como até então queriam os gerativistas. Elaborou, portanto, o “princípio da transparência”, que controla os limites de opacidade e do número de exceções numa gramática. De acordo com Lightfoot, com o passar do tempo, é possível que se desenvolva numa gramática complicação excessiva, opacidade ou grande número de exceções. Quando isso ocorre, a gramática chega ao limite de tolerância e então intervém o princípio da transparência, impondo aos falantes uma reestruturação pontual do sistema. Isso não significa que, quando a situação chega a esse ponto, a língua entre em colapso e a comunicação fique comprometida. O que acontece é que aumenta excessivamente o grau de dependência do contexto. Até um dado momento, a forma *vi* era exclusiva da primeira pessoa do singular do pretérito perfeito. No momento em que teve início o processo fonológico que culminou na eliminação do *-r* [h] (apócope), começaram a produzir-se frases que soavam estranhas ou até agramaticais para alguns falantes. Assim, ao ouvir um enunciado como *Dona Rosa nunca*

mais vei(o) cá, maif disse que 'tá com vontade' de vi(r), é possível que o interlocutor, no mínimo, se surpreendesse, como nós nos surpreenderíamos hoje, se ouvíssimos algo assim (vontade de [vi]??). Esse fato veio aumentar a opacidade entre formas dos verbos vir e ver: Já havia coincidências entre a primeira pessoa do plural do presente e do pretérito perfeito – *nóis vimos*: verbo *vir*, no presente, e *ver*, no pretérito perfeito – e entre todas as pessoas do futuro do subjuntivo e as do infinitivo pessoal, de maneira que, para eliminar a opacidade e trazer estabilidade para o sistema, se generalizou, na norma popular, a nasalização da vogal do lexema de todas as formas do verbo *vir*³⁸, inclusive do infinitivo, contrapondo-as às do verbo *ver*, que apresentam vogais orais³⁹. A nasal já existia em todas formas do presente do indicativo (*venho, vem...*) e do subjuntivo (*venha venhamos...*), no imperfeito do indicativo (*vinha, vínhamos...*), na primeira pessoa do pretérito perfeito (*vim*), no gerúndio e no particípio (*vindo*). Agora, a única exceção é a forma *vei(o)* (v. nota 37). Além do infinitivo *vĩ*, as outras formas inovadoras são: as do plural do pretérito perfeito (*vĩẽmo e vĩero*), do imperfeito do subjuntivo (*vĩesse* – para todas as pessoas do discurso na fala popular), do futuro do subjuntivo (*vĩé*, para todo o singular e a primeira pessoa do plural, *vĩere*, para a segunda e a terceira pessoas do plural) e do infinitivo pessoal (*vĩ*, para todo o singular e a primeira pessoa do plural, *vire*, para a segunda e a terceira pessoas do plural).

A dupla negação *não...não* é uma característica da grande maioria dos dialetos brasileiros (se não do português brasileiro em geral). No DSB, a que antecede o verbo é sempre *nũ* e a que lhe sucede ou sucede seu complemento é sempre *não*. Quando há só uma negação antecedendo o verbo, usa-se tanto *nũ* quanto *não*. É muito frequente a omissão da primeira negação em respostas e com verbos no imperativo: -Quer suco? -Quero não. / Faz isso não! A segunda negação é sempre o último elemento da frase, por mais extensa que esta seja: *Seu delega, será que o sãõ nũ 'tá jogando muita conversa fora não?* (LISÍSTRATA, v. 467).

Observa-se nas últimas décadas grande ascensão das igrejas protestantes no Brasil com seus projetos de evangelização em massa, que não se restringem aos trabalhos nas igrejas, mas também adentram os lares, formando as chamadas células. Cada célula é dirigida por um líder que tem de passar por uma escola de formação. Concluídos os estudos, o líder inicia o trabalho com seus discípulos. A bíblia e sua língua erudita estão na base desse programa ambicioso, cujo impacto no comportamento linguístico dos fiéis é evidente. Nas comunidades do Sul da Bahia, por exemplo, é possível notar, na fala de pessoas simples, estruturas e vocabulário considerados arcaizantes ou que tendiam ao desuso. Os elementos eruditos costumam alternar com os inovadores. Numa mesma fala, uns e outros podem ocorrer. Assim, o falante pode

38 Exceto na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito (*veio > vei*), forma que aliás é bem saliente foneticamente. Se a nasalização fosse estendida também a esta forma, ela coincidiria com a primeira pessoa do singular do presente *vēiu* (*venho*) ou com a terceira pessoa, já que o -u sofre apócope: *veio > vei*. Com a nasalização de *vei*, essa forma coincidiria com a terceira pessoa do singular do presente *vēi* (*vem*).

39 Exceto na primeira pessoa do plural do presente e do pretérito perfeito – *vemos / vimos*, formas que, no entanto, raramente aparecem na fala popular.

iniciar o discurso utilizando formas do condicional e em seguida substituí-las pelas do imperfeito do indicativo; ora utiliza as formas do futuro do subjuntivo dos verbos fortes (*se ele for, se ele quiser*), ora as substitui pelas do infinitivo pessoal (*se ele ir, se ele querer*). Consequentemente, embora não seja este seu objetivo principal, a igreja e seu discurso erudito propiciam o acesso à norma culta a muitos que não tiveram uma educação formal e interferem no curso natural da língua, ora retardando mudanças ora até mesmo sustando-as ou invertendo tendências.

GRAFEMAS ESPECIAIS UTILIZADOS NA TRADUÇÃO

- ñ** Substitui o *s*, o *z*, o *x*, o *ch* ou *v* em vários contextos. Representa o mesmo som de *r* na palavra marmelada. Assim, palavras e expressões como *mesmo*, *dois dia*, *debaixo do braço* e *vumbora* (vamos embora), por exemplo, são grafadas da seguinte maneira: *mefimo*, *doifi dia*, *fumbora*;
- ẽĩ eũ iũ/ĩ ü** Representam *-em*, *-enho*, *-inho* e *-ão* (somente na palavra “*não*” anteposta ao verbo), respectivamente, da escrita tradicional (*tẽĩ < tem*, *vẽũ < venho*, *bichĩũ/bichĩ < bichinho*, *nũ < não*).
- ɸ e ɖ** Representam *t* e *d* diante do fonema *i* (representado por *i* ou *e*) no dialeto de Pernambuco. Em palavras como *tinha*, *gente*, *dia* e *verde*, deve-se pronunciar o *ɸ* e o *ɖ* com a parte anterior da língua apoiada no alvéolo e a ponta tocando ligeiramente os dentes.

REFERÊNCIAS

a) Estudos Linguísticos

- ALENCAR, M. S. M. 2005. Variação dos fonemas /R/ e /r/ no falar de Fortaleza. *57ª Reunião Anual da SBPC*.
- AMORIM, G. S. 2009. *O Comportamento do /E/ e do /O/ Pretônicos: Um Estudo Variacionista da Língua Falada Culta do Recife*. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE.
- ARAGÃO, M. S. S. 2000. “Aspectos Fonético-Fonológicos do Português Não-Padrão do Ceará: A Despalatalização e Iotização”. Em: GARTNER, E. et alii. (Org.). *Estudos Geolingüísticos do Português Americano*. Frankfurt am Main: TFM, v. 1, p. 159-184.
- ARAGÃO, M. S. S. 1996. “A Despalatalização e Conseqüente Iotização no Falar de Fortaleza”. Em: *XIV Jornada de Estudos Lingüísticos do GELNE*. Natal.
- BAGNO, M. 2003. *A Norma Oculta*. São Paulo: Parábola.
- BERNARDINO, B. 2002. *Minidicionário de Pernambuquês*. Recife: Bagaço.
- BISOL, L. 1981. *Harmonização Vocálica: Uma Regra Variável*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ.

- CAGLIARI, L. C. 1998. “Sons do R em Português e a Geometria de Traços”. Em: *Anais de Seminários do GEL 1998*. São José do Rio Preto: UNESP - IBILCE, v. 27. p. 534-539.
- CALLOU, D. 2009. “Um Perfil da Fala Carioca”. Em: RIBEIRO, S. S. C. et alii (Orgs). 2009. *Dos Sons às Palavras: Nas Trilhas da Língua Portuguesa*. Salvador: EDUFBA.
- CALLOU, D. et alii. 1998. “Apagamento do R Final no Dialeto Carioca: um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real”. *DELTA*, vol.14. São Paulo.
- CHOMSKY, N. 1986. *Knowledge of Language: Its Nature, Origins and Use*. New York: Praeger
- CHOMSKY, N. & LASNIK, H. 1993. “Principles and Parameters Theory”. In Chomsky, N. *The Minimalist Program*, cap. 1, p. 13-127, Cambridge: Mass.
- DUARTE, M. E. L. 1995. *A Perda do Princípio "Evite Pronome" no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP.
- DUARTE, M. E. L. 1993. “Do Pronome Nulo ao Pronome Pleno: A Trajetória do Sujeito no Português do Brasil”. Em: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.). *Português Brasileiro: Uma Viagem Diacrônica*, pp. 107-128. Campinas: EdUNICAMP
- FARACO, C. A. 2004. “Norma-padrão Brasileira: Desembaraçando alguns nós”. Em: BAGNO, M. (org.). *Linguística da Norma*. São Paulo: Humanística.
- FIGUEIREDO SILVA, M. 1996. *A Posição Sujeito no Português Brasileiro – Frases Finitas e Infinitivas*. Campinas: EdUNICAMP.
- GALVES, C. 1993. “O Enfraquecimento da Concordância no Português Brasileiro”. Em: ROBERTS & KATO (Orgs.) *Português Brasileiro. Uma Viagem Diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP.
- GAMA, N. V. 1978. “Nota sobre Duas Possíveis Correntes de Expansão da Língua Portuguesa na Bahia”. *Universitas* 19, pp. 89-109. Salvador.
- GREGIO, F. N. 2012. “Variantes do “r” em Posição de Coda Silábica: um Estudo Fonético-Acústico”. *Revista Intercâmbio*, v. XXVI: 80-94, 2012. São Paulo: LAEL/PUCSP.
- ILARI, R. & BASSO, R. 2011. *O Português da Gente: A Língua que Estudamos, A Língua que Falamos*. São Paulo: Contexto.
- KLUNCK, P. 2007. *Alçamento das Vogais Médias Pretônicas sem Motivação Aparente*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUC.
- LEITE, C. Z. et alii. 2013. “Entre Nós & A Gente – O Português Brasileiro se Afirma”. *Revista Ave Palavra*, 15. Araguaia: UNEMAT.
- LEITE, Y. & CALLOU, D. 2002. *Como Falam os Brasileiros*. Rio de Janeiro: Zahar.
- LIGHTFOOT, D. 1979. *Principles of Diachronic Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LOPES, C. R. S. 2004. “A Gramaticalização de A Gente em Português em Tempo Real de Longa e de Curta Duração: Retenção e Mudança na Especificação

- dos Traços Intrínsecos”. Em: *Fórum Lingüístico*, v. 4, n.1, pp. 47-80. Florianópolis.
- LOPES, C. R. S. 1999. *A Inserção de “a gente” no Quadro Pronominal do Português: Percurso Histórico*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ.
- LUCCHESI, D. 2009. “A Realização do /S/ Implosivo no Português Popular de Salvador”. Em: RIBEIRO, S. S. C. et alii (Orgs). 2009. *Dos Sons às Palavras: Nas Trilhas da Língua Portuguesa*. Salvador: EDUFBA.
- MAIA, E. M. 1991. *No Reino da Fala: A Linguagem e seus Sons*. São Paulo: Ática.
- MARROQUIM, M. 1934. *A Língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.
- MATTOS E SILVA, R. V. 2008. *O Português Arcaico: Léxico e Morfologia*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- MATTOS E SILVA, R. V. 2006. *O Português Arcaico: Fonologia, Morfologia e Sintaxe*. São Paulo: Contexto.
- MONTEIRO, J. L. 2002. *Para Compreender Labov*. Petrópolis: Vozes.
- NEGRÃO, E. V. & VIOTTI, E. 2000. “Brazilian Portuguese as a Discourse-Oriented Language”. In: KATO, M. A, et alii. *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*, pp. 149-175. Madri: Iberoamericana.
- NOLL, V. 2009. “O Mito da Origem Portuguesa do Chiamento Carioca” Volker Noll. Em: RIBEIRO, S. S. C. et alii (Orgs). 2009. *Dos Sons às Palavras: Nas Trilhas da Língua Portuguesa*. Salvador: EDUFBA.
- RENNICKEL, I. & MARTINS, P.T. 2013. “As Realizações Fonéticas de /R/ em Português Europeu: Análise de um Corpus Dialetal e Implicações no Sistema Fonológico”. Em: *Anais do XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: APL, pp. 509-523, ISBN: 978-989-97440-2-8.
- RIBEIRO, S. S. C. et alii (Orgs). 2009. *Dos Sons às Palavras: Nas Trilhas da Língua Portuguesa*. Salvador: EDUFBA.
- ROSSI, N. 1963. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: INL.
- SANTOS, A. M. B. 2003. “A Suposta Supremacia da Fala Carioca: Uma Questão de Norma”. Em: *Anais do VII Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno12-07.html> (consultado em 04/05/2016).
- SCHERRE, M. M. P. 1993. “Duas Dimensões do Paralelismo Formal na Concordância Verbal no Português Popular do Brasil”. *D.E.L.T.A. PUC-SP*, vol. 9, nº. 1.
- SCHERRE, M. M. P. et alii. 2007. “Reflexões sobre o Imperativo em Português”. *DELTA* vol. 23, 93-241.
- SILVA, J. J. D. & COSTA, C. P. G. 2014. “Debutalização e Fonologia Autossegmental”. Em: *Letrônica*, vol. VII, n. 2, pp. 627-651. Porto Alegre: PUCRS.
- SILVA, T.C. 2002. *Fonética e Fonologia do Português Brasileiro: Roteiro de Estudos*

- e Guia de Exercícios*. São Paulo: Contexto.
- TESNIÈRE, L. 1976. *Éléments de Syntaxe Structurale*. Paris: Klincksieck.
- TEYSSIER, P. 2007/1997. *História da Língua Portuguesa*. Edição brasileira. São Paulo: Martins Fontes.
- VIEGAS, M. C. 1987. *Alçamento das Vogais Médias Pretônicas: Uma Abordagem Sociolingüística*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG.
- WILLIAMS, E. B., 1975/1938. *Do Latim ao Português*. Edição brasileira. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

b) Edições de *Lisistrata*

- ARISTOPHANE. 1923. *Les Oiseaux, Lysistrata*. Texte établi par Victor Coulon et traduit par Hilaire van Daele. Paris, Les Belles Lettres.
- ARISTOPHANES. *Birds. Lysistrata. Women at the Thesmophoria*. Edited and translated by Jeffrey Henderson. Loeb Classical Library/ Harvard University Press.
- ΑΡΙΣΤΟΦΑΝΗΣ. 1993. *Λυσιστράτη*. Μετάφραση του Κώστα Γεωργουσόπουλου και Επιμέλεια του Βασιλείου Μανδηλαρά. Αθήνα: Κάκτος.



DIĤMANCHATROPA

Veem-se a casa de DiĤmanchatropa e a de Lindavitória. Ao fundo aparecem os pórticos da acrópole. De um lado, a gruta de Pã. DiĤmanchatropa anda de um lado para o outro em frente de casa.

DIĤMANCHATROPA

Mas³⁹ se alguém tivesse chamado elas pra uma festa de Baco ou de Pã ou de alguma divindade ligada a Afrodite lá no Cabo Coliás⁴⁰, ninguém ia poder passar por causa da batucada.

Agora não se acha aqui uma mulié sequé!

Só mĩa vizĩa é que vem saindo.

-Bom dia, Lindavitória!

LINDAVITÓRIA

Pra tu também, DiĤmanchatropa!

Que alvoroço é esse? Nũ faz essa cara carrancuda não, minina!

Não combina contigo frangir⁴¹ as sobrancêlia.

DIĤMANCHATROPA

Mas, ô Lindavitória⁴², meu coração 'tá pegando fogo e 'tô sofrendo muito por causa de nóif mulé⁴³.

Pros home a gente nũ passa de um bando de astuciosa.

LINDAVITÓRIA

Ô louvado seja Deus! E a gente é meĤmo.

DIĤMANCHATROPA

Mandei recado a elas pra a gente se encontrar aqui pra discutir sobre um negoço que não é de brincadeira.

Mas aí, ó',... continua tudo dormindo e nem faz⁴⁴ tenção de vĩ⁴⁵.

LINDAVITÓRIA

Mas elas vêm, mĩa nega! É difícil meĤmo pra uma mulé sair de casa.

Dafĩ nossa, uma ficou ocupada com o marido, ota foi acordar o criado, ota foi botar o nẽẽ pra dormir, ota foi dar bãĩ e ota, a papĩa.

39 Como observa Henderson (1985: 66), a peça começa *in mediis rebus*. Quando DiĤmanchatropa começa a falar, alguns pensamentos já se passaram por sua cabeça. Para recuperar o sentido da conjunção adversativa que introduz a fala da personagem, a atriz ou ator que a interpretar pode, andando de um lado para o outro para exprimir a impaciência e o desapontamento de DiĤmanchatropa, murmurar frases como: “A gente marca uma reunião tão importante dessa e elas não aparece...” E já em voz alta: “Mas se alguém...”

- 05** **40** Genetílide (Γενετυλλίς) é o nome de várias divindades associadas a Afrodite. No texto aparece no singular, referindo-se, provavelmente, à deusa da procriação. Pausânias (I, 1:5) informa que, a vinte estádios do Fáleron, porto de Atenas, no Cabo Coliás, havia uma estátua de Afrodite Coliada e das Genetílides. Essa informação é importante para a compreensão do fragmento, cuja tradução apresenta variação nas diversas edições do texto. Seguindo edições (como a grega Kaktos, v. bibliografia), nas
- 10** quais [ēs] representa somente a preposição *εις* antes de *Γενετυλλίδος*, pode-se compreender o fragmento assim: *εί τις ... αύτὰς ἐκάλεσεν ... εις Γενετυλλίδος (ἐ)πι Κωλιάδ(α)*, isto é, “se alguém tivesse chamado elas para [uma festa] de Genetílide sobre o/no Cabo Coliás...”. É assim que os tradutores da Kaktos e Trajano Vieira (2011) compreendem o fragmento. Se, no entanto, seguirmos edições (como a de Henderson, id.), nas quais [ēs] representa dois elementos (a conjunção alternativa *ἢ* e a preposição *εις* sob sua forma aferésica *ίς*) antes do nome da divindade, impedindo a interpretação de (ἐ)πι Κωλιάδ(α) como complemento adverbial de *εις Γενετυλλίδος*, (ἐ)πι Κωλιάδ(α) deverá ser entendido como complemento de *ἐκάλεσεν*, como se vê na tradução de Duarte (2005), por exemplo. *Κωλιάδ(α)* referir-se-ia, portanto, não ao lugar onde a deusa é cultuada, mas à própria deusa. Ou seja, *Κωλιάς* seria um

DIĤMANCHATROPA

Tá, mas aqui tem coisa mais importante do que isso tudo.

LINDAVITÓRIA

Mas o que é que 'tá acontecendo, Diĥmanchatropa, mĩa amiga? Pra quê é que tu 'tá convocando esse adjunte com a gente? Qual é o negoço? De que tamã é?

DIĤMANCHATROPA

É grande⁴⁶.

LINDAVITÓRIA

E grosso também?

DIĤMANCHATROPA

Bem grosso. Te juro.

LINDAVITÓRIA

Então quec⁴⁷ a gente 'tá esperando?

DIĤMANCHATROPAa

Não é bem assim. Se fosse assim, a gente tĩa⁴⁸ se reunido rapidĩũ. Mas é um negoço que eu veũ acalentando e remexendo em tantaĥ note⁴⁹ que eu teũ passado em claro.

LINDAVITÓRIA

Será que, de tanto tu remexer, ele nũ ficou finĩũ não?

DIĤMANCHATROPA

Pois é, tão fino como um fio. E a salvação da Grécia toda 'tá por esse fio, quer dizer, 'tá em nós aĥ mulé.

LINDAVITÓRIA

Oxe⁵⁰, naĥ mulé?! Danou-se! 'Tá não, 'tava! Daqui a pouco esse fio quebra!

DIĤMANCHATROPA

[Tão fino que] a sord⁵¹ da cidade 'tá em nós... Senão ela some e some junto os peloponésio.

20

epíteto de Afrodite, possibilidade sugerida também pelos tradutores da *Kaktos* (v. nota 3). Causa estranheza, no entanto, a mudança, ao que parece sem razão, da regência do verbo *καλέω* de *εἰς* para *ἐπί*, o que pode indicar que a primeira hipótese é a mais provável.

41 O DSB conserva a forma antiga do verbo *frangir*, que alterna com *franzir*, sobretudo na fala dos mais jovens.

42 É muito comum no DSB o emprego da interjeição *ô* e sua variante *ê* nos vocativos. A entonação da voz indica se se trata de uma chamada ou de um alocação que dá continuidade a uma conversa já iniciada, como é o caso da fala de Diĥmanchatropa. Muitas vezes a entonação da voz dá à interjeição uma forte carga emotiva, o que também se verifica aqui.

43 *Mulié* / *mulé*. As duas formas alternam no dialeto. A segunda é mais popular. Um mesmo falante pode utilizar as duas formas alternadamente.

25

44 O plural está expresso em *tudo* (= elas todas).

45 ...nem faz tenção de vir.

46 Diĥmanchatropa utiliza o adjetivo *μέγα* / *grande* com o sentido de importante, mas Lindavitória o interpreta literalmente, pensando tratar-se de algo relacionado à esfera sexual.

47 A forma desenvolvida *o que é que* também não é rara.

30

48 *Tĩa* (tinha): As formas do condicional são cada vez mais raras, o que, aliás, se observa em todo o Brasil e em Portugal.

49 Note: noite.

50 Interjeição oriunda de *oxente*, esta de *ô gente*. Emprega-se para exprimir surpresa e/ou reprovação. Sua

LINDAVITÓRIA

Com fé em Deus! É melhor que eles suma mefmo!

DIHMANCHATROPA

Que morra também os beócio tudo!

LINDAVITÓRIA

Nem todos! Tira as enguia desse bolo⁵².

DIHMANCHATROPA

Ó⁵³, sobre Atenas ñ vai sair de mĩa boca nenhuma dessas palavra ruim.

Agora pensa mais eu⁵⁴:

Se ahi mulé se juntare⁵⁵ aqui,

ahi da Beócia, ahi do Peloponeso

e nóis, nohi vamo salvar a Grécia.

LINDAVITÓRIA

Mas o quê assim de ajuizado ou brilhante mulié podia fazer? Nóis que ficamo em casa toda emperiquitada, com aquelas roupa amarelo-çafrão, aqueles vistidão⁵⁶ reto que vem lá da Ciméria e com aquelas sandália de luxo?

DIHMANCHATROPA

Pois é tudo isso mefmo que eu espero que salve a gente:

ropia⁵⁷ amarelo-çafrão, perfume, sandália de luxo,

uma maquiagezã e os vistidũ transparente.

LINDAVITÓRIA

Oxe, e de que maneira a gente vai fazer isso?

DIHMANCHATROPA

De maneira que nenhum home

levante lança contra os oto...

LINDAVITÓRIA

Vou pintar um vistido de amarelo açafão!

DIHMANCHATROPA

...nem pegue em escudo...

repetição (oxe oxe) acentua a surpresa/reprovação.

35 **51** *Sord' da cidade*: Sorte da cidade. Com a apócope do *-e*, o *t* de *sorte* se assimila ao *d* de *da* e quase não se ouve.

52 Pode-se dizer também "Tira as enguia do meio". A enguia é um peixe de corpo serpentiforme, marinho e de água doce, comum na Europa. As do Lago Copais eram apreciadas em toda a Grécia, mas sua importação foi embargada durante a Guerra do Peloponeso (431 – 404 a. C.)

40 **53** Olha...

54 *Mais eu*: comigo.

55 O infinitivo da terceira pessoa do plural ora aparece sob sua forma desnasalizada e com o apagamento do *-i* final (*juntarēi* > *juntare*), ora sem flexão.

45 **56** Diante de */t/ o /s/* palatiza-se em */ʃ/*. Quanto ao *ὀρθοστάδιον*, que traduzi por "vestidão reto" era uma túnica longa, sem cinto, que ia do colo aos pés. A tradução por *túnica*, termo erudito, destoaria da coloquialidade da fala da personagem.

57 *Ropia*: roupinha. Na sequência lê-se *vistidũ* (vestidinho).

50

LINDAVITÓRIA

Vou botar meu vistido da Ciméria...

DIĤMANCHATROPA

nem em punhal.

LINDAVITÓRIA

Vou comprar sandália de luxo.

DIĤMANCHATROPA

Mas nũ era pr' aĥ mulé já 'tar'⁵⁸ aqui não?

LINDAVITÓRIA

Já era pra tere vindo voando – isso sim.

DIĤMANCHATROPA

Já já tu vai ver, fofa...

Mulé ática só age depois que nũ precisa.

Não se vê uma mulé sequé por ali, nenhuma de lá daquelas banda da praia, nem de Salamina.

LINDAVITÓRIA

Mas eu bem sei que elas saíro⁵⁹ de manhãzã, tudo montada e de perna arreganhada⁶⁰, cada qual em seu barquũ a remo.

DIĤMANCHATROPA

Nem as que eu esperava e contava que fosse as primeira a dar o ar da graça, as acarnense⁶¹, ainda nũ chegaro.

LINDAVITÓRIA

Pelo menos a mulé de Teógene, vindo pra cá, tava levantando um brinde⁶². Mas vêm vindo umas ali...

DIĤMANCHATROPA

Otas⁶³ também vêm se aproximando...

LINDAVITÓRIA

De onde são?

58 'tar': estarem.

59 Como na grande maioria dos dialetos brasileiros, o ditongo nasal [ãũ], da terceira pessoa do plural, sofre monotongação em [u]: saíram > saíro.

60 Lindavitória parece insinuar o ato sexual. Tanto a noite como o crepúsculo matinal são referidos, normalmente, como as horas preferidas para o sexo. Vejam-se, por exemplo, os versos 966 e 1089.

61 Diĥmanchatropa esperava que primeiro as acarnenses chegassem, dado que a gente de Acarnas vinha sofrendo com os males da guerra do Peloponeso desde 431 a. C., ou seja, desde o início, e naquela época ainda sofria os ataques dos espartanos, reunidos em suas fortificações de Decéleia. Fonte: Edição Kaktos, nota 11.

62 O adjetivo ἀκάτειον se refere a ἄκατος, cujo significado pode ser tanto “pequeno barco” como “vaso alongado”. Lindavitória afirma que a mulher de Teógene estaria erguendo esse vaso, que, provavelmente, lembrava a forma do pênis, que, como o barco, seria pequeno. O comentador antigo (v. edição Káktos, nota 12) explica que Teógene era um fanfarrão e Lindavitória o satiriza por seu pequeno ἀκάτειον (note-se a semelhança da desinência do adjetivo, aqui substantivado, com a do diminutivo em -ιον), insignificante, comparado aos κέλητες. A tradução de Duarte (id.) – “brinde” – é interessante porque mantém a ambiguidade do original, além de insinuar algo pequeno e de pouco valor. Para reforçar a ambiguidade, a entonação da voz e as expressões faciais do/a ator/atriz serão muito importantes.

63 V. nota 18.

DIHMANCHATROPA

De Fedegosal⁶⁴.

LINDAVITÓRIA

Vixe! Danou-se! parece que a gente foi mexer com quem 'tava queto⁶⁵.

(Chegam Xibiuceta e outras mulheres)

XIBIUCETA

Será que 'tamo atrasada, Dihmanchatropa?
Que foi? Por que tu 'tá queta?

DIHMANCHATROPA

'Tô retada contigo, Xibiuceta!
Isso não é hora de tu chegar pra um negócio tão importante desse não!

XIBIUCETA

É que eu penei pra achar mĩa cinta no escuro.
Mas se tem alguma coisa de urgente, conta aí pra nós que 'tamo aqui.

DIHMANCHATROPA

Peraí, vamo esperar mais um poquĩũ⁶⁶
pra ver se as beócia e as
peloponésia chega.

XIBIUCETA

Isso mefmo! Tu tem razão.
Ólia ali, ó, Lampito⁶⁷ também vem chegando.

(Chegam Lampito com uma beócia e uma conrítia)

DIHMANCHATROPA

Oi, Lampito, mĩa querida lacônia!
Que beleza essa tua, fofĩia!
Ólia só que cor! Que viço! Queh⁶⁸ muque!
Tu podia esganar até um toro⁶⁹!

LAMPITO

Por deus do céu! Também acho.
Eu faço ginástica e salto levantando os calcanhar na direção da bunda⁷⁰.

64 Ἀνάγυρος (Anagiros): região cujo nome é o mesmo de uma planta fétida que existia ali (v. Ed. Kákτος, nota 13). Em português, fedegosal é uma área onde há muitos fedegosos, planta que também exala um odor desagradável, assim como o anagiros.

65 Queto: quieto.

66 Ποquĩũ: pouquinho.

67 O nome de Lampito sugere que ela pertence à classe social alta. Entre as mulheres com o mesmo nome, estava a mãe do rei de Esparta, Age II, que, naquela época, era o comandante da guarda em Decéleia. Fonte: Ed. Kákτος, nota 14. Ólia = olha.

68 Queh muque! = Que muques!
Consulte-se o estudo introdutório, 3.2.1 O sistema nominal.

69 Em *República dos Lacedemônios* (I : 4), Xenofonte refere que Licurgo tinha determinado que, assim como os meninos, as meninas deveriam se exercitar na ginástica e competir entre si na corrida e na resistência. Pais fortes geravam filhos fortes. Isso era impensável para os atenienses, cujas atividades se restringiam ao lar.

70 O dialeto de Lampito, o lacônico, será marcado, na tradução, por traços do dialeto pernambucano, no qual não ocorre o africamento das dentais /t/ e /d/ diante de /i/. Portanto, "ginástica" e "direção" devem ser pronunciados [zinaʃtika] e [diressãũ], respectivamente, e não [zinásʃtʃika] e [dziresãũ]. Na tradução, serão representados pelos grafemas ʃ e ð, respectivamente. Além disso, a pronúncia pós-alveolar do /s/ – [ʃ / ʒ] – ocorre diante de qualquer consoante e em posição final naquele dialeto e aqui será também um traço da fala de Lampito. Assim, em vez de "os calcanhar", dir-se-á "oʃ calcanhar".

DIhMANCHATROPA

E que coisa linda esses petcho⁷¹ aí que tu tem, hein?!

LAMPITO

Voceis me bulindo assim, 'tô me sençando já um frango de macumba!

DIhMANCHATROPA

E essa ota mocia aí, de onde é?

LAMPITO

É uma que mandaro⁷² da Beócia pra falar com voceis.

DIhMANCHATROPA

É por isso que ela é assim tão viçosa, bem plantada...
que nem os campo da Beócia.

LINDAVITÓRIA

É... campũ bem capinado
como pede a estação.

DIhMANCHATROPA

E essa ota minina?

LAMPITO

Ah, essa daí é uma
grã-fina coríntia.

DIhMANCHATROPA

'Tá se vendo...É grande mehmo...
Tanto de frente como de costa.

LAMPITO

Mas quem foi que reuniu
esse mon' de mulé⁷³?

DIhMANCHATROPA

A degas aqui, ó'.

LAMPITO

Pois então diga⁷⁴ aqui pra a genç'

71 No DSB, nos ditongos ai, ei, oi, e ui, diante de /t/ e /d/, ocorreu a metátese do /i/ que resultou no africamento das consoantes em questão: peito > petʃso / doido > dodʒo. As formas inovadoras alternam com as do padrão.

85

72 Na terceira pessoa, a marca de plural é obrigatória no verbo quando se trata de sujeito indeterminado.

73 Esse *mon' de mulé*: esse monte de mulher.

74 O uso do chamado "imperativo supletivo" entre iguais não é comum no DSB, no qual esse imperativo tem uma função bem específica, que é sobretudo a de enfatizar a ordem, o pedido ou o conselho, exprimindo seriedade, indignação ou ameaça. Já em Salvador e em outro pontos do Nordeste, ele é muito mais usual (v. Scherre et alli, 2007). Lampito, Iacônia (pernambucana), diz "Pois então diga". Diñmanchatropa, ateniense (sul-baiana) diria, provavelmente, "Pois então diz".

90

o que é que tu 'tá querendo...

LINDAVITÓRIA

É, mĩa nega,
conta logo esse negoço tão sério que 'tá te agonizando.

DIĥMANCHATROPA

Já já. Mas antes quero indagar
uma coisã de voceis.

LINDAVITÓRIA

O que tu quiser.

DIĥMANCHATROPA

Voceifĩ nũ 'tão com saudade dos pai dos filio
de voceis que 'tão no exército⁷⁵ não? Eu sei que o marido de cada uma 100
de voceis 'tá longe de casa.

LINDAVITÓRIA

O meu – coitada de mim! – 'tá há cinco mês
lá na Trácia vigiando Eucrates⁷⁶.

XIBIUCETA

O meu já 'tá há sete mês certũ em Pilos.

LAMPITO

O meu, se alguma vez vier do pelotão, 105
nem bem chega e já foi s'embora estrada afora com o escudo⁷⁷ debaixo do braço.

DIĥMANCHATROPA

Pois é, aqui nũ ficou nem a sombra de um ganhãõ⁷⁸.
Defide quando oĩ milésio⁷⁹ traíro a gente,
eu nũ vi mais consolo de oito dedo de grossura,
que era pra a gente um aliviozũ de coro.
Pois então, se eu descobrisse um jeito,
voceis toparia botar um fim nessa guerra comigo?

LINDAVITÓRIA

Por deufĩ do céu!

75 Pronuncie-se [ezésitu], já que -r- [r̃] diante de [s] é assimilado.

95 **76** Emprega-se um nome de pessoa para indicar uma localidade. Parece tratar-se de um nome bastante comum. Assim se chamavam o irmão de Nícia e um certo general e líder popular, ridicularizado por Aristófanes nos *Cavaleiros* (129 e 254). Não é possível precisar de quem se trata. O escoliasta afirma que Eucrates era um general traidor que foi subornado e morreu pelas mãos dos Trezentos. Fonte: Ed. Kaktos, nota 19. Quanto a coitada, alterna com *cotiada* [cot'jada], conforme a regra exposta na nota 33.

77 *Escudo*: A pronúncia é *škudu*, como o *s* chiado de Pernambuco.

78 A prontidão das atenienses em contraírem relações extraconjugais é lugar comum na comédia (v. p. ex., 212, 404). É difícil precisar se o adultério era comum na vida real. Seja como for, o direito ateniense velava sobretudo pela paternidade indiscutível dos descendentes dos homens, portanto as penas para o adultério eram severas. Dado que em *Diĥmanchatropa* os laços conjugais são valorizados, não parece que Aristófanes seja da opinião que as relações extraconjugais são mais atrativas do que aquelas entre casados. Com o que diz *Diĥmanchatropa*, subentende-se que o amante é a última opção.

110 **79** Segundo Tucídides (VIII, 17) Mileto tinha desertado no verão anterior, principalmente sob influência de Alcibíades. Os falos de couro eram produzidos sobretudo em Mileto. Fonte: Ed. Kaktos, nota 22.

Tô contigo, mefimo se tiver de dar essa ropa aqui⁸⁰ como garantia e comer água⁸¹ o dia intero!

XIBIUCETA

Eu também topo! E não importa se parecer que eu tô me partindo, que nem um peixe, e te dando uma banda de mim⁸².

LAMPITO

Eu também até a ponta do Tegeto⁸³ podia subir, se pudesse ver de lá a paz.

DIHMANCHATROPA

Bom, vou falar. Nũ precisa mais eu esconder o plano. Mulherada, é o seguinte: se a gente quer mefimo forçar nossofi marido a firmar a paz, a gente tem que se afastar...

LINDAVITÓRIA

De quê? Fala!

DIHMANCHATROPA

Mas vocês vão fazer mefimo?

LINDAVITÓRIA

'Tá rebocado!⁸⁴ Mefimo se a gente tiver que morrer!

DIHMANCHATROPA

'Tá... É preciso, então, a gente se afastar da binga⁸⁵.

Por que é que 'ceis tão virando as costa pra mim? Ei, pra onde é que 'ceis tão indo? 125

E voeis aí, por que 'tão murmurando e balançando a cabeça com má vontade?

Amarelaro por quê? Que chororô é esse?

E aí, vão fazer ou não? O que é que 'ceis tão matutando aí?

LINDAVITÓRIA

Aaaaa, nũ dá... Que continue se arrastando por aí a guerra!

XIBIUCETA

Por Deufi do céu, eu também nũ posso não!

[Que continue se arrastando por aí a guerra!]

115 **80** O demonstrativo *este/a* aparece raramente no DSB, como aliás em todo o Brasil. O natural é, portanto, dizer-se “esse/a aqui”. Entretanto, quando aparece, é para dar ênfase. É mais forte do que *esse/a*. V. verso 233.

81 *Comer água*: beber, embriagar-se.

82 De acordo com Georgussópulos (Ed. Kaktos, nota 24), essa declaração da personagem pode estar ligada ao costume de se cortar em duas partes o corpo da vítima sacrificada, para que se assegure o maior respeito possível. O exército de Xerxes marcha entre as duas partes do corpo do filho de Pítio (Heródoto, VII : 39)

83 Cadeia de montanhas, cujo cume chega aos 2407 metros de altura. Está situada a sudeste de Esparta, principal cidade da Lacônia.

84 “Com certeza, pode crer”. O texto diz, literalmente, “faremos”.

85 “Rola, pau, pênis”.

120

130

DIHMANCHATROPA

Ah, é isso que tu diz agora, pexa? Nũ foi tu que acabou de dizer que ia te partir no mei'?

LINDAVITÓRIA

Ota coisa, ota coisa! Tudo que tu quiser. Se precisar, eu vou andar no mei' do fogo. É melhor isso do que ficar sem binga. Nada se compara a uma binga, mãia nega!

DIHMANCHATROPA

E tu aí?

UMA MULIÉ

Eu também prefiro andar no mei' do fogo.

DIHMANCHATROPA

Ô racia de mulé afolozada⁸⁶ essa nossa, viu!

Nũ é à toa que se vive falando da gente nessas peça de teatro que eles chama de tragédia⁸⁷.

A gente nada mais é do que amante de Ricardão e mãe de filho do boto⁸⁸.

Mas se só tu ficar comigo,
mãia amiga lacônia, ainda assim a gente salva o negoço.
Fica mais eu, fica!

LAMPITO

Fudeu a tabaca de Xola!⁸⁹ É ruim de mais pra uma mulé dormir sozã
[sem uma peia⁹⁰!]

Mas eu aceito. É preciso butar a paz em primero lugar.

DIHMANCHATROPA

Que amigona que tu é! A única mulé de verdade no mei' dessas aí.

LINDAVITÓRIA

Mas vem cá, se a gente fizesse essa greve que tu 'tá dizendo
– que Deus livre e guarde – atravéhi disso aí
a paz ia vĩ mefmo?

DIHMANCHATROPA

Com toda a certeza!

86 Ou seja, de tanto serem penetradas, ficaram alargadas, afrouxadas como foles.

87 Literalmente o texto diz “Não sem razão sobre nós são as tragédias”. Para evitar confusão com o sentido que a palavra *tragédia* apresenta no dia-a-dia, recriei o enunciado, acrescentando elementos explicitadores. Faz-se referência aqui sobretudo a Eurípides, poeta trágico, muito criticado por Aristófanes em suas peças. Em suas tragédias, Eurípides, não raro, pôs em destaque as paixões femininas.

88 O original diz: Nada somos senão Posêidon e cesto de exposição de nenéns. Trata-se de uma alusão à tragédia *Tiro*, de Sófocles, apresentada depois de 420 a. C. Nela, Posêidon seduz Tiro, que dá à luz a Pélia e Neleu. O deus abandona Tiro e os gêmeos, os quais são deixados dentro de um cesto e achados por um pastor. A inserção do mito do boto na tradução, apesar de constituir um anacronismo, visa a manter as ideias, presentes no original, de sedução e abandono de mulher e filho por um ente associado às águas.

89 O original traz uma invocação aos deuses gêmeos, algo que soaria artificial na tradução. Por isso, inseri uma expressão tipicamente pernambucana para dar mais expressividade à fala da personagem. Lampito invoca os gêmeos para se lamentar de algo muito desagradável que aconteceu. *Fudeu a tabaca de Xola* significa “danou-se”, “agora foi que acabou de rasgar a cobeñ' da dôdia”, “lascou”.

90 Em Pernambuco e em outros Estados nordestinos, *peia* é sinônimo de pênis. No Sul da Bahia essa palavra é desconhecida.

Se a gente ficasse den' de casa maquiada,
den' daqueles vistidũ transparente,
sem nadĩa por baixo, e passasse com a xoxotĩa rapada,
os home ia ficar logo de pau duro, querendo dar uma.
Mas aí a gente não se aproximava.
Oxe, logo logo eles ia pedir acordo – 'tá rebocado!

LAMPITO

Se eu me alembro⁹¹ ãireito, Menelau, quando viu as teĩa ãe
Helena ãe fora, foi logo butando⁹² a espada ãe lado⁹³.

LINDAVITÓRIA

E se eles nũ dere a mínima pra a gente, sabidona?

DIĥMANCHATROPA

Aí a gente segue Ferecrates e persegue a perseguida⁹⁴.

LINDAVITÓRIA

Tudo baboseira esseĩ negoço de mintira!
E se eles pegare a gente à força e arrastare pro quarto?

DIĥMANCHATROPA

Segura firme na porta e resiste.

LINDAVITÓRIA

E se eles picare a mão na gente?

DIĥMANCHATROPA

Aí tu te entrega de má vontade.
Eleĩ nũ sente prazer nenhum nesseĩ negoço forçado.
E tem mais, [viu?]: tem que encher bem o saco deles. Relaxa que logo logo eles
se entrega. Um home nunca vai ter prazer se não 'tiver de acordo com a mulé.

LINDAVITÓRIA

Se assim 'tá bom pra voceis, pr'a gente também 'tá.

LAMPITO

Nossoĩ marido a genç' garante convencer
a fazer uma paz com toda a justiça e sem trambique.

150 **91** *Alembra por lembrar*. O *a-* protético caracteriza vários dialetos brasileiros, inclusive o baiano e o pernambucano. Esse fenômeno marca a história do português desde tempos muito antigos (cf. arremeter < remeter – v. Williams, 1961, §117).

155 **92** Em Pernambuco, como na maioria dos Estados nordestinos, ocorre com maior frequência o alçamento do /o/ pretônico. Por isso é que Lampito diz [bu:tandu] em vez de [bɔtando], com o bem aberto, que caracteriza o dialeto sul-baiano. Quanto a espada, pronuncie-se *spada*, com o *s* chiado.

93 Referência a *Andrômaca*, de Eurípides (a partir do v. 629). A cena focaliza o modo como a sensualidade de Helena aplaca o furor do marido traído.

160 **94** O texto diz o seguinte: “O [dizer] de Ferecrates [é a gente] esfolar a cadela esfolada”. Parece que Ferecrates, ao que tudo indica comediógrafo contemporâneo de Aristófanes, criou essa expressão para exprimir um ato inútil e absurdo, ao qual corresponderia, em português, a “enxugar gelo” (v. Debidour, 1966, p.142). Uma fonte antiga, citada por Henderson (id., p.86), parece confirmar isso. O dito atribuído a Ferecrates indicaria um esforço vão, um trabalho perdido. Na mesma nota, Henderson observa também que há uma alusão ao consolo, feito de couro (v. 109-110), e à masturbação, uma vez que “cadela” designava os órgãos sexuais femininos. A tradução que propus aqui contempla exatamente a idéia da masturbação.

Agora, esse povinho aqui ãe Atenas, que vive no mund' da lua, quem podia trazer ãe volta pr'a terra⁹⁵?

170 **95** A fala de Lampito alude ao fato de os lacedemônios terem demonstrado mais empenho em firmar a paz do que os atenienses. Isso é sugerido também pelos versos 980-986 e 1161-1172.

DIHMANCHATROPA

Fica na tua que a gente dobra ofi nosso!

LAMPITO

Não enquanto os navio deles andare zanzando por aí e ãiero que nũ acaba mais tiver guardado no templo da deusa⁹⁶.

DIHMANCHATROPA

Já pensei nisso também, fofa! Já 'tá tudo preparado. Hoje mefimo a gente vai se apoderar da acrópole, [que é onde eles guarda o ãiero].
Àfi mais vélia já dei orde de fazer o seguinte:
Enquanto a gente 'tiver discutido aqui a situação, elas vão fingir que 'tão fazendo sacrifício e aí ocupar a acrópole.

175 **96** Georgussópulos (id., nota 32) observa que os lacedemônios estavam prontos para negociar a paz, contrariamente aos atenienses que se mantinham intransigentes por conta da vantagem militar que seu tesouro e sua esquadra lhes asseguravam. Ainda de acordo com Georgussópulos, Aristófanes, nesta passagem, alimenta o orgulho ateniense, apresentando a situação em que se encontra seus compatriotas melhor do que era na realidade. A verdade era que a esquadra do Peloponeso era tão forte quanto a ateniense e os lacedemônios podiam obter dinheiro dos persas, como fez ver Peisandro na assembléia ateniense (Tucídides, VIII: 53).

LAMPITO

Tomara que dê tudo certo! Tu tem razão mesmo.

180

DIHMANCHATROPA

Ê, Lampito, por que a gente nũ faz o mais rápido possive um juramento, pra nosso acordo nunca ser quebrado?

LAMPITO

'Tá. Manda aí o juramento, que a genç' acompanha.

DIHMANCHATROPA

Falou e disse! Cadê a escrava⁹⁷? Ei, pra onde é que tu 'tá oliando? Bota aqui na frente o escudo de barriga pra cima e alguém aí me traga os bago da vítima.

185

LINDAVITÓRIA

Ê, Dihmanchatropa, que juramento é que tu vai botar a gente pra fazer, hein?

DIHMANCHATROPA

Que juramento?

97 Dihmanchatropa procura pela "cita", mulher originária da Cítia, região que abrangia parte do Sudeste da Europa e do Sudoeste da Ásia. Os escravos citas, "devido a sua habilidade como arqueiros, eram empregados em Atenas na força policial. Não havia mulheres nessa função, daí a graça dessa passagem" (V. Henderson, id., p. 90).

Aquele que se faz no escudo, como se diz que Ésquilo fez uma vez, matando um carneiro⁹⁸.

LINDAVITÓRIA

Ô, Diñmanchatropa,
fazer juramento pela paz num escudo! Faz isso não!

DIñMANCHATROPA

Com'é que tu queria então que a gente jurasse?

LINDAVITÓRIA

Que tal a gente pegar
um cavalo branco⁹⁹ e 'rancar os bago?

DIñMANCHATROPA

Cadê o cavalo branco?

LINDAVITÓRIA

Mas então com'é que a gente vai jurar?

DIñMANCHATROPA

Já vou te dizer, se tu quiser.
A gente bota uma taça grande e preta de boca pra cima,
degola, em vez de carneiro, uma jarra de vñũ da Ília de Tasos¹⁰⁰
e aí a gente jura nunca derramar água nela.

LAMPITO

Nũ sei nem o que ðizer para elogiar esse juramento arretado¹⁰¹!

DIñMANCHATROPA

Vai¹⁰² alguém ali dento buscar a taça e a jarra.

XIBIUCETA

Añ minina, ólia¹⁰³ só que taçona retada!

LINDAVITÓRIA

Só de pegar¹⁰⁴, qualquer um ia ficar logo alegre.

DIñMANCHATROPA

Bota aí no chão e me traz o barrão.

98 Diñmanchatropa refere-se a uma cena da peça Sete contra Tebas, de Ésquilo, na qual os sete comandantes sacrificam um touro e fazem juramento, mergulhando as mãos no sangue derramado no escudo (vv. 42-46).

190 **99** O sacrifício de cavalos brancos, não raro, é referido como um costume estrangeiro, sobretudo persa ou cita (v., p. ex., Xenofonte, *A Educação de Ciro*, VIII, 3.12). Talvez a sugestão de Lindavitória lhe tenha vindo à mente por conta da presença da escrava cita.

100 O vinho de Tasos era considerado um dos melhores. Era de cor escura (cf. Ateneus, II) e exalava um cheiro semelhante ao da maçã. Fonte: Ed. Kaktos, nota 35.

101 *Arretado*, em Pernambuco, *retado*, na Bahia.

102 A entonação da voz e os gestos corporais são importantes aqui, para que o verbo adquira valor imperativo. O subjuntivo é pouco utilizado neste caso.

195 **103** O plural já está marcado em *añ*.

104 Como na maioria dos dialetos brasileiros, no DSB o pronome complemento, ao contrário do pronome sujeito, fica, normalmente, subentendido.

200

Ô Senhora do Convencimento e Taça da Amizade,
aceitem de bom grado as oferendas que nós mulieres oferecemos!¹⁰⁵

LINDAVITÓRIA

Cor de sangue bonita retada! Ó' só como jorra...

LAMPITO

Mmm...E que cheriũ doce!

XIBIUCETA

Ah minina, deix'eu ser a primeira a jurar.

LINDAVITÓRIA

Nem ver!¹⁰⁶ Só se tu for sorteada.

DIHMANCHATROPA

Vamo, Lampito! Todo mundo agora tem que segurar na taça.

Uma vai repetir pelas ota o que eu for dizendo.

Aí voceis também jura a mefma coisa, confirmando.

Vamo lá: “Home nenhum, nem amante, nem marido,...

LINDAVITÓRIA

“Home nenhum, nem amante, nem marido,...

DIHMANCHATROPA

... há de chegar per' de mim com a diceta¹⁰⁷ dura”. Vai, diz.

LINDAVITÓRIA

... há de chegar per' de mim com a diceta dura”. Ui,
meuh joêlio 'tão afroxando, Dihmanchatropa.

DIHMANCHATROPA

“Em casa, vou levar a vida sem um ganhão¹⁰⁸,

LINDAVITÓRIA

“Em casa, vô levar a vida sem um ganhão,

DIHMANCHATROPA

...vistida de amarelo açafirão e toda arrumadã,

205 **105** Por se tratar de uma invocação à deusa, optei por um registro linguístico um pouco mais conservador. Georgussópulos (id., nota 36) observa que a heroína invoca a Persuasão, tendo em mente não a persuasão como série de argumentos, mas a força persuasiva da greve de sexo. A deusa do convencimento, Persuasão, era associada a Afrodite Pandemos (a popular) desde tempos antigos e os atenienses conheciam o altar dessas deusas, situado na encosta sudeste da acrópole. Teseu (herói e rei mítico (?) de Atenas) teria instituído o culto de ambas em Atenas (Pausânias, I, 22.3).

106 “Nem pensar”, “Não senhora”.

210 **107** O pênis. Trata-se, provavelmente, de uma corruptela de *et cetera*. Designa o pênis.

108 Dihmanchatropa diz que passará a vida “sem touro”. A associação do homem com o touro e da mulher com a vaca é recorrente em mitos gregos, como, por exemplo, no mito de Zeus e Europa. Fonte: Ed. Kaktos, nota 38.

215

LINDAVITÓRIA

vistida de amarelo açafirão e toda arrumadã,

DIHMANCHATROPA

...pra meu marido ficar dodião¹⁰⁹ por mim,

LINDAVITÓRIA

pra meu marido ficar dodião por mim,

DIHMANCHATROPA

...e nunca por querer vô me entregar aos apetite de meu marido.

LINDAVITÓRIA

e nunca por querer vô me entregar aos apetite de meu marido.

DIHMANCHATROPA

E se ele me pegar à força,

225

LINDAVITÓRIA

E se ele me pegar à força,

DIHMANCHATROPA

...me entrego de má vontade e fico uma tábua na cama.

LINDAVITÓRIA

...me entrego de má vontade e fico uma tábua na cama.

DIHMANCHATROPA

Mias sandalã persa nã hão de ficar oliando pro teto.

LINDAVITÓRIA

Mias sandalã persa nã hão de ficar oliando pro teto.

230

DIHMANCHATROPA

Nũ vô enfeitar boneca pra ele brincar¹¹⁰.

LINDAVITÓRIA

Nũ vou enfeitar boneca pra ele brincar.

220 **109** Doidão. Neste caso, ocorre a metátese do [i] e o conseqüente africamento do [d].

110 Literalmente : “Não vou dar uma de leoa sobre a faca de queijo”.

DIHMANCHATROPA

Selando meu juramento, que deste ṽũ aqui eu possa beber.

LINDAVITÓRIA

Selando meu juramento, que deste ṽũ aqui eu possa beber.

DIHMANCHATROPA

Mas se eu quebrar a jura, pode encher m̃ia taça de água. 235

LINDAVITÓRIA

Mas se eu quebrar a jura, pode encher m̃ia taça de água.

DIHMANCHATROPA

Voceis tudo confirma esse juramento?

TODAS

Por Deuh̃ do céu!

DIHMANCHATROPA

Peráí que eu mefma vô benzer a oferenda.

LINDAVITÓRIA

Ó', m̃ia nega, mas só tua parte.

Assim a gente sela logo nossa amizade umas com as ota.

LAMPITO

Que gritaria é essa?

DIHMANCHATROPA

É aquilo que eu 'tava dizendo. 240

Af̃i mulé já se apoderaro do templo da deusa.

Ô, Lampito, agora vai e
faz direitũ tua parte.

Essaí daqui pode deixar de refém com a gente.

E nóis vamo lá ajudar as ota na acrópole 245
a botar os ferrôlio nas porta.

LINDAVITÓRIA

Mas tu nũ acha que os home

logo logo vão se juntar contra nós?

DIHMANCHATROPA

Nũ 'tô nem aí nem vô chegando pra eles.
Eles pode vî com quantas ameaça quisere ou com fogo,
pra abrir essas porta, mañi nũ vão conseguir
se não aceitare o que a gente disse.

LINDAVITÓRIA

Por Deuñ do céu, nunca! Senão,
iam chamar a gente de mulé frouxa e desprezive¹¹¹.

CHEFE DO CORO

fumbora¹¹², Draces! Apesar de tu não aguentar de dor no ombro, trazendo
esse gai de olivera¹¹³ verde tão pesado, vai guiando a gente aí devagazĩ. 255

CORO DOS VEI

Rapaz, ... essa vida é mefimo
cheia de surpresa, viu...
Ô Estrimodoro¹¹⁴, quem podia
alguma vez esperar ouvir
que essañi mulé, umas vaca que
a gente dava de comer em casa,
ia botar a mão na santa estátua da padroeira,
ocupar a cidade ahta¹¹⁵
e fechar os portão com ferrolho e tranca?

CHEFE DO CORO

Bora, Filurgo, avia! Vamo pra cidade alta!
Lá a gente bota essa lãa aqui ao redor delas,
de todas que armaro esse negoço e participaro. Depois
a gente faz uma fogueira e, com todo mundo consentindo, com nossañi
mão mesfimo,
a gente pica fogo nelas tudo! E Dihmanchatropa, a mulé de Licos¹¹⁶, vai 270
ser a primeira!

CORO DOS VEI

Por Deuñ do céu! Enquanto eu viver, elañi nũ vão
tirar sarrro de mim não!

111 No fragmento *ἄλλως γὰρ ἂν ἄμαχοι γυναικες καὶ μιαι κακλήμεθ' ἂν*, a maioria das traduções interpretam os adjetivos *ἄμαχοι* e *μιαι* por *invencíveis/perigosas* e *repulsivas/impuras*, respectivamente. Na tradução de Trajano Vieira, por exemplo, lê-se o seguinte: “Urge fazer justiça à fama de sem jugo e impura”. Ou seja, parece haver uma certa incoerência entre o sentido positivo de “sem jugo” e o negativo de “impura”. Penso que o texto nos autoriza a interpretar ambos os adjetivos com sentido negativo. O primeiro sentido de *ἄμαχος* é “aquele que não toma parte num combate”, daí “não belicoso, imbele, pacífico”, sentidos próximos de “pusilânime”. O que Lindavitória provavelmente quer dizer é que as mulheres devem resistir com firmeza, pois, se não o fizerem (*ἄλλως γὰρ*) serão chamadas de covardes/fracas e repugnantes. É no verso 1014 que *ἄμαχος* aparece com o sentido de *invencível, indomável, que traduzi por feroz* (no comparativo).

112 “Vamos embora, avança”. Vamos embora > Vambora > Vumbora > fumbora. 260

113 Algumas oliveiras eram consagradas à deusa Atena (cf. Sófocles, *Édipo em Colono*, a partir do verso 698) e associadas à paz (cf. Aristófanes, *A paz*, 578-9). Com base nesses dados, Georgussópulos (id., nota 40) supõe que a escolha de Aristófanes aqui tem um significado particular. *Cai* = galho, *devagazĩ* = devagarinho. 265

114 Estrimodoro era certamente uma figura conhecida em Atenas. É citado também em *As vespas* (233) e *Acarnenses* (294). Quanto à interjeição ô, v. nota 4.

115 *Ahta*: alta. A debucalização do /l/ diante de consoantes, em palavras de uso frequente, é comum em nosso dialeto, sobretudo na fala de homens de meia-idade e de idosos. Nesta tradução, aparecem as duas formas *alto-a / ahto-a*,

Nem Cleomenes¹¹⁷, [rei de Esparta], que foi o primeiro a tomar a cidade alta, saiu daqui sem levar uns tabefe.

275

Mas quá! Com aquela onda toda de lacônio, me entregou as arma e se picou, todo armengado, mor' de fome, imundo, barbudo, seis ano sem ver água no couro!

CHEFE DO CORO

Oxe, um homão daquele eu encurralei sem dó, passando dia e noite no relento, no mei' de dezessete escudo. E dessas aí, odiada por Eurípides e por tudo o quanto é deus, eu nũ vou cortar a osadia delas? Oxe! Que eu perca o troféu das Quato Cidade¹¹⁸!

CORO DOS VEI

Só tá fahtando a ladeira preu subir, que é a que sai na cidade ahta, pra onde eu 'tô avexado¹¹⁹ pra ir. Mas com'é que a gente vai puxar esse troço aqui sem um jegue? Essafi duas tora já arregaçaro meus ombro! Mas a gente tem que andar e assoprar o fogo, pra ele nũ apagar antes do fim do camião. F', f'! Vixe, que fumaceiro retado! Rapaz¹²⁰! Ques¹²¹ faísca retada que 'tá saindo da panela! Elas 'tão mordendo meus zói que nem cachorro dôdio¹²². E esse fogo é de Lemnos¹²³, viu¹²⁴! 'Tá rebocado! Se não, ele nunca ia botar ofi dente pra comer mñas remela. fiumbora¹²⁵, avia pra cidade ahta e socorre a deusa! Se nũ for agora, quando é que a gente vai defender ela, hein Laques? F', f'! Vixe, que fumacero retado!

CHEFE DO CORO

Esse fogo aqui, graças a deus, aguentou e continua aceso.

uma vez que essa alternância está presente na fala cotidiana.

116 Os velhos supõem que a mulher de Licos é a mentora da conspiração. Chamava-se Ródia. Há referências a ela em comédias de Êupolis, a quem é atribuída a frase *ἐπι τὴν Λύκωνος ἔρρει πᾶς ἀνὴρ* (Por causa da mulher de Licos todo homem se perde). Era mãe de Autólico, famoso atleta e personagem central de, pelo menos, uma comédia de Êupolis. Quanto a Licos, figura destacada na sociedade ateniense (cf. *Vespas*, 1301), foi alvo de várias comédias. Geralmente é considerado um dos acusadores de Sócrates, embora em Xenofonte (*Simpósio*, IX, 1) ele dirija palavras cordiais ao filósofo. É muito comum na comédia a sátira à esposa ou à mãe de um adversário (cf. *As nuvens*, 551-2, *As Tesmoforiantes*, a partir do verso 830, dentre outros exemplos). Fonte: Edições *Kaktos*, nota 44.

117 Cleomenes, rei de Esparta (519-490 a. C.) teve grande influência na política externa espartana até 506. Em 510, ajudou a afastar o tirano ateniense Hípia, fato que abriu caminho para a ascensão de Clístenes e Iságora. Este último foi eleito arconte em 508 ou 507. Ameaçado pelos simpatizantes de Clístenes, Iságora recorreu a Cleomenes, cuja influência em Atenas era respaldada pelos oligarcas. Em 508, Cleomenes entrou em Atenas com alguns soldados e ocupou a acrópole, para ajudar Iságora a estabelecer o governo oligarca. Entretanto, foi muito forte a resistência do povo. Após dois dias, Cleomene foi obrigado a recuar (cf. Heródoto V, 69-73). Fonte: Edições *Kaktos*, nota 45.

118 O coro se refere à confederação formada pelas cidades de Maratona, Tricorito, Probalinto e Énoe. Em Maratona foi erguido um monumento para celebrar a vitória dos atenienses e dos plateus contra os invasores persas em 490 a. C.

E se nós botasse primeiro ahi duas tocha aqui,
a do pé de uva na panela,
acendesse e depois caísse em riba¹²⁶ da porta que nem carnero?
E se, quando a gente chamar, ahi mulé nã afroxare
os ferrôlio,
aí a gente tem que picar fogo nas porta e sufocar elas com a fumaça.
Vamo botar então essa carga aqui. Arrrr! Porra, que fumaceiro retado!
Algum general de Samos¹²⁷ vem dar uma mãozã aqui com a lãa?
Arrr...essa danada parô de castigar meu espiaço!
Teu trabai¹²⁸ agora, panela, é acender o carvão,
pr' a tocha ficar direto acesa pra mim.
Deusa da Vitória, ajuda nós a levantar um troféu,
depois de dar um fim na osadia daí mulé na cidade!

CHEFE DO CORO DAH MULÉ

Mulierada, parece que tô vendo coisa quemada e fumaça,
como se um fogo tivesse panhando.¹²⁹ Corre, a gente tem que se apressar!

CORO DAH MULÉ

Voa, voa, Nicódice,
antes que Cálice pegue fogo
e Crítilla fique sufocada pelaí labareda
e por aqueles vei nojento!
Mas eu só temo uma coisa: será que meu socorro nã chegou tarde demais não?
Agora que, antes do sol nascer, enchi mĩa jarra
na fonte com dificuldade por causa do povaréu, da zuada e do bate-bate
de pote,
debaí¹³⁰ do empurra-empurra da criadage e
das escrava ferrada [que nem vaca], levantei ela
com força e vim trazer água e ajuda pra
mñas vizã fogosa.
Ouvi dizer aí que uns vei gagá 'tão vindo pra cá
trazendo umas tora, de três talento de peso cada uma,
como se 'tivesse preparando um bã,
com cada ameaça cabeluda, dizendo
que tem que torrar com fogo as excomungada¹³¹ daí mulé.
Ai, mĩa deusa! Que eu nunca veja elas quemada,
mas salvando a Grécia e os cidadão da guerra e daí doidice!
Foi assim, deusa do penacho de ouro,

119 Avexado-a : impiente,
apressado-a.

120 No original, lê-se : “Ô senhor
Hércules”. Semi-deus, filho de Zeus e
da mortal Alcmena. Dentre os vários
mitos que envolvem seu nome, estão
os famosos “Doze trabalhos de
Hércules”. Substituí a invocação a
Hércules por *Rapaz!*, interjeição que dá
mais expressividade à fala, na tradução.

121 V. nota 30.

122 V. nota 71.

123 Ilha situada no Nordeste do Mar
Egeu. Por conta de seus vulcões,
acreditava-se que nela Hefesto, deus
do fogo e da forja, tinha sua oficina. O
nome do deus provém da palavra que,
em grego, significa vulcão. Duarte (id.,
nota 21), observa que “a menção a
Lemnos também alude à rebelião
feminina, já que há um mito que narra
como as mulheres dessa ilha, depois de
repudiadas por seus maridos, executa-
ram todos os homens por vingança”.

124 Com a adequada entonação da
voz, *viu* exprime a certeza, a convicção.

125 V. nota 74.

126 Este arcaísmo é mais comum
entre pessoas de idade.

127 Referência aos generais responsá-
veis pela esquadra ateniense em
Samos, ilha do Mar Egeu aliada de
Atenas. Trata-se de um pedido, em
tom jocoso, para que os generais
atenienes em Samos saiam da
inatividade. Fonte: Duarte, id., nota 22.

128 Consulte-se o estudo introdutório,
3.1.1.2 *Os ditongos*.

129 De apanhar, que significa “estar
em pleno desenvolvimento, estar
acontecendo”.

protetora de nossa cidade, que a gente ocupou tua sede.
E peço que tu seja nossa aliada,
deusa nascida no lago Tritonis¹³². Se algum home
tentar botar fogo nelas,
traz água maifh nós.

CHEFE DO CORO DAH MULÉ

Dex'tar¹³³. Iss'aqui o que é? Cambada de safado!
Home distinto e piedoso nunca ia fazer uma diacho desse!

CHEFE DO CORO DOS VEI

Por essa a gente não esperava:
esse enxame de mulé aí, ó, que 'tá vindo socorrer as ota nas porta.

CHEFE DO CORO DAH MULÉ

'Tão se cagando por quê? 'Tá parecendo mulé demaifh, né?
E voceifh nũ viro nada ainda. Isso aqui é só um tiquĩ.

CHEFE DO CORO DOS VEI

Ô, Fédria, a gente vai dexar elas papagaiare desse jetio¹³⁴, é?
Um de nós nũ tem que picál-a¹³⁵ porra nelaifh não?

CHEFE DO CORO DAH MULÉ

Vamo botar as vasília no chão, pra a gente ficar
desimpedida, no caso de um delefj levantar a mão.

CHEFE DO CORO DOS VEI

Ah se um de nós tivesse dado dois treifh murro nas quexada
delas! Elas ia ficar mudia que nem [o escultor] Búpalos¹³⁶ [com medo das ameaça
do poeta Hiponax].

CHEFE DO CORO DAH MULÉ

Muito bem, que alguém aí se apresente. 'Tô bem aqui, ó...
Mas cuidado pr' a ota cachorra nũ devorar teus bago.

CHEFE DO CORO DOS VEI

Ou tu cala a boca ou eu te 'regaço, carcomida!

CHEFE DO CORO DAH MULÉ

[Se tu for home], toca um dedo em Estratilde.

345 130 Debaixo.

131 No DSB, *excomungado-a* não tem, necessariamente, o sentido que se conhece no catolicismo. No falar cotidiano, significa maldito, detestável, profanador.

350 132 Este epíteto, Tritogênia em grego, é atribuído a Atena desde tempos muito antigos. O lago Tritonis fica na Líbia.

133 *Dex'tar*: deixa estar, pode deixar.

134 V. nota 33. *Fédria* é nome de homem.

355 135 No português antigo (v. Matos e Silva : 2008, 2006), era comum a lateralização da vibrante /r/ em /l/ em contato com os artigos. Convém que uma pesquisa mostre se o o mesmo fenômeno observado no DSB constitui remanescência do português antigo ou se se trata de inovação de nosso dialeto. Acrescente-se que, no DSB, o fenômeno é restrito. Observa-se principalmente com os verbos *picar* e *meter* em expressões que indicam indignação, ira e ameaça, tais como *picál-a mão na cara*, *picál-o pé na bunda*, *picál-o murro*, *metêl-o porrete* etc. Seria possível também que o -l- fosse o *lhe* despalatizado, cujo -e ([i]) tenha sofrido apócope. Assim, de *Vou picar-lhe a mão na cara* teríamos *Vou pical-a mão na cara*. Mas, neste caso, teríamos de explicar o uso de outros pronomes complementos com os verbos (*Vou te pical-a mão na cara*). Marroquim (id., pp. 141-2) atesta fenômeno parecido em Pernambuco e Alagoas.

136 Búpalos viveu no século VI a. C. Foi alvo de ataques do poeta Hiponax, que, em seus jambos, o ameaçou com um soco no olho.

CHEFE DO CORO DOS VEI

E se eu esbagaçar a fuça dela com um murro,
[o que é que tu vai me fazer de terrive?]

137 Assim como *excomungado-a, diabo*, neste contexto, não tem nenhuma relação com o cristianismo.

CHEFE DO CORO DAh MULÉ

Eu vou comer teu pumão e vomitar tuas tripa!

CHEFE DO CORO DOS VEI

Ó', nũ tem poeta mais sabido do que Eurípides, [viu?]
Porque nũ existe bicho mais descarado do que mulé!

CHEFE DO CORO DAh MULÉ

Vamo levantar nossa vasília d'água, Rodipe.

370

CHEFE DO CORO DOS VEI

Ô escomungada, que diabo¹³⁷ tu vei' fazer aqui com essa água?

CHEFE DO CORO DAh MULÉ

E tu, pé-na-cova, com esse fogo? É pra quemar tu mefimo, é?

CHEFE DO CORO DOS VEI

Eu vô armar uma foguera pra picar fogo em tuas amiga!

CHEFE DO CORO DAh MULÉ

E mĩa água é pra apagar teu fogo!

CHEFE DO CORO DOS VEI

Quer dizer que tu vai apagar meu fogo?

CHEFE DO CORO DAh MULÉ

Já já tu vai ver!

375

CHEFE DO CORO DOS VEI

Nũ tẽũ certeza não, mas acho que eu vô é te assar
[com mĩa tocha].

CHEFE DO CORO DAh MULÉ

Se tu 'tiver com sabão aí, eu te dou um bãĩ.

CHEFE DO CORO DOS VEI

Tu me dar bãĩ, vea nojenta?

CHEFE DO CORO DAH MULÉ

Oxe, e um bãĩ de noivo!

CHEFE DO CORO DOS VEI

Tu ouviu a osadia dela?

CHEFE DO CORO DAH MULÉ

Eu tẽũ boca e falo mefmo!¹³⁸

CHEFE DO CORO DOS VEI

Pois¹³⁹ eu ṽo te fazer calar essa matraca agora!

CHEFE DO CORO DAH MULÉ

O tribunal já fechou, [seu juiz].

380

CHEFE DO CORO DOS VEI

Pica fogo na juba dela!

CHEFE DO CORO DAH MULÉ

[Agora] é contigo, Aqueloo[meu rio querido!]¹⁴⁰

CHEFE DO CORO DOS VEI

Me lasquei!

CHEFE DO CORO DAH MULÉ

'Tava quentĩa?

CHEFE DO CORO DOS VEI

Que quentĩa que nada! Nũ vai parar não, é? O que é que tu
[‘tá fazendo?]

CHEFE DO CORO DAH MULÉ

'Tô te moliando pra tu brotar.

CHEFE DO CORO DOS VEI

Mas já 'tô enxuto e batendo os quexo.

385

138 O original diz, literalmente: “Sou, pois, livre”.

139 “Pois” é utilizado com o sentido de então, especialmente para introduzir uma forte reação ao que foi dito pelo interlocutor. Pode iniciar tanto uma ameaça como uma demonstração de que o interlocutor está errado em suas colocações e o locutor é quem afinal tem razão. Pode ser reforçado com um *então*.

140 O Aqueloo é o segundo maior rio da Grécia em extensão. Na mitologia era o principal deus-rio. A personagem o evoca como metonímia de água. Fonte: Edições Kaktos, nota 54.

CHEFE DO CORO DAH MULÉ

Bom, já que tu tem fogo, te esquentá sozĩ.

DELEGADO¹⁴¹

Será que se espaliou mesmo a devassidão das mulieres, a batucada, os salve-Sabázios [divindade da Frígia]¹⁴² e essas ladañas pra Adônis¹⁴³ em cima dos teliados que eu ouvi um dia no adjunte do povo? Enquanto Demóstratos, sujeito nefando, aconseliava a que navegássemos rumo à Sicília, a mulier dele dizia dançando: “ai, ai Adônis”. Demóstratos exortava a que alistássemos soldados de Zacinto, mas a mulier dele, bêbada de matar a chapéu, em cima do teliado, dizia: “todo mundo se flagelando por Adônis”. E ele insistia, o excomungado e repugnante Pavio-Curto¹⁴⁴. Estas são as depravações delas.

CORO DOS VEI

O que é que o sũ¹⁴⁵ ia dizer se soubesse de mais um desplante dessas aí? Como se não bastasse que xingaro a gente, [jogaro a água] das vasília e moliaro nós tudo, de modos¹⁴⁶ que 'tamo sacudindo nossa roupa, como se a gente tivesse se mijado.

DELEGADO

Pelo deufi das águas, bem feito! Quando nós mesmos agimos maliciosamente com as mulieres e ensinamos elas a vivere na descaração, essas abobrĩas brotam na cabeça delas. Numa ourivessaria a gente diz o seguinte: “Seu ourives, ontem de noite, na hora em que mĩa mulier 'tava dançando, o pino do colar que o sũ consertou, caíu do buraquĩ. Eu tenho que embarcar pra Salamina. Quando o sũ encerrar seu trabálio, à boquĩa da noite, passe lá em casa e, com jeitũ, encaixe o pino”. Outro vai a um sapatero, jovem e desmarcado¹⁴⁷, e diz: “Sapatero, a correia 'tá acabando com o dedĩũ do pé de mĩa mulier, que é tão delicado. Passa lá na hora do almoço e

390 141 Sigo a tradução de Duarte (id.), que esclarece que “delegado” verte o termo grego *próbulos*, que designa os conselheiros da cidade, escolhidos após a derrota da expedição siciliana para tomar medidas emergenciais em momentos de crise” (nota 25). Relativamente à fala do delegado, embora me seja difícil imaginar a observância da concordância numa fala brasileira não monitorada e espontânea, insiro-a nesta passagem para manter a proposta do projeto de atribuir um registro linguístico mais acurado a personagens de posição social mais elevada, sobretudo quando se trata de autoridades. A realidade do português brasileiro mostra, no entanto, que a concordância é cada vez mais rara em nossa fala e que a distância entre a norma culta e a popular espontâneas é cada vez menor. Não se deve, porém, confundir a norma culta com a norma padrão escrita. Entre esta e as demais a distância é cada vez maior. Consulte-se o estudo introdutório, seção 2. O português brasileiro e suas variantes.

142 O culto a Sabázios, divindade de origem frígia, envolvia iniciação e era associado ao de Dioniso. V. Henderson, id., p. 118.

143 Adônis é de origem semita, de Biblos. Foi introduzido inicialmente em Chipre. Seu culto foi instituído já no século VII a. C. Em Atenas, foi associado a Afrodite, porém não dispunha de templo nem era reconhecido oficialmente pela cidade. Era cultuado por mulheres em jardins sazonais nos telhados das casas. O ritual chegava ao ápice com o lamento das mulheres diante da imagem de Adônis morto.

415 144 Tradução de Trajano Vieira do grego *Χολοζύγης*: *cholos* (furioso) + *zygon* (jugo). Enquanto Demóstratos – o Pavio-Curto – defendia a expedição à Sicília nos debates de 415, as mulheres atenienses lamentavam a morte de Adônis, o que mais tarde foi interpreta-

dá uma afrouxadã nela, pra ficar mais larga.”
Uma coisa leva a outra,
como em meu caso que, como delegado, providenciei a madeira para os remos,
mas agora, precisando de dñero [que tá lá dentro],
'tô aqui trancado pra fora pelas mulieres.
Mas braço cruzado não adianta nada. Traz aí as alavanca,
pra eu acabar com a ousadia delas. (Para os arqueiros citas)
Onde é que tu 'tá com a cabeça, inseto? E tu aí, 'tá oliando pra onde,
que não faíh nada e só fica aí atráíh de boteco?
Nũ vão botar as alavanca por debaíh¹⁴⁸ das porta e
forçar elah do lad' de lá não? Eu vô ajudar do lad' de cá.

DIHMANCHATROPA

Nũ precisa forçar.
Eu saio por mim meíma. Pra quê essas alavanca?
Alavanca nũ é maíh necessária do que inteligência e juízo não.

DELEGADO

A é, desgraçada? Cadê o arquero?
Prende e amarr' aí mão dela pra trais!

DIHMANCHATROPA

Pela deusa Ártemis! Se triscar a pontã do dedo¹⁴⁹ ni mim,
ele 'tá lascado¹⁵⁰... Nũ 'tô nem aí se é funcionário público.

DELEGADO

Ô, rapaz, ficou com medo, foi? Nũ vai agarrar ela pela cintura não?
E você aí, nũ vai ajudar a amarrar ela não¹⁵¹?

PRIMEIRA VEA

Pela luz que me alumia! Se encostar
uma mãozã só nela, tu vai cagar aqui, todo pisoteado!¹⁵²

DELEGADO

Ó' pa isso, já 'tá quase se cagando! Cadê o ot' arquero?
Ajuda a amarrar essa daqui primero, qu' ela 'tá falando demais.

SEGUNDA VEA

Pela deusa que traz a luz¹⁵³! Se triscar a pontã do dedo
nela, já já tu vai pedir gaze!

420

do como sinal de mau agouro. Para o delegado, esse fato exemplifica o que pode acontecer quando os homens perdem o controle sobre suas mulieres” (Duarte, id., nota 27).

425

145 Em grego antigo, a formalidade não é marcada morfológicamente. Predomina o tuteamento em qualquer situação. No DSB, entretanto, soaria estranho o tratamento por tu numa situação em que o locutor se dirigisse a uma autoridade. *O sîo = o senhor.*

430

146 Não raro, ouve-se na fala de idosos (sobretudo) a locução conjuntiva *de modos que* em vez de *de modo que*.

147 Desmarcado: Bem dotado, que tem o membro sexual avantajado. Note-se que, à medida que assuntos corriqueiros se inserem na conversa, a fala do delegado vai-se tornando mais distensa e coloquial.

148 *Por debaixo das...*

149 O original diz “ponta da mão.”

435

150 Literalmente “vai chorar.”

151 Literalmente: “E você com este, terminando [o trabalho], não vão amarrar?”

152 Por conta do tom agressivo da discussão e das expressões chulas, foram-se formalidades e respeito. Daí o tuteamento, que aqui é apelativo. Tem a função de desacato.

440

153 Trata-se de um epíteto atribuído tanto a Ártemis quanto a Hécate. Nesta passagem, a referência é, certamente, a Hécate, já que havia uma estátua desta divindade na acrópole e Hécate era associada particularmente a atividades femininas. O epíteto *Fosfóros* exprime a relação de Hécate com a lua. Fontes: Henderson (id., p.125) e Edições Kaktos (id., nota 61).

DELEGADO

Que diabo é isso aqui? Cadê o arqueiro? Pega ela!
Eu vô bloquear essa saída de voceis.

445 **154** O verbo *ἐπιλείπω* significa *faltar, deixar de lado, deixar para trás, omitir, negligenciar*. Parece que o delegado quer dizer que o arqueiro desertou, fugiu.

TERCEIRA VEA

Se tu chegar per' dela, te juro por Deus que eu vô 'rancar um por um os fio desse teu cabelo nojento!

155 A acrópole era, entre outras coisas, depósito de armas. Eis, pois, como se armaram as mulheres.

DELEGADO

'Tô lascado! Se picô o arqueiro.¹⁵⁴
Mas a gente perder pra mulé, isso nunca!
[Voceis aí], cita, vamo junto na direção delas, em orde.

156 Vamos embora > vambora > ãumbora.

450 **157** Figo (< *figado*) não se confunde com *figo*, fruta muito rara na Bahia. O original diz: "ou tu não acha que nas mulheres haja fel?"

DIĤMANCHATROPA

Perante a luiñ de Deus! Fic', então, sabendo que 'tão com a gente lá dento quato batalião de mulé guerrera tudo armada.¹⁵⁵

DELEGADO

Voceis aí, os arqueiro cita, vão ali dar uma chave de braço nelas!

455

DIĤMANCHATROPA

Mulierada aliada, sai daí de dento!
Quintandofeirantes!
Vendealiospedeirapadeiras!
Ceifñ ãũ vão agir ão? ãumbora¹⁵⁶, todo mundo arrastando, descendo o sarrafo, atacando, xingando, sacaneando...
Pode parar! Vamo recuar. Nada de depenar galñ morta!

460

DELEGADO

Ah, que vexame me fizero passar esses arqueiro!

DIĤMANCHATROPA

E tu achava o quê? Que ia lidar com um punhadĩ de escrava ou que do figo¹⁵⁷ dah mulé ãũ sai fel ão, é?

DELEGADO

Sai e muito! Uuuu, por deus Apolo!
Principalmente se voceis 'tivere per' de um boteco...

465

CORO DOS VEI

Seu delega¹⁵⁸, será que o sîo nũ 'tá jogando muita conversa fora não?
Pra quê ficar aí de conversa fiada com essas fera?
O sîo nũ viu o bãĩ¹⁵⁹ qu'elafi dero na gente 'ind' agora¹⁶⁰
e nossas ropa moliada e tudo isso sem sabão?

CHEFE DO CORO DAH MULÉ

É o seguinte, meu camarada: não se pode ir picando
a mão nos oto à toa não. Se tu fizer isso, vai sair daqui com o zói inchado.
Eu vou ficar bem quetia que nem uma formiguia¹⁶¹ [aqui em meu cantitũ],
sem encher o saco de ninguém nem mover uma pália sequer,
contanto que niguém bote a mão no formiguero¹⁶² e me irrite.

CORO DOS VEI

Ai, meu deus! O que é que nofi 'amo¹⁶³ fazer com
essas besta?
A gente nũ pode mais tolerar essas coisa não. Tu tem que
examinar direitũ comigo o que aconteceu,
o que é que elas queria quando
[tivero a osadia de]se apoderare da cidade ahta de Cranaós¹⁶⁴,
a grande rocha, por onde ninguém passa,
lugar sagrado.

CHEFE DO CORO DOS VEI

Vamo lá, pergunta, nũ dexa elas te enrolare não!
Indaga tudo direitĩ.
Porque é fei a gente dexar um troço desse
sem investigação.

DELEGADO

Por deufi do céu, o primeoro de tudo que eu quero
saber
é pra que diabo voceis trancar nossa cidade alta com esses ferrôlio.

DIHMANCHATROPA

Pra resguardar o dïero e voceis nũ guerreare
por ele.

DELEGADO

Quer dizer que a gente 'tá guerreando por cafi' de¹⁶⁵ dïero, é?

158 No original: “delegado desta terra”.

159 Banho.

160 Ainda agora, há pouco.

470

161 No original “moça”. Traduzo por “formiguia” para dar mais sentido a “formigueiro”, que aparece logo a seguir.

162 O original traz “vespeiro”. Por ser a vespa um inseto pouco conhecido, preferi “formigueiro”.

475

163 *O que é que nofi 'amo fazer... = O que é que nós vamos fazer.*

164 Em Homero (cf., p. ex., *Iliada* III: 201, *Odisséia* I:247) é a acrópole de Ítaca que recebe o epíteto *cranaé*, que, aos poucos, começa a referir-se a todas as acrópoles. Para explicar esse epíteto, criou-se a figura mítica do rei Cranaós (cf. Apolodo, III: 14, 5). Os antigos habitantes de Atenas eram chamados *παῖδες Κραναοῦ* “filhos de Cranaós” (cf. Ésquilo, *Eumênides* 1011). Fonte: Edições Kaktos, nota 64.

480

165 *Por causa de*. No fluxo frasal, ocorre a síncope da semi-vogal *-u-* e a apócope da vogal final de causa, deixando a consoante */s/* diante de */d/*, fato que ocasiona a debucalização da sibilante, conforme a regra fonética normal do dialeto, que apresenta muitos exemplos desse fenômeno: na *cafi'* de Lene (na casa de Lene), um *vañ'* de água (um vaso de água). O mesmo se observa com a perda de vários outros elementos no final de palavras: *debañ'* da porta (debaixo da porta), um *goñ'* de abacaxi (um gosto de abacaxi), *Eu goñ'* de abacaxi (Eu gosto de abacaxi), *Peh'* qu'ele vem (Parece que ele vem – aqui a laríngea *ñ* aparece desvozeada *-h-*, pois a consoante seguinte é */k/*, também desvozeada).

485

DIHMANCHATROPA

Oxe, e por que será que 'tá tudo aqui de perna pra cima?

Pra poder robar, Pisandro e os dono de

cargo público

490

alguma presepada sempre inventava. Por mim eles pode fazer o que quisere, por que da grana é que elefi nunca vão se apoderar.

DELEGADO

E o que é que tu vai fazer?

DIHMANCHATROPA

E tu ainda pergunta? Noh vamo tomar conta do diero.

DELEGADO

Voceis vão tomar conta do diero?

DIHMANCHATROPA

Por que é que tu 'tá achando tão estrâyũ ?

Nũ é a gente que cuida tim-tim por tim-tim dofi negoço da família?

495

DELEGADO

Mañ nũ é a mefima coisa.

DIHMANCHATROPA

Como não?

DELEGADO

É desse diero que a gente depende pra fazer a guerra.

DIHMANCHATROPA

Em primeiro lugar, 'ceifi nũ têm que fazer guerra nenhuma.

DELEGADO

E como é que a gente vai salvar a pele de oto jeito?

DIHMANCHATROPA

Nóis é que vamo salvar voceis!

DELEGADO

Oxe, voceis?

DIhMANCHATROPA

Sim s̃ô!¹⁶⁶

DELEGADO

Danou-se!

DIhMANCHATROPA

Tu há de ser salvo, querendo ou não.

DELEGADO

Aí tu já 'tá falando em tom de ameaça.

DIhMANCHATROPA

Tu 'tá retado com a gente,
mas é nosso dever fazer isso.

DELEGADO

Por Deus! Voceiñ não têm esse direito!

DIhMANCHATROPA

A gente tem a obrigação, mĩa peda.

DELEGADO

E se eu nũ quiser?

DIhMANCHATROPA

Pois aí é que nós vamo te salvar mefimo!

DELEGADO

De onde é que vem essa preocupação de voceis pela guerra e pela paz?

DIhMANCHATROPA

Já vamo te explicar.

DELEGADO

Então desembucha logo, pra nũ ter que chorar já já!

DIhMANCHATROPA

Então escuta bem
e vai tratando de tirar esses gandãe¹⁶⁷ de per¹⁶⁸ de mim.

166 Melhor sem a vírgula, pois trata-se de uma expressão fixa, na qual não há pausa entre o “sim” e o “sinhor”.

167 Arado manual, cujos ganchos lembram a mão humana. Certamente devido a essa semelhança, a palavra *gandã* passou a designar, pejorativamente, a mão. Usa-se especialmente quando o locutor repreende seu interlocutor, ordenando-lhe que afaste as mãos de algo que pertence ao locutor. Note-se que não há registro dessa palavra em nenhum dicionário da língua portuguesa, embora seja bastante frequente no Sul da Bahia (e talvez alhures).

168 Fenômeno semelhante ao observado na nota 127. Aqui, porém, ocorre apenas o vozeamento do -r- [r̃] diante do d- seguinte, devido à apócope do -to de *perto*. A pronúncia normal de -r- diante de consoantes é [r̃], diante de consoantes vozeadas, e [h], diante das desvozeadas.

500

DELEGADO

Nũ dá não! É duro me segurar, por cafi' da raiva.

UMA VEA

Então aí é que tu vai chorar com gosto!

505

DELEGADO

Vai cacarejar pra tu mefima, vea, vai! [Meu negoço é contigo..] Fala...

DIŃMANCHATROPA

É o que eu vô fazer.

Antes, por a gente ter juízo, a gente suportou a guerra

e tudo o que voceis home fazia –

voceifi nũ deixava a gente abrir a boca nem pra dar um piu¹⁶⁹ – mefimo se isso

não agradasse

a gente.

Mas a gente bem entendia voceis e muitas veiz

em casa

510

a gente ouvia aĩ decisão errada que voceis¹⁷⁰ tomava sobre assunto

importante.

E se mefimo cheia de aflição por dentro a gente perguntasse com um sorriso:

“E aí, o que é que ficou acertado sobre a paz

no adjunte de hoje”? – “E o que é que tu tem a ver com isso”? Era a resposta

do marido. “Nũ vai calar essa boca não”? – E eu ficava queta.

UMA VEA

Mas eu não, eu nunca ficava queta.

515

DELEGADO

É, abria o berrero, se nũ ficasse queta.

DIŃMANCHATROPA

Depois a gente ficava sabendo de ota decisão

de voceis ainda pior.

Aí a gente indagava: “Mas home, com'é que voceis foro agir assim,

com tanta burrice”?

Aí ele me passava logo um rabo de zói¹⁷¹, dizendo que se eu nũ fosse

fiar lã,

eu ia ficar com muita dor de cabeça. “Guerra é coisa de home”!¹⁷²

520

169 Literalmente : “voceis nũ deixava a gente grunhir”

170 Por conta do contato com o t- da palavra seguinte, o -s deve ser pronunciado ʃ (voceich tomava). V. nota 18.

171 É comum também “passar um rabo de olho”, que significa “olhar atravessado, em sinal de repreensão”.

172 O mesmo diz Heitor a Andrômaca, na *Ilíada*, de Homero (VI: 492).

DELEGADO

Por deufi do céu, e ele 'tava cober¹⁷³ de razão!

DIŃMANCHATROPA

Cober' de que razão, infeliz das apercata¹⁷⁴?

se nem quando voceis fazia as cagada de voceis, a gente podia dar um consêlio?

Quando então a gente ouvia voceis dizere já abertamente na rua:

“Nũ tem mais home nesse país” e oto respondia: “Nũ tem mefimo não”,

aí, depois disso, logo a gente achou por bem que aŃ mulé se reunisse

e tudo junta

salvasse a Grécia. Até quando tã que

esperar?

Se voceis achare alguma serventia no que a gente disser e quisere dar ouvido,

de bico calado como a gente fazia, a gente vai endireitar voceis.

DELEGADO

Voceis endireitare a gente? Boa falastrona tu é, maŃ meu ouvido nũ é penico não!

DIŃMANCHATROPA

Entope!

DELEGADO

Entupir eu em tua frente, miserave, só porque tu 'tá

com esse véu

aí na cabeça? Que eu morra agora!

DIŃMANCHATROPA

Se teu problema é esse,

toma aqui o véu,

segura [firme]¹⁷⁵, bota na cabeça¹⁷⁶

e fecha essa matraca!

UMA VEA

Toma aqui também essa cestã.

DIŃMANCHATROPA

Aí tu bota um aventalzũ¹⁷⁷ e começa a fiar a lã,

mascando fava¹⁷⁸.

Dexa que da guerra aŃ mulé cuida.

173 V. nota 127.

174 *Infeliz das apercata*: Expressão que corresponde a um insulto muito forte. O sintagma “das apercata” (< das alpercatas) funciona como intensificador de “infeliz”. A origem da expressão é obscura e não há registros dela nos dicionários da língua portuguesa.

175 O original diz apenas “segura”. Acrescentei o advérbio para dar maior expressividade à fala da personagem.

176 Georgussópulos (id., nota 68) observa que “as mulheres vestem o delegado como dona de casa e logo a seguir lhe dão a roca para fiar a lã. Assim, ele terá agora que escutar e ficar em silêncio como costumam fazer as mulheres. Homens se vestirem de mulheres e mulheres se vestirem de homens era um elemento básico do culto de Dioniso (cf. *Penteu*, nas *Bacantes*, de Eurípides). Aqui a cena simboliza a inversão de papéis, assunto central no enredo da peça”.

177 O original traz o verbo *cingir-se*.

178 Os atenienses mastigavam fava enquanto faziam alguma atividade monótona. Fonte: Edições Kaktos, id., nota 69.

525

530

535

CHEFE DO CORO DAḥ MULÉ

Mulierada, bot'essafi vasília de lado
e vamo ajudar um pouco nossas amiga.

CORO DAḥ MULÉ

Eu nunca ia cansar de dançar
e nem a fadiga do trabálio ia dobrar¹⁷⁹ meus joêlio.
Seja aonde for eu quero ir com elas,
por cafi' da virtude delas. Nelas tem tudo:
inteligência, graça, audácia, sabedoria e virtude
patriótica e ajuizada.

CHEFE DO CORO DAḥ MULÉ

Vamo lá, [voceis] aḥ mais greanada das avó e daḥ mãe retada!¹⁸⁰
Todo mundo pra frente com sangue no ôlio e sem esmorecer! O vento 'tá
a favor.

DIḥMANCHATROPA

E se o doce Amor e Afrodite de Chipre
soprare fogo¹⁸¹ nas teta e nos quaḥ¹⁸² da gente,
assanhando também os home e levantando a rola deles,
eu acho que um dia a gente vai ficar cūicida entre os grego como Difimanchapeleja¹⁸³.

DELEGADO

Por voceis tere feito o quê?

DIḥMANCHATROPA

Primeramente por não deixar voceis andare no mercado tudo armado 555
que nem um monte de dôdio.

UMA VEA

É isso aí, pela deusa Afrodite de Pafos!

DIḥMANCHATROPA

Agora, até pra comprar panela e legume,
eles anda pela fêra tudo armado que nem os Coribante, [os sacerdote de Cibele,
deusa frígia].

DELEGADO

Por deuḥ do céu! É dever de todo home corajoso.

179 Literalmente : tomaria (ἐλοι).

540 180 O original traz “mães urtigas”
como metáfora de “mulheres revoltosas,
irritadiças” (v. Hendersen, p. 138).

181 No original: desejo.

545 182 “Quartos”, partes entre a genitália
e as coxas (sobretudo as laterais
internas das coxas).

183 Desmancha + peleja (λύω + μάχη).
Lisímaca, cujo nome é semelhante ao de
Difimanchatropa (Lisístrata), tanto do
ponto de vista semântico quanto do
ponto de vista fonético, era sacerdotisa
da deusa Atena. Parece que Lisímaca
era também a personificação da paz
(cf. *A Paz*, 991-2). Fonte: Edição Kaktos,
nota 70. *Cūicida* = conhecida.

DIhMANCHATROPA

Mas agor' repara ques¹⁸⁴ parassé¹⁸⁵: O cara chega com um escudo
chei' de desêi de Gorgona, [figura monstruosa], depois vai e compra piaba! 560

UMA VEA

Por deuh do céu, eu mefima vi um comandante cabeludo montado no
cavalo, derramando no capacete o purê de legume que ele comprou de uma vea.
Oto sujeito, esse da Trácia, começou a sacudir o escudo e a lança que nem Tereu¹⁸⁶,
metendo medo na vendedora de figo e mandando as azeitona pro bucho.

DELEGADO

Mas como é que voceis vão poder breçar tanta agitação 565
que 'tá acontecendo em tudo quant' é cidade e botar um fim nisso tudo?

DIhMANCHATROPA

Molĩ molĩ...

DELEGADO

Como? Mostra aí.

DIhMANCHATROPA

Assim como a gente pega os fio da meada, quando eles se enrola,
e, com as paetia¹⁸⁷, a gente bota um fio pra cá, oto pra lá,
do mefimo jeito a gente vai botar fim nessa guerra – se deixare, [né ?] –
separando os embaixador: uns pra cá, otos pra lá. 570

DELEGADO

Quer diz que é com lâ, lã e paeta que voceis 'tão achando
que vão resolver coisa séria? Cambada de difmiolada!

DIhMANCHATROPA

Oxe, se voceis tivesse juízo,
a partir do exemplo de nossafĩ lâ, admnistrava tudo.

DELEGADO

Como assim? Dex'o ver.¹⁸⁸

DIhMANCHATROPA

Primero, como no caso da lâ bruta, depois de lavare

184 V. nota 30.

185 *Parassé*: Presepada, coisa ridícula.

186 O mito de Tereu, rei da Trácia, aparece com frequência na tragédia, sobretudo em Sófocles e Eurípides. É também personagem d'*As aves*, de Aristófanes. A mulher de Tereu, Procne, filha de um rei ateniense, para punir o marido, que tinha violentado Filomela, a irmã dela, sacrifica Ite, o filho do casal, e serve a carne dele a Tereu. Os deuses, como castigo, transformam Tereu em poupa, Procne em rouxinol e Filomela em andorinha. Tereu é citado aqui "por ter a mesma nacionalidade do mercenário que espalha o horror pelo mercado" (Duarte, id. nota 36). Fontes: Ed. Kaktos, id., nota 73 e Duarte, id., nota 36.

187 A palavra fuso é totalmente desconhecida no DSB.

188 Expressão muito corrente em todo o Brasil. No DSB, pode ser tanto "dex'o ver", com a contração de *eu* em *o*, quanto "dex'eu ver", sem a contração.

a sujera gordurosa da cidade, voeis tã que botar os bandido em cima da cama, 575
dar um coro¹⁸⁹ neles, 'rancar os espũ,
cardar tanto esses que formaro panelã quanto os que se rebaixaro
de ôlio nos cargo público e pelar a cabeça deles.
Aí depois, misturando tudo numa cestã, tã que fiar a
boa vontade de todos. E tã de botar junto também os imigrante¹⁹⁰, no caso de algum
estrangeiro ser amigo de vocês e de ter obrigação com o Estado.
E, por Deufi do céu, tã de recũcer também que as cidade, 580
todas as que tivesse gente nossa fixada por lá¹⁹¹, era cada uma
como um rolo de lã separado. Depois, tã de pegar tudo isso,
juntar aqui e formar um rolo só. Aí, era hora de fazer um novelo
bem grande e dele tecer um manto pro povo. 585

DELEGADO

Mas¹⁹² isso nũ é um' atentação¹⁹³ essañ mulé querer misturar
cardação e lã com guerra, coisa que nũ tã nada a ver com elas?¹⁹⁴

DIñMANCHATROPA

A gente sofre é mais que o dobro disso,
seu excomungado!¹⁹⁵ Em primeiro lugar parindo,
e depois enviando os bichũ¹⁹⁶ pr' a guerra.

DELEGADO

Cala essa boca! E chega de rancor!

DIñMANCHATROPA

E depois, quando a gente devia 'tar aí arrasando e curtindo a juventude,
a gente tem que dormir sozã por cañ' de guerra¹⁹⁷. Mas em nosso caso, dexa
pra lá.
Agora, eu me preocupo mefimo é com añ mocã, coitada, tudo enveliecendo
presa nos quarto.

DELEGADO

Quer dizer que os home também nũ enveliece não, é?

DIñMANCHATROPA

Claro! Só que nũ é a mefima coisa.

O home, quando volta, mefimo já chei' de cabelo branco, logo logo arranja uma 595
[mocã e se casa].

189 *Dar um coro*: dar uma surra, espancar.

190 Ou seja, os *metecos*, estrangeiros com permissão para residir em Atenas.

191 Literalmente, o original diz: "todas quantas desta terra forem colônias". Na tradução, preferi um enunciado mais transparente na fala cotidiana.

192 Sem valor adversativo. Exprime impaciência e indignação.

193 Situação muito desagradável, ofensiva e irritante. É igualmente de uso muito corrente o adjetivo *atentado-a* (irritante, importunante etc.). Provêm do verbo *atentar*. Os dicionários não registram o substantivo.

194 No original, lê-se: "Não é mesmo terrível elas cardarem e fiarem essas coisas, elas que absolutamente nada tinham a ver com a guerra?"

195 V. nota 93.

196 *Bichũ* (bichinho): palavra que exprime ternura. Usa-se sobretudo quando se quer externar preocupação, dó, lamento e pesar. O original diz: "...e enviando as crianças hoplitas". O hoplita era soldado de infantaria.

197 Literalmente: "por causa de campanhas militares".

Já o tempo da mulé é curto e, se ela não aproveitar,
ninguém quer saber de tirar ela do caritó¹⁹⁸ e ela só fica esperando pela sorte.

DELEGADO

É, mas só o home que ainda é forte o suficiente para fazer a cobra subir.

DIHMANCHATROPA

Mafi vem cá, por que é que tu num vai morar na cidade de pé-junto¹⁹⁹,
[hein]?

Lá tem espaço à vontade. Aí tu veste o paletó de madeira²⁰⁰ 600
e eu ainda te preparo uma tortia de mel.

Tom' iss' aqui, ó... Bota na cabeça, [é tua coroa].

UMA VEA

Tom' iss' aqui também, ó... Presente meu.

OTA VEA

Tom'essa coroa aqui também, ó.

DIHMANCHATROPA

'Tá faltando alguma coisa? O que é que tu 'tá querendo ainda? Camia 605
[pro barco].

Caronte 'tá te chamando [que nem a Cavala, ó: "Tua cova, tua cova, tua cova! Cavala,]
[cavala cavala"! Tá ouvindo?]²⁰¹

Tu 'tá atrasando ele.

DELEGADO

Não é um absurdo eu ser tratado desse jeito?

Por Deus, vou agora mesmo mostrar aos delegados
em que situação me encontro.²⁰² 610

DIHMANCHATROPA

E tu vai te queixar porque a gente nũ fez tua sentinela²⁰³?

Mas pode deixar que, daqui a treif dia, de maãzã,
a gente vai botar um despacho²⁰⁴ bem preparado, [pra tu ser bem encamiado].

CORO DOS VEI

Cochilar não é coisa de home livre!

Vamo lá, homarada, todo mundo arregaçando²⁰⁵ ahi manga pra essa batália! 615

198 O texto diz apenas "desposar", mas, como se trata de mulheres já de uma certa idade, preferi a expressão "tirar do caritó". *Caritó* significa lugar onde se amontoam coisas velhas, daí lugar onde se abrigam as solteironas. É mais comum na fala de pessoas idosas.

199 "Cidade de pé-junto" é o cemitério (em referência à posição do morto dentro do féretro, em que os pés ficam juntos). Literalmente, a personagem pergunta "Por que é que tu não morre?" A imagem do cemitério combina melhor com a ironia que se segue.

200 Literalmente: "Tu vai comprar um caixão".

201 Caronte é o barqueiro que transporta, pelo preço de um óbolo, as almas de uma margem a outra do rio Aqueronte, onde, segundo a mitologia, se encontra a entrada do Hades (*Inferni*, entre os romanos – lugares baixos, morada dos deuses subterrâneos). O mito da cavala apresenta inúmeras variações no interior da Bahia (e talvez em outros Estados do Nordeste). O que mais eu ouvia na infância nas cidades de minha região (Ibirataia, Ipiaú, Gandu, Gongogi) era o seguinte: O canto da cavala (pássaro que canta à noite, normalmente sobre árvores de cemitério) é o prenúncio da morte de alguém. Uns afirmam que ela diz "tua cova", outros "cavala".

202 Note-se que, ao retirar-se, o delegado, indignado, retoma seu estilo oficial, refletido no registro linguístico mais acurado. Em sua fala, além da concordância, observa-se a não laringalização do -s- diante do -m- ([mezmo] em vez de [meñmo]), da língua popular.

203 No DSB, o mesmo que velório.

204 Em grego, "ta trita", sacrifícios fúnebres realizados no terceiro dia após a morte.

205 Consulte-se o estudo introdutório, 3.2.2 *As pessoas do discurso e o sistema verbal*.

Isso aqui já 'tá me cheirando mal,
sinto até que é cheiro de coisa pode²⁰⁶.
É o fedor da tirania de Hípias.²⁰⁷ 618/19
Meu grande medo é que algunh lacônio 620
já esteja mocado ali na cafi' de Clístenes, [o viadũ],
e bote essas excomungada²⁰⁸ dessañ mulé, com as tramóia delas, 622/23
pra se apoderare de nosso dñero e do salário
que me sustentava. 625
A situação já 'tá ficando grave: onde é que já se viu mulé aconseliar o povo,
tagarelar sobre escudo de bronze
e querer reconciliar a gente com os cara da Lacônia!
Cambada de amiga da onça!²⁰⁹
Elas tramaro tudo isso de ôlio no poder.²¹⁰ 630
Só que a mim é que elañ nũ vão governar não, porque eu vô ficar de ôlio.
E de agora em diante vô andar armado com a espada debafi' do ramo de mirto²¹¹,
e ficar na praça, segurando a arma²¹², ao lado de Aristogítion²¹³.
É assim que eu vô ficar: bem juntũ dele. Essa é a idéia que me vem na cabeça²¹⁴:
'regaçar as quexada²¹⁵ dessa vea excomungada. 635

CORO DAS VEA

Quando tu entrar em casa, a coitada que te pariu nem vai te recũcer.
Mas primero vamo botar isso aqui no chão, mñas amiga²¹⁶.

Senhores cidadãos²¹⁷, nós estamos iniciando
um discurso útil a nossa cidade.
Era de se esperar, pois ela me educou de modo brilhante e segundo as boas
maneiras: 240/41
Logo aos sete anos, carreguei o véu de nossa padroeira nas Panatenéias²¹⁸;
Aos dez, moí o grão para [a deusa] fundadora;
Mais tarde saí²¹⁹ de ursã²¹⁰ nas festas braurônias. 644/45
Já uma bela mocã, uma vez carreguei a cestã sagrada e
uma feira de figos secos em volta do pesçoço²²¹.

Será que devo aconseliar alguma coisa de útil a nossa cidade?
E daí se sou mulier? Não fiquem zangados comigo por isso,
no momento em que trago contribuições melhores do que tudo isso que está aí. 650
Mña contribuição para a sociedade eu dou: trago ao mundo homens.
Já voceis, veliarada infeliz, em nada contribuem,
pois, como se não bastasse que comeram tudo o que lucrámos nas guerras contra

continua na página 163 >

206 *Pode*: podre. Se por um lado a consoante laríngea, representada pelos grafemas r, s, z e v (v. Estudo introdutório, 3.1.1.2 *Os ditongos*, 5) está cada vez mais em ascensão, por outro a vibrante r recua dramaticamente, sofrendo apagamento depois de consoantes : *oto > outro, quatro > quato, peda > pedra, pode > podre*.

207 Hípias e Hiparco, seu irmão, sucederam o pai como tirano de Atenas em 528 a. C. Em 513, Hiparco foi assassinado. Esse fato levou seu irmão a adotar duras medidas preventivas para evitar outras conspirações, o que o tornou impopular. Os alcmeônidas, aliados dos espartanos, destituíram-no em 510. A expressão "tirania de Hípias" é usada também para "designar a posição sexual em que a mulher se coloca sobre o homem e o conduz como o cavaleiro o cavalo – o nome Hípias é derivado de *hippos*, cavalo, metáfora para o pênis" (Duarte, id., nota 38). Fontes: Edições Kaktos, id., nota 77, Duarte, id., nota 38.

208 Inimigas dos deuses no original.

209 O original diz o seguinte: "Já é terrível elas aconselharem os cidadãos e, sendo mulheres, tagarelarem sobre escudo de bronze e reconciliar-nos com homens lacônios, entre os quais nada há além de lobo de goela aberta". Na cultura de grande parte do Brasil, as mulheres em questão, tentando aproximar os homens de seus inimigos, "lobos de goela aberta", expressão proverbial grega, seriam consideradas "amigas da onça", expressão que se popularizou no Brasil (na Bahia é muito comum) com a obra do cartunista pernambucano Péricles de Andrade Maranhão, criador da personagem o *amigo da onça*, adaptado de uma anedota bastante conhecida, segundo a qual dois caçadores travam o seguinte diálogo: — O que você faria se estivesse agora na selva e uma onça

aparecesse na sua frente? — Ora, dava um tiro nela. — Mas se você não tivesse nenhuma arma de fogo? — Bom, então eu matava ela com meu facão. — E se você estivesse sem o facão? — Apanhava um pedaço de pau. — E se não tivesse nenhum pedaço de pau? — Subiria na árvore mais próxima! — E se não tivesse nenhuma árvore? — Sairia correndo. — E se você estivesse paralisado pelo medo? Então, o outro, já irritado, retruca: — Mas, afinal, você é meu amigo ou amigo da onça? Fonte: Habert, Angeluccia Bernardes. 1987. *A Obra Imortal de Péricles - o Amigo da Onça*. São Paulo: Busca Vida.

210 Literalmente: “visando à tirania”.

211 Georgussópulos (id., nota 79) conjectura que as expressões *φορήσω τὸ ξίφος* (portarei o punhal) e *ἐν μύρτου κλαδί* (no/sob o ramo de mirto) pertencem a um tipo de canções patrióticas que as crianças aprendiam na escola (cf. *As Nuvens*, 966). Essas canções teriam sido escritas em honra de Harmódio e seu amigo Aristogíton, que assassinou Hiparco, irmão de Hípias (filhos do tirano Pisístratos em 514 a. C.). Duarte (id., nota 40) explica que “a menção ao “punhal no ramo de mirto” diz respeito ao disfarce que adotaram para as armas de modo que lhes fosse permitido aproximarem-se do tirano durante a celebração das Panatenéias, festividades em honra de Atena, padroeira da cidade. Os tiranicidas foram mortos em decorrência do episódio, mas após a queda da tirania tornaram-se heróis nacionais, sendo-lhes consagradas estátuas na ágora, cuja pose o coro masculino procura imitar” – cf. tb. Tucídides, VI, de 54 em diante. Trajano Vieira (id., p. 80) acha evidente a conotação sexual do fragmento. Pensando nessa possibilidade, traduzi *φορήσω τὸ ξίφος... ἐν μύρτου κλαδί* por “vou andar armado com a espada debaixo do mirto”, já que, no DSB, “armado” tem sentido ambíguo (armado ou excitado). Pela mesma razão, preferi “espada” em vez de “punhal”. A conotação sexual a que se refere Trajano Vieira talvez se justifique pela relação homossexual de Harmódio e Aristogíton, citado logo no verso seguinte, ao lado de quem a personagem afirma que ficará.

212 Literalmente: “em armas”. Optei por “segurando a arma” para manter a ambigüidade

sugerida na nota anterior.

213 Isto é, ao lado da estátua de Aristogíton. Sobre as estátuas de Harmódio e Aristogíton em Atenas, veja-se Pausânias I, 8,5.

214 Literalmente: “Isto pois me ocorre”.

215 “Quexada” em vez de “queixo”, com sentido pejorativo, uma vez que são os animais que possuem queixada.

216 No original: “queridas velhas”.

217 Note-se que o registro linguístico aqui é um pouco mais acurado, já que o coro dirige sua fala a toda a cidade.

218 “carreguei o véu de nossa padroeira nas Panatenéias” é a tradução que proponho para o verbo *ἀρρηφορέω*. Sobre o transporte das vestimentas e dos objetos sagrados de Atena, a padroeira da cidade de Atenas, Pausânias (I, 27:3) diz o seguinte: “Há uma coisa que me impressionou e que nem todos conhecem. Por isso é que vou descrever. Perto do templo da padroeira da cidade, vivem duas virgens que os atenienses chamam de arréforas. Elas passam um tempo com a deusa. Quando chega o dia da festa, à noite, fazem o seguinte: Colocam e transportam sobre a cabeça tudo o que lhes dá a sacerdotisa de Atena, sem que a sacerdotisa saiba o que deu, nem elas o que transportam”. As garotas, de sete a 11 anos, eram escolhidas pelo arconte dentre as famílias nobres da cidade.

219 Fragmento complicado. Em algumas edições lê-se: *κῆτ' ἔχουσα τὸν κροκωτὸν ἄρκτος ἢ Βραυρωνίως*. Noutras o texto está assim: *καταχέουσα τὸν κροκωτὸν ἄρκτος ἢ Βραυρωνίως*. Há ainda edições que apresentam a seguinte versão: *καὶ χέουσα τὸν κροκωτὸν ἄρκτος ἢ Βραυρωνίως*. A questão é saber se o enunciado começa: 1) por *κῆτ'* (conjunção *καὶ* + advérbio *εἶτα*) + verbo *ἔχω* (como se lê no primeiro caso), 2) pelo verbo *καταχέω* (como no segundo caso, no qual o primeiro elemento é interpretado como preposição, parte integrante do verbo) ou 3) pela conjunção *καὶ* + o verbo *χέω*. Este último verbo significa verter, derramar, pingar, deixar cair. A preposição *κατά*, anteposta

a *χέω* (formando o composto *καταχέω*) reforça a idéia de movimento para baixo. Em 2 e 3, os filólogos enxergam um deslizamento semântico de *χέω* e *καταχέω* de *deixar cair / verter para despir*. Essa interpretação se baseia, provavelmente, no fato de que as jovens, às vezes, dançavam nuas no santuário de Brauron. No texto, não está claro se se trata desse evento. Além disso, o sentido de despir é expresso, normalmente, pelo verbo *ἀποδύω*. Já *ἔχω* pode significar trajar, vestir. Se aceitarmos as interpretações 2 e 3, temos de concluir que a fantasia de urso se resumia a uma máscara somente, ao passo que, de acordo com a interpretação 1, o *κροκωτός* (manto amarelo-açafrão) fazia parte da fantasia. Na tradução, mantive só o essencial, ou seja, o fato de a personagem ter saído de urso nas festas dedicadas a Ártemis. Quanto ao primeiro elemento [*κῆτ'*? *κατα-?* ou *καὶ?*], considero mais provável a primeira hipótese, já que *καὶ εἶτα* significam “e depois”, sentido que se encaixa perfeitamente na passagem, em que a personagem enumera, por ordem cronológica, fatos de sua vida.

220 As garotas que participavam das festas dedicadas a Ártemis em Brauron, na Ática, podiam se vestir de ursas, um dos animais consagrados à deusa. Fontes: Edições Kaktos, id., nota 82, e Henderson, p. 156.

221 O transporte de cestas era comum a várias procissões, mas a ocasião mais importante eram as Panatenéias. As canéforas eram mocinhas em idade de casamento, pertencentes a famílias distintas. A escolha de uma garota para ser canéfora era uma grande honra (cf. Eurípides, *Heraclides*: 777 e Menandro, *Epitrepontes*: 48). Os figos em volta do pescoço simbolizavam a sexualidade e a fertilidade. Fontes: Edições Kaktos, id., notas 83 e 84 e Henderson, p. 156.

os persas²²², a chamada parte de nossos avós, nem os impostos voeis pagam!
E tem mais: por causa de voeis corremos o risco de ir pro beleléu! 655
Será que ainda vão bancar uma de valentão?²²³ Se tu me retar um tiquiũ que seja,
eu vou 'regaçar tuas quexada com essa bota vea²²⁴ aqui, ó'.

CORO DOS VEI

Mas isso já nũ é muito
atreuimento não? E parece que 659/60
o negoço vai piorar.
Todo macho que tem bago no mei' das perna tem que reagir! 661/62
Vamo tirar esse ropão²²⁵, porque home que é home 663/64
tem que cherar a home direto e nũ deve ficar debafi' dos pano não. 665/66
Rumbora, pessoal²²⁶! Todofñ nóis que 'tivemo²²⁷
em Lipsídrion ainda na juventude,
agora temo que rejuvenescer e dar asa 670
ao corpo todo e sacudir essa velice de rib'²²⁸ de nóis.
Se um de nóis der corda a elas, um tantĩ que seja,
elafi nũ vão dexar de aprontar uma presepada das pior.
Vão construir navio e ainda por cima vão querer
travar uma batália naval contra nóis, como fez Artemísia²²⁹. 675
E se partire pra montaria, aí é que acabou de rasgar a cober' da dôdia: adeus
cavalaria!²³⁰
A mulé é o bicho que mais sabe montar e se equilibrar na sela.
Ela nũ escorrega nem se [o ganhão]²³¹ disparar. Repara as Amazona²³²
montada, lutando contr'os home nofi desẽi de Mícon²³³.
Mas agora a gente tĩa era que pegar elas tudo 680
pelo cangote e enfiar o pehçoço²³⁴ delafi no buraco de um tronco.

CORO DAS VEA

[Te juro] por deus²³⁵ [que] se tu botar lãa 683/84
em mĩa foguera, eu vou soltar as cachorra²³⁶ em cima de tu, pra
te arrancar o couro hoje mefmo, até tu gritar por socorro aos
vizĩũ. 685/86
Mulierada, vamo tirar nóis também a ropa rapidiũ, 687/88
pra a gente exalar o chero de mulé que, de tão retada, já 'tá rangendo ofñ dente. 689/90
Vem um de voeis aqui, ó'..., pra nunca mais comer
acarajé nem abará²³⁷.
Basta um piu que tu der – pois eu já 'tou a ponto de explodir –
[e aí nofi vamo dramatizar uma fábula de Esopo aqui hoje: tu vai ser a águia
e eu o rola-bosta²³⁸].

continua na página 165 >

222 Conhecidas na história como Guerras Médicas.

223 Ao dirigir-se ao corifeu, o coro feminino muda mais uma vez o registro linguístico, retomando o coloquial.

224 No original: “coturno tosco”.

225 ἔξωμής: certo tipo de túnica.

226 No original lê-se o seguinte: Ἄλλ' ἄγετε λευκόποδες... Primeiramente penso que Ἄλλ' ἄγετε dever ser entendido como uma expressão exortativa (Rumbora! Vamos!). Quanto a λευκόποδες (pés-brancos), Debidour (id., p. 168, nota 1) observa que talvez se trate de um trocadilho com λυκόποδες (pés-de-lobo), alcunha atribuída aos alcmeônidas, que comandaram a revolta contra os tiranos em 513. Os revoltosos se estabeleceram em Lipsídrion, no monte Parnes, onde resistiram com bravura antes de capitularem. Duarte (id., nota 43) sugere que a expressão “pés-brancos” alude à falta de calçados dos coreutas. Seja como for, na tradução optei por substituir essa expressão por “pessoal”.

227 Não é estranho na língua portuguesa verbos diferentes apresentarem as mesmas formas em determinado paradigma de conjugação. Assim, os verbos *ser* e *ir*, por exemplo, não se distinguem morfológicamente no pretérito perfeito: *fui*, *foi*, *fomos*, *foram*. A distinção se dá pelo contexto. O mesmo vem acontecendo com os verbos *ter* e *estar*, também no pretérito perfeito, por conta da aférese do *es-*, do verbo *estar*. Por conseguinte, *tive*, *teve*, *tivemo(s)* e *tiveram/tivero* são formas tanto de *ter* quanto de (*es*)*tar*, dependendo do contexto.

228 Ainda se ouve, sobretudo entre os mais velhos, locuções prepositivas com *riba* em vez de *cima*: *em riba*, *de riba*, *pra riba*, *por riba*. O verbo *arribar* também aparece com certa frequência

e não somente entre idosos. A expressão *arribar os tendêu* (arrumar suas coisas e ir embora) é particularmente comum.

229 Artemísia era rainha de Halicarnasso. Ajudou Xerxes na expedição contra os gregos (cf. Heródoto, VII: 99). Henderson (id., p. 160) distingue conotação sexual no fragmento, expressa pelos verbos *vauμαχεῖν* (combater no mar) e *πλεῖν* (navegar) – os quais traduzi por uma expressão somente (travar uma batalha naval). De acordo com esse autor, os verbos em questão designariam o ato de colocar-se sobre o parceiro.

230 “...διαγράφω τοὺς ἵππέας”: apago / risco da lista os cavaleiros. Essa fala do coro masculino é comparativa. As mulheres podem empreender uma batalha naval, mas se optarem pela montaria, na qual elas são muito hábeis, o perigo será bem maior e os cavaleiros estarão perdidos. Por isso é que traduzi o enunciado em questão por “aí é que acabou de rasgar a cober(ta) da dôdia (doida): adeus cavalaria”, expressão que, no Sul da Bahia, se usa para indicar a chegada ao ponto crítico de uma situação. A expressão pode ser introduzida também por “agora” (Agora é que acabou de rasgar a cober’ da dôdia).

231 No texto grego, o sujeito está subentendido. Na tradução, preenchi o sujeito, optando por “garanhão” em vez de “cavalo” para reforçar a conotação sexual sugerida por Henderson (v. nota 191). No mesmo enunciado, o verbo “escorregar” aparece no optativo, o que implicaria uma tradução por “escorregaria” ou “escorregava” (num registro mais coloquial). Acho que, na correlação com as formas verbais das orações que precedem, o presente do indicativo, no português, se encaixa melhor, daí minha opção por “escorrega”.

232 Tradicionalmente, as Amazonas eram mulheres adversárias dos homens. A vitória de Teseu contra elas, quando invadiram Atenas, era um motivo recorrente na decoração de prédios e monumentos da cidade. Fontes: Henderson (id., p. 160) e Edições Kaktos (id., nota 87).

233 Mícon era filho de Fanomaco, general ateniense em Potidaia durante a Guerra do Peloponeso (cf. Tucídides II: 70), e, junto com Polignoto, foi um dos mais importantes pintores da primeira metade do século V a. C. O coro se refere aos famosos afrescos da Poikile Stoá, uma galeria que abrigava várias obras de arte. Sobre essa galeria e seus afrescos, v. Pausânias I, 15.

234 *Pehcoço*: pescoço.

235 No original, jura-se “pelas duas deusas”.

236 A expressão grega traduzida aqui é “soltar a javalina”. Sigo a tradução de Duarte (id.) que observa que “a irritação das mulheres é tanta que elas se recusam até mesmo a empregar o gênero masculino” (nota 47). “Javalina”, segundo Henderson (id. p. 161) assim como porca ou leitoa, designa a vagina. O fragmento assume, portanto, como nota Duarte, uma forte conotação sexual.

237 No original lê-se: “pra nunca mais comer alho nem favas pretas”.

238 *Rola-bosta*: Escaravelho.

Quando tu 'tiver pa'²³⁹ parir, eu faço teu parto²⁴⁰.
 Eu num 'tô nem aí nem vô chegando pra voceis, enquanto vivere
 mĩa [estimada] Lampito e Ismênia, essa donzelĩa tebana.
 Tu pode te estrebuchar e inventar mil decreto, mas aqui tu nũ vai ter veifĩ não!²⁴¹
 Logo²⁴² tu, um traste odiado por todo mundo, até pelos vizĩũ.
 Só pra voceis entenderem mĩa raiva²⁴³, ontem eu 'tava fazendo uma festa pra nossa 700
 [deusa Hécate]
 e chamei uma amiga de mĩas fĩlia aqui da vizĩança, minina boa que a gente
 gosta tanto,

[como se fosse uma enguia da Beócia]²⁴⁴.

Aí dissero que nũ iam mandar ela não por cafi' dofi decreto.
 E voceis só vão parar com essefi decreto no que dia que
 alguém passar uma rastera em voceis e der uma gravata daquela fi de 'rancar
 o pescoço²⁵⁴. 705
 Cabeça de nosso projeto²⁴⁶,
 por que é que tu botou a cara fora assim tão jururu?

DIhMANCHATROPA

O pensamento e os trabai de mulé ruim
 me tira o sossego e me faz andar de cima pra baixo.

CHEFE DO CORO DAh MULÉ

Com'é que é? Com'é que é?

DIhMANCHATROPA

Verdade, é isso mefimo.

CHEFE DO CORO DAh MULÉ

O que foi que aconteceu de tão grave assim? Conta aqui pra tuas
 [amiga].

DIhMANCHATROPA

Tẽũ vergonha de dizer, mas é dose ficar queta.

CHEFE DO CORO DAh MULÉ

[Conta tudo], nũ esconde o revestrés que caíu em nossa cabeça.

DIhMANCHATROPA

Pra encurtar a conversa, 'tamo no cio.

695 239 *Pa'*: Para.

240 Na fábula de Esopo, apesar das súplicas do escaravelho para que a águia deixasse em paz uma lebre, a ave não lhe deu ouvidos. O escaravelho, para se vingar, começou a quebrar os ovos da águia, derrubando-os do ninho. A arrogante águia compreendeu, afinal, que não se deve subestimar a capacidade de alguém, julgando-o pelo tamanho.

241 Literalmente, o original diz o seguinte: "Não haverá força, nem que tu vote sete vezes", o que não teria muito sentido em português. Por isso é que substituí "não haverá força" por "aqui tu não vai ter veifĩ (vez) não" e "nem que tu vote sete vezes" por "tu pode te estrebuchar e inventar mil decreto".

242 "Logo" introduz um elemento que será objeto de comentário depreciativo ou de surpresa na sequência do enunciado, baseados em características conhecidas do elemento em questão. O sentido preciso é dado pela entonação da voz e pelos gestos faciais. O advérbio, juntamente com o pronome sujeito *tu*, substitui o relativo *ὅστις*. Assim, em vez de "nem que tu, traste, que é odiado... vote sete vezes", estrutura que aparece no texto original, optei por soluções sintáticas e lexicais mais condizentes com nossa realidade linguística, sem prejuízo para o sentido do texto.

243 "Só pra voceis entenderem mĩa raiva" traduz *ὥστε*, que, introduzindo um enunciado, como é o caso aqui, significa *então, portanto, por conseguinte*. Ou seja, esse elemento introduz algo que tem relação com o que já foi dito. Se eu optasse por uma dessas possibilidades (*então, portanto, por conseguinte*), a relação entre as orações não ficaria muito clara.

244 As traduções divergem neste ponto. "ἐκ Βοιωτῶν" (dos beócios / da Beócia), omitido em algumas delas, se refere a *γείτόνων* (vizinhos), a *παῖδα* (menina), ou a *ἐγγελλυ* (enguia)? A mim, me parece

715

CHEFE DO CORO DAH MULÉ

Valei-me²⁴⁷, Zeus!

DIHMANCHATROPA

Chamar Zeus, pra quê? Isso é assim mefimo.
Nũ consigo mais afastar elas doh marido. Elas escapole.
'Ind'agora peguei uma alargando o buraco
que dá pr' a gruta de Pã;
ota s' esfergando²⁴⁸ num troço roliço;
ota dando pro lado do inimigo;
ot'ainda, ontem, quand' eu puxei pelos cabelo dela,
botou na cabeça que ia voar montada num pardal
direto pro brega de Orsíloco²⁴⁹.
Elas arruma qualquer desculpa pra se
picare pra casa. Ali, ó... [nũ morre mais], vem vindo uma.
Ei, tu aí! 'tá correndo pra onde?

MULIÉ A

Tẽũ que ir pra casa.
As traça tão acabando com
mĩah lã de Mileto.

DIHMANCHATROPA

Ques²⁵⁰ traça?
Tu nũ volta mais?

MULIÉ A

Volto agorã. Te juro por Deus!
Só o tempo d'eu estender [mĩah lã] na cama.

DIHMANCHATROPA

Nũ vai pra lugar nenhum. Nũ tem nada que estender.

MULIÉ A

Mas vou deixar perder mĩa lã?

DIHMANCHATROPA

Se isso for preciso, vai.

que se refere a ἔγγελλον e que se faz uma aproximação entre παιδα... ἀγαπητήν e ἐκ Βοιωτῶν ἔγγελλον, isto é, “menina querida/amada/apreciada como a enguia da Beócia”. Sobre a fraqueza dos gregos pelas enguias da Beócia, v. nota 14.

720 **245** Literalmente: “E voçeis num vão parar com esseñ decreto antes que alguém, agarrando voçeis pela perna, torça o pescoço”.

246 No original: “Senhora desta ação e plano”.

725 **247** Não se trata de cultismo. Esse imperativo erudito se mantém na língua talvez por influência da igreja. É sempre usado quando se invoca Deus ou santos católicos.

248 Se esfergar = se esfregar.

249 Segundo o escoliasta, Orsíloco era dono de uma casa de prostituição (brega) em Atenas. Fontes: Henderson (id., p.165) e Debidour (id., p. 171, nota 2).

250 V. nota 30.

730

MULIÉ B

'Tô lascada! E agora qu'eu dexei meu lĩũ²⁵¹bruto em casa sem pelar?

DIĤMANCHATROPA

Aí ota que 'tá saindo atráĤ de lĩũ²⁵² bruto, ó²⁵³. Volta aqui!

MULIÉ B

Perante a luiĤ de Deus²⁵⁴! Eu te juro que só vou dá uma raspadĩa e já vėũ.

DIĤMANCHATROPA

Nada de raspadĩa! Se tu comeęar com isso aí, vai aparecer ota querendo fazer a meĤma coisa.

MULIÉ C

Ô mĩa Nossa Sĩora do Bom Parto, nũ dexa eu parir até que eu chegue a uma lugar decente nãũ²⁵⁵!

DIĤMANCHATROPA

Que bestage é essa?

MULIÉ C

Daqui a pouco eu vou parir.

DIĤMANCHATROPA

Oxe, mas ontem tu nũ 'tava prėa²⁵⁶.

MULIÉ C

Mas hoje eu 'tô.

Ô DiĤmanchatropa, me deixa ir pra casa encontrar a partera o mai' rápido possive.

DIĤMANCHATROPA

Que conversa é essa?

E que negoęo duro é esse que tu tem aqui²⁵⁷?

MULIÉ C

É um machĩũ.

735 **251** Por "linho bruto" traduzo *ἀμοργίς, -ῖδος*, espécie de linho, origem do nome da ilha de Amorgos, onde se faziam túnicas de linho (as túnicas de Amorgos). A ilha está situada no Mar Egeu, nas Cíclades.

252 *Lĩũ* = linho.

253 Sempre que se chama a atenção para algo ou para alguém, mostrando-o, a frase baiana (e talvez a brasileira, de maneira geral) termina com um "ó" (<olha).

740 **254** A mulher B jura pela *Φωσφόρος* (Portadora da Luz – v. nota 115). Aqui preferi traduzir o juramento grego por uma expressão semelhante, usada por baianos quando juram: Perante a luiĤ de Deus!

255 A mulher C invoca Ilítia, divindade que assiste ao parto. Minha opção por "Nossa Senhora do Bom Parto" se justifica pela coincidência dos elementos culturais: tanto na cultura fonte como na cultura alvo há um ser divino que assiste ao parto. Além disso, Ilítia é chamada de *πότνια* (senhora, soberana).

256 O adjetivo *preinha* (a forma *preinhe* não é usual), assim como o verbo *parir*, é utilizado, em situações de informalidade, tal como ocorre em Portugal, em referência também à mulher. Aqui também uma pesquisa na história da língua é necessária para que se confirme ou não a hipótese de se tratar de um arcaísmo. Em todo caso, o adjetivo latino *praegnans*, que deu origem à forma portuguesa, fazia referência tanto à mulher (*praegnans uxor*) quanto a animais (*praegnans equa*).

745 **257** DiĤmanchatropa apalpa a barriga da mulher.

DIĤMANCHATROPA

Rum, que machĩũ que nada²⁵⁸! 'Tá parecendo que tu tem é um negoço oco de bronze. Dex'ô ver...

Sujeita descarada, com o capacete sagrado da deusa²⁵⁹ tu queria te passar por prêa, é?

MULIÉ C

E 'tô mefimo. Te juro por Deus!

DIĤMANCHATROPA

E pra quê é que tu queria isso?

MULIÉ C

Era pr'o caso de a dor do parto me pegar ainda aqui na cidade alta. Aí eu entrava no capacete e paria dento, que nem as pomba.

DIĤMANCHATROPA

Não me diga! Me engana qu'eu gosto. 'Tá na cara a lorota! Tu nũ vai ficar aqui pr' a festa de apresentação de teu fi'-capacete não²⁶⁰?

MULIÉ C

Ah, eu num consigo maiñ dormir [aqui] na acrópole deñ'daquele dia qu'eu vi a cobra-vigia²⁶¹.

MULIÉ D

E eu, coitada, já 'tô acabada de insônia por cañ' dos cucucu dessas coruja que nũ pára nunca.

DIĤMANCHATROPA

Ô cambada de banda-voou²⁶², chega de patacoada! Voceis deve 'tar morrendo de saudade doñ marido de voceis. Mas será que eles também num 'tão com saudade de voceiñ não? Eu bem sei que añ noite pra eles têm sido difice. Mañ vamo aguentar, mulierada, e sofrer só mais um tiquiũ, que tem um profecia aí que diz que a vitória é nossa, se a gente ficar unida. É o que diz a profecia²⁶³.

MULIÉ C

[Então] diz o que ela diz.

750

258 Aqui Diñmanchatropa jura pela deusa Afrodite. Preferi omitir o juramento, para que a frase ficasse mais natural.

259 Refere-se à deusa Atena.

260 As *amfidromia* eram festividades durante as quais o recém-nascido era carregado em volta da residência e apresentado aos familiares e amigos. Isso acontecia 5 ou 7 dias após o nascimento. Às *amfidromia* seguia-se a festa de atribuição do nome, que acontecia no décimo dia (cf. *As Aves*. 922/23).

261 A serpente é um animal que aparece com frequência na mitologia grega desde o Período Micênico. Guardava a Acrópole e era alimentada todo mês com tortas de mel (cf. Heródoto, VIII: 41).

262 *Δαιμόνιος* [dai'monios] pode ter, segundo o contexto, tanto um sentido eufórico (divino, nobre, extraordinário) quanto disfórico (insensato, infelizmente). Aqui o sentido parece ser disfórico. Por isso, traduzi por *banda-voou*, que no DSB (e talvez em outros) significa leviano, malandro, irresponsável e sem palavra, atributos aplicáveis às companheiras de Diñmanchatropa.

263 *Χρησμός* (oráculo). Diñmanchatropa inventa uma profecia para convencer as mulheres a ficar. Durante a Guerra do Peloponeso, era comum circular oráculos e predições diversas por toda a Grécia (cf. Tucídides, II: 8). Aristófanes, com frequência, ridiculariza tanto os que espalhavam (como é o caso de Diñmanchatropa – cf. também *A Paz*, de 1045 em diante, e *As Aves*, a partir de 959) quanto os crédulos que aceitavam esses oráculos (como a mulher C, no verso 777 – cf. também *Cavaleiros*. 61, 109/10 e *As Vespas*, de 799 em diante). Particularmente na época da fracassada expedição à Sicília (415-413 a. C.), esses oráculos encheram os atenienses de esperanças (cf. Tucídides VIII: 1).

760

765

DIHMANCHATROPA

Silêncio, então.

“Quando as andorria, fugindo [de um certo passarilho chamado] poupa, se encoliere de medo num lugar só e recusare o cruzamento, então todo mal vai acabar e Zeus que estronda tudo vai botar o que 'tá em cima embaixo”.

MULIÉ C

Nóis é que vamo ficar por cima?

DIHMANCHATROPA

“Mas se as andorria se separare e batera asa do templo sagrado, então vai ficar claro que nũ tem ave mais afolozada²⁶⁴ do que elas”.

MULIÉ C

[É,]²⁶⁵ a profecia é clara. Ô louvado seja Deus!

DIHMANCHATROPA

Nũ vamo agora, na provação, dar pra trais.
Vamo entrar. Vai ser uma vergonha,
aĩ minina, se a gente desrespeitar uma profecia dessa.

CORO DOS VEI

Eu quero contar a voceis um caso que eu mefimo ouvi um dia quando era ainda minino.

Tĩa um certo rapaizilho chamado Melânio que, pra fugir do casamento, se picou pro deserto e foi morar naĩ montanha.

[Lá] caçava lebre,
fazendo armadília com rede.

Tĩa um cachorro.

E nunca mais voltou pra casa por cafi' do ódio.
Mas se Melânio²⁶⁶ detestava tanto aĩ mulé, nóis, que samo²⁶⁷ ajuizado, nũ ficamo pra traĩh não.

UM VEI

Eu quero te dar um beijo²⁶⁸, [mã] vea.

264 V. nta 48.

265 “É” com uma ligeira pausa, indica reconhecimento, aceitação. No fragmento, a personagem invoca Zeus e todos os deuses, ato linguístico que, na tradução, está resumido em “Ô louvado seja Deus”!

266 Duarte (id., nota 53) e Georgussópulos (Ed.Kaktos, id., nota 98) fazem observação semelhante a respeito de Melânio (caçador como Hipólito, aprendeu a caçar com Quêiron e o fazia nas florestas da Arcádia – cf. Xenofonte, *Da caça* I: 2, 7). Os velhos ignoram – ou propositadamente silenciam – a relação de Melânio com Atalanta, pondera Georgussópulos. Segundo a mitologia, Atalanta era uma jovem muito formosa e excelente corredora. Ela rejeitava a idéia do casamento, mas, visto que eram muitos os pretendentes, declarou que se casaria com aquele que fosse capaz de vencê-la na corrida, sendo que os derrotados seriam mortos por ela. Somente Melânio, com a ajuda de Afrodite, conseguiu vencê-la e, por conseguinte, desposá-la. Duarte observa que “curiosamente, o coro dos velhos transforma o jovem herói no espelho de sua amada – que havia jurado manter-se casta – e ignora sua união, manipulando o mito segundo seu interesse ou apresentando uma versão pouco conhecida dele.

267 Forma mais comum na fala de idosos. Na língua popular, não há nenhum verbo com vogal temática -o- antes da desinência -mo(s) da primeira pessoa do plural. Certamente por pressão analógica surgiram as formas *samo* e *semo*. No DSB a primeira é a mais frequente. A forma padrão – somos – só aparece em situações formais.

268 Os verbos *κυνέω* (beijar) e *κύω* (engravidar, fecundar) têm o mesmo infinitivo *κύσαι*. Aqui o contexto sugere que se trata de *beijar*.

UMA MULIÉ

Não com esse bafo de cebola.

UM VEI

...e te picál-o²⁶⁹ pé na bunda!

UMA MULIÉ

Tu tem pêlo pra pêga²⁷⁰!

UM VEI

Oxe, Mironides também tã
a bunda preta de pêlo pra cair matando
em riba dos inimigo.
Fórmio era a mefma coisa²⁷¹.

CORO DAH MULÉ

Eu também quero contar um caso a voceis,
pra dexar o de Melânio no chão.
Timon era um vagabundo da cara
toda espiêta, cria dah deusa furiosa²⁷².
Um dia, então, por cafi' do ódio,
esse tal de Timon se picô,
depois de ter jogado²⁷² praga nos home perverso.
Pois é, ele detestava os home perverso,
mas adorava ahi mulé.

UMA MULIÉ

'Tá querendo que eu te quebre as quexada, é?

UM VEI

Deufi me livre! 'Tou morren' de medo²⁷⁴!

UMA MULIÉ

Vou te dar um chute [nos bago]!

UM VEI

Aí todo mundo vai ver tua ensaca-home²⁷⁵.

UMA MULIÉ

Apesar de eu já ser vea,

269 Sobre *-l-o / -l-a*, v. nota 97. Neste fragmento, suprimi o particípio *ἀνατείνας* (tendo erguido [a perna]) por considerá-lo desnecessário em português.

270 *Pêga*: Certa ave corvídea. Como em geral se observa no Brasil, as preposições *para* e *de*, combinadas com certos substantivos (*pêga*, *porra*, *cacete*, *caralho* etc.) são usadas para intensificar o sentido de verbos e adjetivos qualificativos – no caso de *para/prá* –, adjetivos epítéticos e certos substantivos (especialmente no grau aumentativo) – no caso de *de*: Ele tem pêlo pra pêga / Ele é peludo pra pêga / Ele tem um pêlo grosso da pêga, 'Tá chovendo pra porra / 'Tá uma chuva forte da porra / Ela fez uma festona da porra.

800

805/06

815

819/20

271 Os velhos fazem menção a Mironides e a Fórmio como exemplos de virtude guerreira. Mironides venceu os coríntios em Megara, no ano de 457 a. C. (cf. Tucídides I: 105), e os beócios em Enófta, no ano de 456 a. C. (cf. Tucídides I: 108). A vitória mais notável de Fórmio foi contra os coríntios em Náupactos, em 429 a.C. (cf. Tucídides II: de 80 em diante). Note-se que *μελάμπυγος* (*bunda preta* em minha tradução) se refere à virilidade e à força, enquanto que a ausência de pelos confere ao homem traços efeminados. V. Henderson, p. 172.

272 Não se sabe ao certo se Timon era uma figura histórica ou lendária. De acordo com algumas fontes literárias, era filho de Echebrates, oriundo da comunidade de Kólito (cf. Luciano, *Timon ou o misantropo*: VII). Sua repulsa pelos homens tornou-se proverbial. A simpatia que supostamente tinha pelas mulheres, referida nos versos 819/20, é, segundo Georgussópulos (id., nota 100) invenção do coro feminino. As deusas furiosas eram as Eríneas, divindades irascíveis cuja função era punir os crimes familiares.

273 *Jogar praga* (rogar praga): expressão resultante da etimologia popular.

825

274 A fala do velho é irônica.

tu nũ ia ver ela cabeluda nãõ.
Tu ia ver ela bem aparadã
com a lamparina.

DIĥMANCHATROPA

Ei, mulherada, vem cá todo mundo
correndo²⁷⁶!

UMA MULIÉ

O que é que 'tá acontecendo? Me diz, que gritaria é essa?

DIĥMANCHATROPA

Um home, 'tô vendo um home se aproximando. Ele 'tá variando.
'Tá possuído pelaĥ libidinage da [deusa] Afrodite.
Ô raã de Chipre, de Citera e de Pafos,
vem pelo justo camĩũ por onde tu [sempre] passa!

UMA MULIÉ

Seja quem for, cadê ele?

DIĥMANCHATROPA

Per' do templo de [Deméter], nossa deusa que protege as semente²⁷⁷.

UMA MULIÉ

Ô louvado seja Deus, e 'tá mefimo! Quem será?

DIĥMANCHATROPA

Pres'tençãõ²⁷⁸ [todo mundo]. Alguma de voceis cũece ele?

XIBIUCETA

Deuĥ do céu!
Eu cũeço. É Fodésio²⁷⁹, meu marido.

DIĥMANCHATROPA

Teu dever agora é assar ele [em fogo brando], virando [devagazĩũ],
enrolar²⁸⁰ bem ele, encher ele de beijo fingido
e fazer os capricho dele tudo, menos aquilo que a gente jurou perante a taça²⁸¹.

XIBIUCETA

Deixa comigo qu'eu vou fazer tudo [direitĩũ].

275 Ou seja, teu xibiu (vagina).

276 O gerúndio do verbo correr é muito utilizado, no DSB, com a mesma função dos advérbios *depressa*, *rápido*/*rapidamente* em orações jussivas.

277 O texto diz apenas "Per' do templo de Cloé". Cloé é um epíteto de Deméter, deusa protetora das sementes.

830 278 [Prej'tensão]: Preste atenção. No original, lê-se "Olhem". Para evitar a marca do plural no verbo, poderia ser usado também "todo mundo" + gerúndio (v. nota 116).

279 Em grego, *Κινησίας*, do verbo *κινεῖν* [ki'nen] (mover e, como sinônimo de *βιβεῖν* [bi'nen], foder – v. *Os Palavrões dos Gregos Antigos: Vulgarismos, Baixarias e Obscenidades Antigas*, de Mários Verettas, Atenas, 2007 – em grego). Seguindo o mesmo procedimento de Aristófanes, mas também de Duarte (id.), criei, a partir do verbo *foder*, o nome *Fodésio*, recuperando o tom jocoso do original. Duarte o faz a partir do verbo *trepar* (Trepásio).

280 Enganar.

281 No original lê-se: "...menos o que a taça sabe", em referência ao juramento de abstinência sexual. (Do verso 209 em diante).

DIĥMANCHATROPA

E eu vou ficar aqui te tando uma mãozã
e esquetando ele. Mas voceis pod'imbora!

FODÉSIO

Rapaiz²⁸², 'tô tão agitado
e com ofi nervo rijo que até parece que tão me torturando na roda.

DIĥMANCHATROPA

Quem é você²⁸³ que 't'ai em lugar proibido?

FODÉSIO

Sô eu!

DIĥMANCHATROPA

Um home?

FODÉSIO

Sim sñora, um home. (*Ele mostra ofi "documento"*)

DIĥMANCHATROPA

Te pica pra bem longe daqui!

FODÉSIO

E quem é tu pra me expulsar?

DIĥMANCHATROPA

A vigia que trabália de dia.

FODÉSIO

Pelo amor de Deus, cham'ai Xibiuceta!

DIĥMANCHATROPA

Eu chamar Xibiuceta?! E quem é tu?

FODÉSIO

O marido dela, Fodésio Bingapolitano²⁸⁴.

DIĥMANCHATROPA

Ô mĩa peda! Teu nome nũ é nem ignorado²⁸⁵

282 Interjeição para exprimir admiração ou preocupação.

283 Diĥmanchatropa finge não saber de quem se trata, ao dirigir-se a Fodésio. Daí o voceamento. Em seguida, informada de que se trata de um homem, ela se irrita e passa ao tuteamento com o intuito de agredi-lo ("Te pica pra bem longe daqui!"). Note-se que essas variações de natureza pragmática não estão no original, mas são imprescindíveis na acomodação do texto em português e particularmente no DSB. Em geral, em nosso dialeto, a passagem do voceamento para o tuteamento se dá logo após as primeiras interlocuções (salvo em situações em que a formalidade, necessariamente, se mantenha durante toda a conversa).

284 *Bingapolitano* é a tradução que proponho para Παιονίδης [paionidēs], o natural do distrito de Paionídai, na Ática. Todos os especialistas que consultei consideram que Aristófanes, ao atribuir à personagem esse epíteto, tinha em mente o verbo παίειν [paíen], cujo sentido é *bater, golpear* e, por deslizamento semântico, *transar*. Não tenho nenhum motivo para questionar os especialistas. Entretanto, podemos relacionar o epíteto em questão também a πέος [peos], que significa *pênis*. Essa relação é possível porque, já no período clássico, no grego vulgar, tem início a monotongação do ditongo [ai] em [e]. Assim, Παιονίδης era pronunciado, provavelmente, [peonides], evocando, portanto, πέος [peos]. A tradução que proponho – Bingapolitano, o originário de "Bingápolis – concorda tanto com a primeira hipótese quanto com a segunda, já que, no DSB, são atestados tanto o verbo *bingar* (transar) quanto o substantivo *binga* (pênis). Para os pormenores sobre as mudanças fônicas ocorridas no grego a partir do Período Clássico, remeto a Horrocks, G. 2010/1997. *Greek: A History of the Language and its Speakers*. London & New York: Longmans e a Caragounis, C. C. 2006. *The development of Greek and the New*

845

850

nem sem fama entre nóif não...
... tua mulé 'tá sempre com ele na boca.
É só pegar um ovo ou uma maçã que ela diz: “Isso aqui eu ia dar a Fodésio”.

FODÉSIO

Ô Deus!

DIĤMANCHATROPA

É, minino²⁸⁶! E se o papo então for home, [pronto], tua mulé difi logo que tudo que dissere [dos oto] nũ chega nem aos péif²⁸⁷ de Fodésio.

FODÉSIO

Vai logo, então, chama ela!

DIĤMANCHATROPA

Mas o que é que tu vai me dar [em troca]?

FODÉSIO

Se tu quiser, te dô isso aqui, [mãa nega], ó'... (*Ele mostra de novo ofi documento*)
É o qu'eu tẽũ. E te dô ele [todĩũ].

DIĤMANCHATROPA

Peraí qu'eu vou dar um pulĩũ lá embaixo pra chamar ela.

FODÉSIO

Vai, [mãa nega], vai logo, porqu'eu nũ acho maif graça nenhuma na vida, defna²⁸⁸ que ela saiu de casa. Quando chego, é um sofrimento retado! Tudo parece sem sentido e é uma solidão da pẽga. Na comida já nũ sinto gosto nenhum. [Êta porra], meu pau subiu!

XIBIUCETA

(*fingindo resistẽncia*) Eu amo ele, amo muito. Mas ele nũ quer meu amor. Iiii, nem me chama pra [encontrar] ele!

FODÉSIO

Ô²⁸⁹ Xibiucetĩa, por que tu 'tá fazendo isso, coração?!
Vem cá, vem!

855

Testament. Michigan: Baker Academic. São estudos mais atualizados em relação a Allen, W. S. 1987/1968. *Vox Graeca. A Guide to the Pronunciation of Classical Greek*. Cambridge e aos estudos de Teodorsson. S. T. 1974. *The Phonemic System of the Attic Dialect, 400-340 BC*. Göteborg: Acta Universitatis Gothoburgensis; 1977. *The Phonology of Ptolemaic Koiné*. Göteborg: Acta Universitatis Gothoburgensis e 1978. *The Phonology of Attic in the Hellenistic Period*. Göteborg: Acta Universitatis Gothoburgensis. Tanto Horrocks quanto Caragounis apresentam novos dados, atestados em inscrições, que evidenciam a monotongação de [ai] em [e] já no Período Clássico.

860

285 Com frequência ocorre a nasalização do *i*- inicial: [ĩgnorar]. Em geral, a presença de /m/ e /n/ no interior ou no final de uma palavra nasaliza qualquer vogal. Entretanto, formas como [ĩgnorar] e [ĩdentidade] resultam, provavelmente, da analogia com investigar, infelicidade, dentre outras (observação feita também por Marroquim já em 1934, p. 27-28). A nasalização ocorre, sem exceção, quando a vogal é imediatamente seguida de /m/, /n/ ou /ŋ/, o que não se verifica em *ignorar* e *identidade*. Prova disso é o fato de não haver nasalização em formas como *digno*, *signo* e *divindade*, por exemplo. Em *divindade*, só o segundo -i- é nasal, pois está imediatamente seguido de /n/. Já o pronome *me* [mĩ] talvez tenha resultado da fusão de *me* com *mim*.

865

286 No original: “Por Afrodite!”
287 “Não chegar nem aos péif de”: Por se tratar de uma expressão fixa, o plural, excepcionalmente, aparece também no substantivo. É possível, porém, a ausência da marca de plural: “nũ chega nem aos pé de”.

870

288 *Defina*: desde. *Definde* também é possível.

289 V. nota 4.

290 Fingindo seriedade e evitando aproximação, Xibiuceta trata o marido por *você*.

XIBIUCETA

Eu [ir] aí?! Nem ver!

FODÉSIO

Mefimo teu Fodesũ te chamando, tu nũ vai descer, Xibiuceta?

XIBIUCETA

Você²⁹⁰ nũ precisa maifi de mim nã. Nem²⁹¹ adianta me chamar.

FODÉSIO

Eu nũ preciso mais de tu? Eu 'tô acabado, [mãia nega].

XIBIUCETA

Vô embora.

FODÉSIO

Nã, peraí! Pelo menos escuta teu fii. Ei, rapaiz, chama mãia, chama!

FII DE FODÉSIO

Mãia, mãia, mãia²⁹²!

FODÉSIO

Ei, o que é que tu tem? Tu nũ tem pena do bichũ²⁹³ já há seifi dia sem tomar bãĩ e sem mamar nã?

XIBIUCETA

Claro que eu tẽũ pena dele! Mas o pai é que é irresponsave²⁹⁴.

FODÉSIO

Desce pra ficar com o bichũ, abençoada²⁹⁵.

XIBIUCETA

É o que dá [a sujeita] parir! Tẽũ que descer. Fazer o quê, né?

FODÉSIO

Ela até 'tá parecendo bem maifi modernã²⁹⁶ e com um oliar maifi doce.

875 **291** *Nem* é mais expressivo do que *nã*. Trata-se de uma negação mais forte, que introduz vários conteúdos subjetivos e/ou argumentativos (pondo em xeque algo que foi dito): desencorajamento (Nem adianta me chamar), reprovação/queixa (Me viu e nem falou comigo), refutação (Como eu falaria contigo? Eu nem te vi.), depreciação (Nem te conheço) etc. Pode-se dizer que, normalmente, *nem* introduz uma oração que serve para anular, desautorizar, desqualificar, desmistificar opiniões, pensamentos, crenças, diminuir a extensão ou as dimensões de fatos e situações.

292 Georgussópulos (id., nota 106) refere que a criança era representada, provavelmente, por um boneco e Fodésio lhe dava voz.

293 *Bichũ* (bichinho): Expressão que se usa em referência a alguém de quem se tem pena ou por quem se tem grande afeição.

294 V. nota 247.

880 **295** Talvez por influência das igrejas protestantes, em ascensão em todo o Brasil, tem-se tornado comum as pessoas se tratarem por *abençoado-a*, que às vezes é usado como eufemismo. O termo grego traduzido aqui é *δαίμόνιος-a* [dai'monios-a] (v. nota 223), que, ironicamente, está no étimo da palavra *demônio*, em português.

296 No DBS (e em outras regiões do Estado), *moderno-a* significa também jovem.

885

Essa zanga dela comigo e essa panca de difíce que ela bota é que me mata de tesão!

297 A interjeição ô, combinada com a entonação da voz, exprime ternura e compadecimento (v. nota 8).

XIBIUCETA

Ô meu filote de pai que nũ presta...²⁹⁷

Vem cá pr'eu te dar um beijo, coisã doce de mãia.

890

FODÉSIO

Por que, malvada, tu vai nas onda dessaí mulé aí e faz essas estripulia? Assim tu me faz penar e tu mefima sofre.

XIBIUCETA

Nũ bota a mão em mim não!

FODÉSIO

Tu 'tá administrando da pior manera nosso patrimônio, que 'tá se perdendo lá em casa.

XIBIUCETA

Nũ tô nem aí nem vô chegando!

895

FODÉSIO

As galã 'tão arrastando teus pano [pela casa]. Tu nũ liga pra isso não?

XIBIUCETA

É, aí muda um pouco...

FODÉSIO

Tua obrigação, [que tu jurou] perante Afrodite, já faz um tempão que tu nũ cumpre. Tu nũ vai voltar não, é?

XIBIUCETA

Eu não, nem ver! A nũ ser que voceis chegue a um acordo e acabe com essa guerra.

900

FODÉSIO

Pronto, se te agrada, a gente vai fazer isso também.

XIBIUCETA

Pronto, se te agrada eu também volto pra lá.
Mas agora não, porque eu já jurei.

FODÉSIO

Mas ó', deita²⁹⁸ comigo vai...já faz tanto tempo...

XIBIUCETA

Não sñô! E no entanto, nũ vou dizer que não te amo.

FODÉSIO

Ôxe, tu me ama? Então por que tu nũ quer deitar comigo, Xibiucetã?

XIBIUCETA

Ô depravado, na frente da criança?

FODÉSIO

Mané²⁹⁹, tom'aqui, lev' ele pra casa.
Aí ó', teu fii já vai longe.
E tu, nũ vem deitar?

XIBIUCETA

E onde é que alguém ia fazer
isso, infeliz?

FODÉSIO

Onde? A gruta de Pã é massa³⁰⁰!

XIBIUCETA

E depois como é que eu ia voltar purificada pr'a cidade?

FODÉSIO

Ôxe, tranquil' e calma, bããda na Clepsidra³⁰¹, [fonte de água pura].

XIBIUCETA

Quer dizer que, depois de ter jurado, eu vou quebrar o juramento, é, seu infeliz?

FODÉSIO

Que caia em riba d'eu o castigo! Nũ esquentá com o juramento não!

905 **298** No DBS, parte dos verbos da voz média assume a morfologia da voz ativa. Assim, temos: *deitar* por *deitar-se*, *levantar* por *levantar-se*, *sentar* por *sentar-se* e assim por diante. Entretanto, os verbos de sentimento mantêm, normalmente, a morfologia antiga: *sentir-se* (*bem, mal* etc.), *alegrar-se*, *entristecer-se*, *enganar-se*, *iludir-se*, *arrepende-se* etc. Os verbos *lembrar(-se)* e *esquecer(-se)* ainda apresenta, com certa frequência, a morfologia antiga, que alterna com o nova. Verbos que indicam o comportamento ou a ação do sujeito em relação a algo ou alguém e que regem preposição, tais como *sujeitar-se a*, *encarregar-se de*, *comprometer-se a*, *vingar-se de*, *intrometer-se em*, entre outros, também seguem o paradigma morfológico antigo. Em outras palavras, os verbos que passaram para o paradigma da voz ativa foram os que indicam ações que afetam, exclusivamente, o próprio sujeito e não exigem complementos, os quais são facultativos (cf. *Vou me encarregar do almoço* ~ *Vou (me) sentar / Vou (me) sentar no sofá*, em que, segundo a teoria de Tesnière (1976), *do almoço* é um actante (um complemento obrigatório) e *no sofá*, um circunstante (um complemento adverbial, facultativo). Relativamente à pronúncia de *deita/deitar*, pode ser tanto [deita/dei'ta] quanto [det'ʃa/de't'ʃa] (v. nota 34).

910 **299** *Mané*: Não tem nenhuma relação etimológica com *Mané* < *Manuel*. No original, a personagem se chama *Mavñç* [ma'nēs], nome típico da Frígia, da Lídia e da Capadócia. Na Ática, era um dos mais comuns entre os escravos. Fonte: Edições Kaktos, id. nota 108. Por se tratar de nome de escravo, portanto de alguém de condição social inferior para a sociedade ateniense, em vez *Mânio*, adaptação mais comum em português, preferi *Mané*, evocando tanto a semelhança fonética quanto a relação semântica.

915 **300** *Massa*: bom/boa, jóia, legal.

XIBIUCETA

Dex'eu trazer uma camã pra nós.

FODÉSIO

Nããão! Basta o chão pra nós.

XIBIUCETA

Não, mefimo tu sendo o traste que é,
eu nũ vô te fazer deitar no chão não.

FODÉSIO

Essa mulé é dodia por mim. 'Tá na cara.

XIBIUCETA

Aqui ó', deita logo, enquanto eu tiro a ropa.
Mas peraí, eu tẽu que trazer a bichã³⁰²... com'é? – a estera.

920

FODÉSIO

Que estera? Por mim, [nũ precisa].

XIBIUCETA

Ôxe, é fei fazer isso em cima do lastro³⁰³.

FODÉSIO

Agora dex'eu te bejar.

XIBIUCETA

'Tá, vai...

FODÉSIO

Tesão! Vem ligero, vem...

XIBIUCETA

Aqui a estera. Deita, qu'eu 'tô tirando a ropa.
Mas peraí... esse bichũ... com'é? – travessero tu nũ tem não...

925

FODÉSIO

Mas eu nũ 'tô precisando de [travessero] nenhum!

301 A fonte Clepsidra ficava à esquerda da gruta, perto da cidade alta (acrópole). Fonte: Edições Kaktos, id., nota 108.

302 *Bichão/bichã* usam-se em referência a algo desconhecido ou de cujo nome o locutor não se lembra. Existe também o verbo *bichãr*, sinônimo de *coisar*.

303 *Lastro*: o mesmo que estrado.

XIBIUCETA

Mas eu 'tô.

FODÉSIO

Ô retaaado! Será que meu pau virou comilão em casa de pão-duro³⁰⁴?

XIBIUCETA

Bora, levanta! [Será que eu] já tẽũ tudo?

FODÉSIO

Tudĩũ! Agora vem cá, mĩa nega, vem!

XIBIUCETA

Já 'tô tirando o corpete. Mas ó', lembra bem:

Nũ vai m'enganar sobre o acordo, não, hein?

FODÉSIO

Te juro por Deus! Que eu morra!

XIBIUCETA

Ah, mas tu nũ tem coberta...

FODÉSIO

E nem preciso! [Eu sou Fodésio]. Eu quero é meter!

XIBIUCETA

Calma, tu vai fazer isso, sim. [Peraí] qu'eu já vẽũ.

FODÉSIO

Essa mulé vai me esmagar com tanta coberta.

XIBIUCETA

Levant' aí.

FODÉSIO

(*apontando para o pênis*) Ôxe, Miscodoro³⁰⁵ aqui, ó', já levantou [faz tempo].

XIBIUCETA

Tu quer que eu te passe perfume?

930 **304** No original temos: “Mas será este pênis um Hércules convidado para jantar?” Trata-se de uma alusão ao herói Hércules e sua famosa gulodice, nunca satisfeita porque ou lhe são negadas refeições prometidas ou são sempre adiadas. Xibiuceta se comporta com Fodésio tal como os anfitriões de Hércules, pois, embora tenha cedido aos desejos do marido, inventa sucessivas desculpas para não lhe servir a “refeição”. Em outras palavras, Xibiuceta se faz de pão-duro, mantendo o marido comilão de pau duro (e insatisfeito).

305 *Miscodoro-a* é o nome que se usa em referência a alguém cujo verdadeiro nome o locutor quer evitar. Os interlocutores sabem perfeitamente de quem se trata. O comentário nunca é elogioso, porém não necessariamente ruim. Geralmente é irônico ou alude a alguma travessura da pessoa em questão. No fragmento, empreguei-o para traduzir o demonstrativo grego *τουτογι* [tuto'gi], “este aqui”.

935

FODÉSIO

Pelo amor de deufi, não!

XIBIUCETA

Pelo amor da deusa³⁰⁶, sim! Tu querendo ou não.

FODÉSIO

Ô Deus, tomara que esse perfume derrame!

940

XIBIUCETA

Toma, bota a mão e esfrega.

FODÉSIO

Esse perfume aqui nũ tem um cherĩ muito bom não.
Isso pra nũ dizer que é brochante e num chera a tesão³⁰⁷.

XIBIUCETA

Que biruta qu'eu sou! Esse qu'eu trouxe é o de Rodes. [O nosso é que é bom].

FODÉSIO

'Tá bom, dexa esse mefimo, abençoada³⁰⁸.

XIBIUCETA

Tu diz um bestage atraíh da ota.

945

FODÉSIO

Que morra da pior manera o inventor do perfume!

XIBIUCETA

Toma, [segura] o frasco.

FODÉSIO

Mas eu já tô com o oto.
Sua perversa³⁰⁹, deita [logo] aqui e nũ me traz maih
nada!

XIBIUCETA

Já vô, te juro.

'Tô só tirando a sandália. Mas ó': é pra acertar logo
a paz. ['Tá, meu] amor?

950

306 No original, Xibiuceta invoca Afrodite, respondendo a Fodésio, que, no verso anterior, invoca Apolo.

307 O original traz γάμοι (no genitivo), que normalmente é traduzido em português por *núpcias*. Uma vez que a cena é bastante vulgar, cheia de expressões chulas, preferi substituir *núpcias* por *tesão*.

308 V. nota 257.

309 Diante de /v/ e /s/, normalmente ocorre a síncope de -r- [h/h]. Por conseguinte, perversa deve ser pronunciado [pevesa].

FODÉSIO

'Tá, vou ver aí.

(*Xibiuceta se pica*)

[Mas ó' que porra!] A mulé pintou e bordou comigo.

E ainda por cima, dexou Miscodoro fora de si³¹⁰ e se picou.

Eta porra! O que é que eu faço? Agora que eu fui enganado pela melhor dah mulé,

quem é qu'eu vou passar po talo?

Com' é qu' eu vô dar de comer a essa criança aqui³¹¹?

Cadê Raposão³¹², [o dono do putero]?

Contrata uma babá aí pra mim, [gente].

CORO DOS VEI

Ê, infeliz, em que embeleco³¹³ desgraçado o engano empurrou tua alma!

'Tou com pena de tu. Ô, tadĩ do bichĩ³¹⁴.

Oxe, que rim, que alma,

queh bago, que anca?

Quem é que ia aguentar acordar de manhã

com a vara tesa no mei' das perna

e sem xibiu pra meter³¹⁵?

FODÉSIO

Ai, meu Deus! Já 'tô estrebuchando³¹⁶!

CORO DOS VEI

Foi o que te fez

a excomungada nojenta.

FODÉSIO

Não! Meu bem-querer, docĩa toda³¹⁷.

CORO DOS VEI

Colé mané docĩa! Pestĩa, pestĩa!

FODÉSIO

Peste, peste... Ai Deus, meu Deus!

Quem me dera que tu levasse ela, que nem se leva

um monte de pália, num vendaval com relâmpago,

310 O texto grego diz “tendo esfolado” em referência ao pênis, evocando, provavelmente, a imagem da glândula que, durante a ereção, sai do prepúcio. Minha opção por “deixar fora de si” é inspirada na tradução de Debidour (id.) “*Tout ça pour le mettre hors de lui*”, que recupera o duplo sentido (fora do prepúcio / furioso, excitado).

955

311 A “criança” é o pênis de Fodésio. No verso anterior, *passar po (pro)* talo significa possuir sexualmente.

312 *Raposão*. Em grego, temos *κυναλώπηξ* [*kyna'lōpēx*] (*κύων* + *αλώπηξ* = cão + raposa). Trata-se do apelido do cafetão Filóstratos, citado também n' *As vespas* (1065-1070), onde é descrito como pérfido, ligeiro e raposa velha que conhece todas as manhas. Sigo Duarte (id.) e Trajano Vieira (id.), que traduzem o composto grego por *Raposão*, que é bastante expressivo em português como apelido de cafetão e malandro.

960

965

313 *Embeleco*. Esta palavra exprime todos os elementos que caracterizam a situação vivida por Fodésio nesta cena. Significa engano, complicação, obtáculo, mas também relação amorosa. O original traz “mal terrível”.

314 Ô, *tadĩ do bichĩ* (Coitadinho!). No grego, temos: Ai, ai! A interjeição que utilizei na tradução não é comum entre homens. Com ela, quis exprimir a ironia e a gozação do coro em relação a Fodésio.

970

315 Seguindo em parte a tradução de Georgussópulos (id.), fiz algumas alterações nos três últimos versos. No original lemos: “...que rabo empinado e não fodendo ao amanhecer”? O sujeito “rabo”, assim como os demais desse longo período, está ligado ao verbo *aguentar*. A tradução que proponho tem o intuito de tornar o fragmento mais natural na fala baiana vulgar.

fazendo ela girar que nem uma bola,
levando levando e depois soltasse...
Aí ela voltava pr'a terra
e, quando pens' que não³¹⁸,
ela caísse montada em meu pau.

OFICIAL LACEDEMÔNIO³¹⁹

Onde é o senado de Atenas?
Ou então os chefes das tribos³²⁰? Quero anunciar uma notícia.

FODÉSIO³²¹

E quem é tu? Home ou Exu³²²?

OFICIAL LACEDEMÔNIO

Sou um oficial, meu jovem.
Venho de Esparta para fechar um acordo de paz com voçes.

FODÉSIO

E pra que tu 'tá com essa vara aí debafi' do braço?

OFICIAL LACEDEMÔNIO

Nũ 'tô não.

FODÉSIO

'Tá dando as costa, por quê³²³?
E por que 'tá botando o manto pra frente? Tu 'tá com hérnia?
Será que foi de tanto bater canela?

OFICIAL LACEDEMÔNIO

Vixe! Deu a bilula nesse caba³²⁴!

FODÉSIO

Tu 'tá de pau duro aí é, miserave?

OFICIAL LACEDEMÔNIO

Eu não! Dexe de brincadeira, [caba]!

FODÉSIO

Então o que é que tu tem aí?

975 **316** Literalmente: "Que terríveis contrações!"

317 Posposto ao adjetivo, *todo-a* funciona como intensificador. Esse traço sintático-semântico é muito recente em nosso dialeto.

318 ...quando pens(a) que não: de repente.

980 **319** O oficial lacedemônio, assim como Lampito, fala o dialeto lacônico, representado nesta tradução pelo dialeto pernambucano (v. nota 32).

320 Não havia senado em Atenas. Em Esparta, este era um conselho permanente de anciãos, composto de 28 membros, além de 2 reis. Em grego, o termo traduzido é *γερωχία* [gerō'khia], cujo correspondente em português é *gerúsia*, proveniente do grego ático *γερουσία* [gerū'sia]. O senado espartano era bem diferente do senado romano, cujo número de membros chegava a 300, na monarquia e a 600, 900 e mais de 1000 na república. No império, Augusto reduziu esse número para 60. Em Atenas, o que mais se assemelhava ao senado romano era o conselho dos das tribos. Eram os chefes das tribos (os prítanes) que formavam o conselho, cujo número de membros chegava a 500. O oficial lacedemônio ao procurar pelo "senado de Atenas", tem em mente a estrutura político-administrativa de seu Estado.

985

321 Algumas edições colocam o delegado como interlocutor do oficial lacedemônio. Aqui sigo a edição de Hendersen, na qual é *Κινησίας* (Fodésio) o interlocutor do oficial.

322 O nome traduzido por Exu é *Κονίσσαλος* [ko'nisalos], divindade associada a Príapo, filho de Afrodite e de Dionísio. Suas especialidades, sexo e fecundidade, são precisamente as de Exu nas religiões afro-brasileiras.

990 Fodésio faz essa pergunta ao oficial por conta da lança e do bastão que este traz consigo, os quais remetem ao falo. Na tradução, substituí *lança* e *bastão* por *vara* e *porrete*, respectivamente (v. sequência).

OFICIAL LACEDEMÔNIO

É um porrete lacônio.

FODÉSIO

'Tá... Esse aqui também, ó', é um porrete lacônio.

Pode me dizer a verdade, porque eu também acabei de passar por isso³²⁵.

E aí, com'é que vão as coisa pra voceifh lá na Lacedemônia?

OFICIAL LACEDEMÔNIO

Tudo em riba em toda a Lacedemônia. Os aliado também 'tão tudo armado³²⁶. O que 'tá faltando é leitera.

FODÉSIO

E de onde é que vem esse mal?

Do [deus] Pã?

OFICIAL LACEDEMÔNIO

Não. Ach' que foi Lampito que começou.

Aí depois as otas mulé d' Esparta se reuniro,

e, como [quem afasta todo mundo] da lã ðe partida [numa corrida], do mes-
mo jeito

apartaro os home da carne-mijada³²⁷.

FODÉSIO

Então com' é que voceis 'tão se virando?

OFICIAL LACEDEMÔNIO

Tem sido um uma bronca pesada³²⁸. A genç' tem andado curvado pela cidade como quem segura o facho³²⁹.

As mulé nũ dexa nem a genç' tocar

na bichĩũ³³⁰ delas, ançes que nós tudo, ðe comum acordo, acert' a paiz por toda a Grécia.

FODÉSIO

Aaa, esse negoço foi armado por tudo quanto é de lugar pelafh mulé. Agora é que 'tô me dando conta disso.

fiumbora, dá orde pra mandare aqui o mai³³¹ rápido possive uns embaixador com autoridade pra negociar a paiz.

Enquanto isso, eu vou propor ao Consêlio que eleja aqui

otos embaixador e vou mostrar [o estado de] meu pau [como argumento]³³².

323 No original, Fodésio pergunta Ποῖ [poi] – para onde – que traduzi por *por quê*.

324 *Dar a bilula em alguém*: Expressão que, em Pernambuco significa endoidecer. No interior do Estado se diz também *dar o tango no mango*. Cabra ou caba significa *cara, homem*.

325 Fodésio insinua que o oficial lacedemônio está excitado, ou seja, na mesma situação em que ele se encontrava um pouco antes.

326 Em nome da ambiguidade, introduzi o baianismo armado no falar pernambucano do oficial lacedemônio. *Armado*, no DSB, significa também *excitado* (v. nota 173). Temos que imaginar que o lacedemônio usa conscientemente a palavra ateniense.

327 *Carne-mijada*: a vagina, em Pernambuco.

328 *Bronca pesada*: problema, dificuldade, em Pernambuco.

329 O original diz: “como carregadores de lamparinas”, mas traduzi por “como quem segura o facho”, explorando o duplo sentido de *facho*, em português, o que, como acredito, convém à cena (eles andam curvados como quem carrega um tocha, um facho, e, por falta de mulheres, têm que “segurar, conter o facho”).

330 Por *bichĩũ* traduzi *μύρτος* [myrtos], que em grego significa tanto *mirto* quanto *vagina*. *Bichĩũ* foi sugestão de um informante pernambucano.

331 Um avez que a consoante inicial da palavra seguinte é laríngea, o /s/, que teria igual realização, sofre apócope.

332 Com esse ato, Fodésio pretende convencer o Conselho da necessidade de se chegar a um acordo pela paz, de modo que, assim, os homens possam voltar a ter relações sexuais com suas esposas.

OFICIAL LACEDEMÔNIO

Já vô voando. Tu tem toda razão.

CORO DOS VEI

Nũ tem bicho mais feroiz do que mulé.
Nem o fogo! E nem uma fera braba é assim tão descarada.

CORO DAh MULÉ

E mefimo tu sabendo disso, tu me ataca [desse jeito],
quando o que tu podia fazer, seu cafajeste, era me ter como amiga fiel?

CORO DOS VEI

É que eu nunca vô parar de detestar mulé³³³!

CORO DAh MULÉ

Aonde³³⁴! Quando a necessidade apertar, tu pára. Só que agora eu nũ tô
nem um pingo a fim de te ver aí nu desse jeito. Oa só o mico que tu 'tá pagando. 1020
Vindo pra cá, eu vou trazer uns pano vei³³⁵ pra tu te cobrir.

CORO DOS VEI

Voceifĩ nũ fizero nada de mau não.
Foi de raiva mefimo que eu fiquei nu.

CORO DAh MULÉ

[Aaaa...!!!] Pela primeira vez tu 'tá parecendo um home
e deixou de pagar mico. Se tu nũ tivesse me torrado [tanto] a paciência, 1025
eu já tã tirado esse bichĩũ de teu zói, esse que t'ái agora, [ó].

CORO DOS VEI

Era isso que 'tava me tiran' do sério. Tom' aqui meu anel³³⁶.
Tira ele e depois me mostra.
'Tava me mordendo há um tempão já.

CORO DAh MULÉ

'Tá. Apesar de tu ser infarento³³⁷, eu vou quebrar teu gai. 1030
Ô retaaado³³⁸! Tu precisa ver o tamãĩ do bicho!
'Tá vendo não? Esse mosquito nũ é [das vage] de Tricórito³³⁹ não?

CORO DOS VEI

É³⁴⁰, tu me aliviou mefimo. É de hooje qu' esse bicho 'tava cavando uma
cisterna em mim. E agora que tu tirô ele, 'tá saindo lágrima aos pote.

333 Provável alusão a *Hipólito*, de Eurípides. Nesta peça (v. 664-5), a personagem central, que dá nome à obra, diz: “Eu nunca vou me saciar de odiar as mulheres”.

334 *Aonde!* Significa “Imagina”, “Impossível”, “Não acredito”.

335 Pano vei traduz *ἐξωμίς, -ίδος* [exō:mis], túnica usada pelos escravos ou por pessoas muito pobres.

336 O anel era introduzido sob a pálpebra, mantendo-a elevada, para que se retirasse o cisco. V. Henderson, id., p. 189.

337 *Infarento*: chato, mala-sem-alça. Gai: galho, após a síncope da palatal /λ/ e a apócope do o /u/ final (v. estudo introdutório, 3.1.1.2 *Os ditongos*, 2).

338 *Retaaado*: O alongamento de uma vogal indica espanto, admiração, surpresa. O mesmo ocorre no verso 1033, na palavra *hooje*.

339 Tricórito era um demo (distrito, povoado) situado num região pantanosa da Ática. Certamente lá havia muitos e grandes insetos. No Sul da Bahia, vage (corruptela de *várzea*) significa pântano, planície alagada, lagoa tomada pela vegetação.

340 *É*: reconheço que, é verdade, realmente. Aqui não se refere à pergunta da coriféia, mas ao favor que ela lhe prestou. O sentido de *é*, iniciando uma oração, depende muito da entonação da voz e da expressão facial. Neste verso, exprime reconhecimento, o que pode ser realçado por uma ligeira pausa, seguida de uma entonação descendente.

CORO DAh MULÉ

Mas eu vô te enxugar. Tu enche o saco, mas eu vô te dar um bejo.

CORO DOS VEI

Nũ quero não!

CORO DAh MULÉ

Tu nũ tem querer não!

CORO DOS VEI

Nũ é hora pra isso não! Ques xereta por natureza que voçeis são, [viu]!
Bem diz o ditado³⁴¹:

“Ruim com elas, pior sem elas”

Mas agora eu vô fazer um trato contigo: D' agora em diante nunca mais eu vô tratar mal voçeis, mai' voçeis também nũ vão dar lugar pra isso. Agora vamo todo mundo junto [cair na gandaia e] cantar³⁴².

CORO DE HOME E MULÉ

Pessoal, a gente nũ 't' aqui pra falar mal de ninguém, nem de um sequer.

Muito pelo contrário, a gente só [quer] dizer e fazer o que é bom, pois já chega tudo de ruim que a gente tem vivido³⁴³.

E agora todo home ou mulé, se 'tiver precisando de uma granã, um, dois ou treis conto³⁴⁴, que diga logo, que a gente tem pra emprestar.

Nossos emborná 'tão ali dento cheĩũ é pra isso mefimo³⁴⁵.

Se a paz afinal der as cara, quem tiver tomado emprestado de nós hoje, nũ precisa pagar maifĩ não³⁴⁶.

A gente 'tá pra receber umas visita da cidade de Caristos, gente fina e distinta³⁴⁷.

Ainda tem um poquĩũ de purê. Tĩã³⁴⁸ também um pedafi' da leitoã que eu matei pra voçeis soborear tranquil' e calmo.

Então, pode vĩ hoje lá em casa. Mas tem que ser de manhãzĩã, depois que voçeis tiverem tomado bãĩ e dado bãĩ nas crianãa. Depois, é só embocar,

1035

341 Literalmente: “e existe aquele ditado que diz corretamente e não mal”. O ditado, que remonta à idéia, já encontrada em Hesíodo (*Os trabalhos e os dias*, v. 58), de que a mulher é um mal necessário, diz, *ipsis litteris*, o seguinte: “nem com as pestes, nem sem as pestes”, que adaptei a um dito semelhante em nosso falar.

342 O original diz: “Mas reunidos iniciemos juntos um canto”.

343 O texto grego diz “pois bastam os males presentes”. Embora eu tenha omitido o adjetivo presentes, a idéia que ele expressa é recuperada pelo uso de nosso pretérito perfeito composto, que aliás exprime não só a idéia de presente, mas de um presente que é o acúmulo de fatos que começam no passado, o que caracteriza bem a situação vivida pelas personagens durante os anos da guerra.

344 Durante a história recente do Brasil, e até hoje no Sul da Bahia (e em outras regiões do país) *conto* tem sido usado em referência a qualquer moeda brasileira, tornando-se um termo genérico para se falar de quantias. Por isso é que o preferi para traduzir *μνᾶ*, que correspondia a 100 dracmas.

1045

1046/7

1048/9

1050

1051/2

1053/4

1055

345 No original lê-se o seguinte (a partir de “que a gente...”): “pois ali dentro há (i. é, dinheiro) e temos sacos/ bolsas”. *Sacos / bolsas* correspondem ao grego *βαλλάντια* [ba:llantia], que traduzi por *emborná* (forma apocopada de *embornal*). No Sul da Bahia (e talvez alhures), sobretudo na zona rural, o *embornal* é um saco rústico, usado a tiracolo, para o transporte de todo tipo de pertences – de alimentos a ferramentas, dinheiro, caça, livros etc.

346 Debidour (id., p. 189, nota 2) afirma que nesta fala estaria subentendido “... pois, nós não lhe teremos dado absolutamente nada”. Ele observa ainda que, “em outras três passagens, o coro fará ofertas mirabolantes, que resultam em grande pilhéria, v. 1071, 1202, 1215”.

347 A cidade de Caristos, situada na Eubéia, era aliada fiel de Atenas (cf. v.

1058/9

1060

1061/2

1063/4

1065

1066/7

sem pedir permissão a ninguém,
e seguir reto
como se 'tivesse em casa,
de cabeça erguida, e aí
voceifã vão dar com a cara na porta.

1070

Mas peraí, ó' os embaxador de Esparta chegando ali com as barba quase arrastando pelo chão. Que diabo é aquilo parecendo cerca de chiquero em vol' das perna deles³⁴⁹? Já vô logo cumprimentando os home da Lacônia!
E agora conta aqui pr' a gente com' é que vai a situação de voceis.

1075

EMBAIXADOR LACEDEMÔNIO

E é preciso đizer muita coisa?
Dá pra ver em que estado a genç' 'tá, [nũ dá?]³⁵⁰

CORIFEU

Ô retaaado! O pau nũ 'tá comendo não³⁵¹.
Parece é que 'tá cada veifã mais pegando fogo.

EMBAIXADOR LACEDEMÔNIO

Nũ tem nem o que đizer. O que é que se podia đizer?
Mas [chama] alguém aí ligero pra vĩ acertar đe vez a paiz com a gençe.

1080

CORIFEU

Mas [ó'], 'tô vendo ofi daqui [abaxando] que nem lutador [só] pra afastar o ropão da barriga. Parece até que 'tão sofrendo de inchaço de atleta [contundido]³⁵².

1085

EMBAIXADOR ATENIENSE

Quem é que podia dizer onde é que 'tá Difmanchatropa?
Esse é o estado de home de bem como nós, ó³⁵³.

CORIFEU

(*olhando pros lacedemônios*) [Vixe!] Voceis 'tão com ofi mefimo sintoma que nós³⁵⁴.
Por acaso de manhãzã voceis começa a se estrebuchar?

EMBAIXADOR ATENIENSE

Por Deufã do céu, já 'tamo' acabado!
Se alguém nũ reconciliar logo a gente,
nũ tem como a gente nũ comer o viado [que mora ali embaxo]³⁵⁵.

1181), com a qual participou da invasão de Corinto em 425 a. C. (cf. Tucídides, IV:42) e da expedição à Sicília entre 415 e 413 a.C. (cf. Tucídides, VII: 57). Meses mais tarde, estiveram de novo ao lado dos atenienses, desta vez ajudando-os no estabelecimento da oligarquia dos Quatrocentos. Com base nesses versos e no verso 1181, Georgoussópulos (id., nota 118) conjectura que talvez existissem pilhérias sobre a atração que os carístios exerciam nas atenienses. Segundo ele, o próprio nome (carístios) constitui, provavelmente, uma alusão sexual, já que *kápuā* [:karya] significa, além de nozes ou amêndoas, testículos.

348 O texto grego traz o verbo no imperfeito e eu o mantive assim, mesmo que soe estranho. Parece-me que, tal como no caso da oferta de dinheiro, também o convite para comer é fajuto. Com o verbo no passado, a única coisa que o coreuta garante é o pouquinho de purê. É como se ele dissesse: "Olhem, ainda tem um pouquinho de purê. Tinha também um pedaço de uma leitoinha que eu matei [mas eu não sei se sobrou]". A sequência apresenta outras falas equisitas, como o convite para os amigos comparecerem "hoje de manhã bem cedo" (no hoje, a manhã já passou) ou a exortação para entrarem casa adentro, com a porta fechada (fato apontado também por Debidour, cf. nota 312). Penso que tudo isso corrobora a hipótese de se tratar de chacota do coreuta.

349 Modifiquei bastante os dois últimos versos. O original diz, literalmente, o seguinte: "Mas eis que de Esparta aqueles embaixadores ali, arrastando as barbas, se aproximam, como se um cercado em volta das pernas tivessem". *Χοιροκομείων* [χοιροκομείων] significa chiqueiro ou ligaduras femininas. Não há unanimidade entre os especialistas e tradutores. O termo é traduzido por chiqueiro (Duarte), suíno (Trajano Vieira),

continua na página 187 >

embrulho pesado (Millôr Fernandes), pele de carneiro (Georgussópulos), caixote (Debidour), dentre outros. Prefiro utilizar uma expressão de indefinição (*algo parecido com cerca de chiqueiro*), colocando-a em forma de pergunta para reforçar a idéia do desconhecimento do coreuta em relação ao que os embaixadores trazem ao redor das coxas. Esse desconhecimento do coreuta é indicado pela conjunção *ὡσπερ* [:hosper] – *como se* – introduzindo um participio. Ou seja, o coreuta tenta identificar o objeto, comparando-o a outro. Os lacônios cobrem as coxas para não aparecer sua ereção.

350 Eles levantam as vestes e mostram o pênis ereto.

351 No original lê-se: “Poxa! Essa desgraça aumentou!” A tradução que propus poderia ser “O pau ‘tá comendo”, mas, para maximizar a ambiguidade e a ironia, inseri a negação: “O pau nã ‘tá comendo não”. O ator pode proferir este enunciado com risos sarcásticos.

352 O termo traduzido por inchaço é *νόσημα* [:nosēma], que significa doença, mal, infortúnio. Já *de atleta* traduz *ἀσκητικόν* [askēti:kon], que, segundo Debidour (id.), Aristófanes usa, fazendo trocadilho com *ἀσκιτικόν* [askiti:kon], que evoca inchaço, espécie de hidropisia. Os jovens gregos se exercitavam nus nas palestras, no entanto Georgussópulos (id., nota 120)

observa que isso não significa que, nesta cena, os atenienses estejam nus. É a posição do corpo que faz lembrar atletas lutando: Eles estão andando com a parte superior do corpo curvada o máximo possível (cf. v. 1004), assim como fazem os lutadores nas palestras para evitarem o golpe do adversário. Eles estão andando abaixados, porque, se permanecessem em posição ereta, de tão excitados não poderiam esconder o pênis sob a túnica (“ropão”, na tradução).

353 O embaixador responsabiliza Dîfmanchatropa pelo estado em que os homens se encontram, pois foi ela que deflagrou a greve de sexo.

354 Literalmente: “Esta doença corresponde a essa outra”.

355 O embaixador diz que vai “comer” Clístenes, homossexual já citado no verso 621. Para que o verso ficasse mais claro ao leitor e/ou o público, substituí o nome da personagem por um substantivo que exprimisse traços de sua personalidade. Clístenes é uma personagem recorrente nas peças de Aristófanes e se distingue por seus traços efeminados.

CORIFEU

Mas ó', se voceis têm juízo, veste a roupa, pra que nũ veja voceis nenhum daqueles cara que cortaro a cabeça e o bingolí das estátua de Hermes³⁵⁶.

EMBAIXADOR ATENIENSE

É mefmo, tu tem razão.

EMBAIXADOR LACEDEMÔNIO

É, 'tá cober' ãe razão. Tu 'ta certinho Vamo butar³⁵⁷ uma roupa.

EMBAIXADOR ATENIENSE

Salve, [meus amigo] da Lacônia! [Que] vexame [foi esse que] a gente passou, [hein?]

EMBAIXADOR LACEDEMÔNIO

Ôôô, caba da peste ! Pois é, [home], vexame terrive, se aqueles cabr' ali ÷ivere visto a genç' baten' punheta.

EMBAIXADOR ATENIENSE

Vamo lá, pessoal, voceis têm que abrir o jogo. Por que é que 'ceis 'tão aqui?

EMBAIXADOR LACEDEMÔNIO

Pra tratar da reconciliação. A genç' é embaxador.

EMBAIXADOR ATENIENSE

Falô e disse! A gente também é a mefma coisa. Por que, então, a gente nũ chama Difmanchatropa, já que só ela é que podia reconciliar a gente?

EMBAIXADOR LACEDEMÔNIO

Difmanchatropa, Embarcatora – chama quem voceis quisere³⁵⁹!

EMBAIXADOR ATENIENSE

E, pelo que parece, nem precisa a gente chamar. Ela ouviu e já vem saindo.

356 No verão de 415 a. C, pouco antes da partida da expedição à Sicília, as hermas (representações do deus Hermes erguidas sobre um pedestal) apareceram mutiladas, umas sem a cabeça, outras sem a cabeça e o falo (as que o tinham). O fato é contado por Tucídides (VI: 27-9).

357 V. nota 54.

1095

358 Traduzo com uma expressão tipicamente nordestina, muito comum em Pernambuco (*caba/cabra da peste* = homem valente, forte, destemido) a expressão tipicamente lacônia *πολυχαρείδας* [polyxa:rêdas], que *significa meu querido*. "Aqueles cabr' ali", a quem se refere o embaixador lacedemônio, são os espectadores (v. Debidour, id.)

359 O original diz o seguinte: "Pelos deuses gêmeos! E se vocês quiserem, Lihístraton" (no dialeto ático, Lisístraton). Georgussópulos (id., nota 123) supõe que Aristófanes tenha inventado este nome para insinuar a homossexualidade lacedemônia. Trajano Vieira, no entanto (id., nota 93), refere que Lisístrato era um "famoso pederasta do período". Na tradução, lancei mão de uma expressão chula usada no Sul da Bahia (e talvez alhures) para dar conta do jogo de palavras (Lisístrata x Lisístrato) presente no texto original. Trata-se de *Embarcatora*, que designa o homossexual. Quem fala é o lacedemônio ("pernambucano"), mas ele tem consciência de que se trata de um nome local (seja de alguém "famoso", como quer Trajano Vieira, seja de uma personagem inventada naquele momento para zombar dos atenienses ("baianos"), servindo-se de uma expressão deles mesmos). Para Debidour (id., p. 191), "homem ou mulher, pouco importa, contanto que se faça cessar a guerra" (tradução minha).

1100

1105

CORIFEU

Salve salve a maif macho de todas [as feme]! Agora tu tem que ser dura, mas compreensiva, boa, mas chata, imponente, maif doce – [enfim] raposa vea – porque os chefe dos grego ficaro infetizado por tu. 1110
Eles se entrega a teu [poder] e, de comum acordo, te confia as pendenga deles tudo.

DIHMANCHATROPA

Tarefa nada difice, se alguém tem de lidar com um band' de home a perigo, sem tocar em mulé há um tempão e sem tentar [se satisfazer] entre elef mefimo.

Já já eu vou saber. Cadê Reconciliação³⁶⁰?

Leva primeiro of lacônio. 1115

Maif não com mão pesada nem soberba, nem como nossof marido grossero fazia com a gente.

Tem que agir é como mulié, de um jeitũ bem nosso.

Se ele não der a mão, puxa pela binga.

Vai tu também e traz aqueles ateniense ali, ó'. 1120

Pega eles pela parte que elef dere e traz.

Voceis, of lacônio, é pra ficar aqui per' de mim, ó'.

E voceis do lad' de cá. E [agora] todo mundo me ouvindo.

*Eu sou mulié, é bem verdade, mas tẽũ juízo*³⁶¹.

A mim mefima bom-senso é o que nũ me falta. 1125

E, de tanto prestar atenção nas palavra de meu pai e dof mais vélio³⁶², nũ foi poco o que eu aprendi.

Agora que eu peguei voceis [de jeito], quero dar uma regulage³⁶³ nos doif lado, e com razão. Voceis que, como gente aparentada, usaro da mefima água pra purificar os altar em Olímpia, em Pilos, em Pitô – e em quanto of lugar ainda eu podia dizer, se tivesse que me estender, [né]? –

voceif vive botando a perder home grego e um band' de cidade.

Enquanto isso, os gringo 'tão aí de tocaia com o exército deles³⁶⁴.

*Aqui termina a primeira parte de mã fala*³⁶⁵. 1135

EMBAIXADOR ATENIENSE

Eu é que 'tou me perdendo com o bingolim fora de si.

DIHMANCHATROPA

Agora eu me volto é pra voceis, of lacônio.

Voceif nũ sabe que Periclidias, o conterrâneo de voceis, vei' aqui

360 A reconciliação aparece como personagem na peça. Por isso a escrita com maiúscula e a omissão do artigo diante do nome.

361 Este verso é uma citação tragédia *Melanipe, a sábia*, de Eurípides. Dela chegaram até nós somente alguns fragmentos.

362 Poderia dizer igualmente: "... e dof maif vei", de acordo com as regras expostas em notas anteriores (v. notas 9 e 73). Por se tratar de um discurso dirigido a muitos, inseri na fala de Dihmanchatropa elementos um pouco mais próximos dos que ocorrem no padrão, sobretudo a partir do verso 1124.

363 *Dar uma regulage*: passar um sabão, repreender.

364 No original, lê-se o seguinte: "Inimigos presentes com exército estrangeiro, homens gregos e cidades vocês destroem". Preferi traduzi βάρβαρος [:barbaros] por *gringo*, em vez de *estrangeiro*, porque, tal como o termo grego, *gringo* designa, primeiramente, aquele que fala uma língua incompreensível, daí o estrangeiro. Os gringos em questão são os persas.

365 Verso de *Erecteu*, tragédia perdida de Eurípides.

uma vez, na condição de suplicante dos ateniense, sentou nesses altar [aqui], com a cara amarela e coberto com um manto vermêlio, pedindo um exército? Naquela época, Messênia 'tava pressionando voçeis e, ao mesmo tempo, algum³⁶⁶ deus sacudia [Esparta]. Címon foi lá com quatro mil soldado e salvou a Lacedemônia inteira. Depois de tere recebido tudo isso dos ateniense, agora voçeis anda aí arrasando nossa terra, que só o bem feiz a voçeis?

EMBAIXADOR ATENIENSE

Eles são ingrato mesmo, Diñmanchatropa!

EMBAIXADOR LACEDEMÔNIO

[De fato], a genç' é ingrato. Agora esse parreco³⁶⁷ aqui... nũ [tenho o que dizer...é uma tentação!]

DIÑMANCHATROPA

E tu acha que eu vou deixar voçeis, os atenienses, escapare, é? 'Ceis já esquecero³⁶⁸ que, quando voçeis usava aquelas ropa de escravo, ofi lacônio vier' aqui e mataro com a lança um bocad' de tessálio, um mont' de chegada e aliado de Hípia? [Já esquecero também] que, naquele dia, ofi lacônio for' os único que lutaro com voçeis, libertaro [nosso] povo, permitindo que a gente, em veif das ropa de escravo, vestisse de novo o manto [da liberdade]?³⁶⁹

EMBAIXADOR LACEDEMÔNIO

Eu nunca tã visto em lugar nenhum mulé tão decente!

EMBAIXADOR ATENIENSE

Já eu nunca tã visto uma buçetã maif bonita!

DIÑMANCHATROPA

Então, depois de tantos serviço prestado uns aos o, por que é que voçeis nũ deixa de lado essa rixa³⁷⁰? Por que voçeis nũ faif logo um acordo, hein? Bora, qual é o embeleco?

EMBAIXADOR LACEDEMÔNIO

A genç' topa, contanto que alguém quera

1140 **366** No original, temos "o deus", que preferi traduzir por "algum deus", já que os deuses eram muitos e não há elementos no texto que precisem o deus a que se refere a personagem. Georgussópulos (id.) procede de maneira semelhante, lançando mão do artigo indefinido. Talvez se trate de Possêdom, a quem se atribuía o poder de provocar terremotos e, por isso mesmo, se lhe ofereciam sacrifícios para que mantivesse a estabilidade do solo. No entanto, também Zeus era considerado responsável pelos tremores de terra. Em 464 a. C., Esparta foi abalada por um grande terremoto. Houve revolta dos soldados (os hoplitas) e Esparta pediu ajuda a Atenas. O general Címon, que mantinha boas relações com os espartanos, foi enviado para encabeçar as tropas.

1150 **367** Olhando para as nádegas de Reconciliação. *Parreco* significa "bunda" em Pernambuco.

368 No original: "Ceif nũ sabe..."

1155 **369** Após o assassinato de Hiparco (v. também nota 169), a tirania de Hípias tornou-se mais opressiva. Entretanto, a tentativa dos exilados, entre os quais os alcmeônidas, de derrubar Hípias não vingou. Os espartanos apoiaram a tinania até certo tempo, mas em 510 a. C. decidiram intervir para destituí-la. Naquele ano, uma esquadra foi derrotada por Hípias e seus cavaleiros tessálios, no entanto a infantaria, sob o comando Cleomenes, pôs em fuga os tessálios e sitiou os homens do tirano na acrópole. Poucos dias depois, Hípias e sua família fugiram para Siciona (a Oeste de Corinto). Tucídides (VII: 53) refere que o povo sabia que a tirania não tinha sido derrubada por Harmódio e Aristógiton, mas pelos lacedemônios.

1160 **370** Literalmente: "Por que é que voçeiñ nũ para com essa perversidade?"

liberar pra nós essa região aqui de baxo³⁷¹.

DIHMANCHATROPA

Qual [região], rapaz³⁷²?

EMBAIXADOR LACEDEMÔNIO

Pilos, [a portã] ³⁷³,
que a genç' tem desejado tanto e vem só apalpand' ela.

EMBAIXADOR ATENIENSE

Aonde! Ceif' nunca vão conseguir isso!

DIHMANCHATROPA

Dá³⁷⁴ pra elef, nego.

EMBAIXADOR ATENIENSE

[Mas] e nós então de qual região é que nóif' vamo forçar a
[portã] ³⁷⁵?

DIHMANCHATROPA

'Ceis pode pedir³⁷⁶ em troca ota região.

EMBAIXADOR ATENIENSE

[Dex' ô ver...] 'ceis têm que liberar pra nós...esse bichí, com'é...³⁷⁷
Primer Equibunda – ts³⁷⁸ Equinunta –, o Rego Malíaco e as perna de Mégara. 1170

EMBAIXADOR LACEDEMÔNIO

Tudo também não, né caba?

DIHMANCHATROPA

Peraí, gente, 'ceif' nã vão brigar por cafi' de um par de perna!

EMBAIXADOR ATENIENSE

[Bora que] eu já tô querendo ficar nu e começar a roçar³⁷⁹.

EMBAIXADOR LACEDEMÔNIO

Já eu quero é socar bosta³⁸⁰.

DIHMANCHATROPA

É o que voceis vão fazer, depois que chegare a um acordo.

371 Região aqui de baxo: Traduz *ἐγκυκλον* [enkyklon], “roupa que se veste por baixo”, ou seja, peça íntima feminina. O lacedemônio usa a expressão com duplo sentido: Ele quer que os atenienses lhe cedam alguma região da parte baixa da Ática, por exemplo, ou que uma mulher ateniense lhe ceda a parte de baixo de seu corpo?

372 *Rapaz*: Interjeição usada na Bahia e em várias partes do Brasil para exprimir impaciência, preocupação, reprovação etc.

373 *Pilos*, nome de importante localidade do Peloponeso, significa também *porta*, o que, mais uma vez, indica a malícia das palavras do lacedemônio. Em 425 a. C., os atenienses ocuparam e fortificaram Pilos (v Tucídides IV: 2-41), que em 410 foi reconquistada pelos lacedemônios.

374 No original, lê-se: “Deixa com eles / Cede-lhes”. Traduzi por “Dá pra eles” pra reforçar a ambiguidade.

375 O ateniense utiliza o verbo *κινέω* [ki:neo], que significa *mover, deslocar, empurrar*, mas também *foder*. A personagem explora a ambiguidade do verbo. O original diz, literalmente, o seguinte: “Quem é que nóif' vamo botar em movimento?”, que pode ser interpretado também por “Quem é que nóif' vamo comer”?

376 V. estudo introdutório, 3.2.2 *As pessoas do discurso e o sistema verbal* (parágrafo sobre o imperativo da segunda pessoa do plural no DSB).

377 Está tentando lembrar-se do nome.

378 *Ts*: Som produzido com a ponta da língua pressionada contra os dentes e o alvéolo, para exprimir aborrecimento (ou falso aborrecimento) seguido de correção de algum equívoco linguístico. Os nomes próprios que Aristófanes escolheu nesta passagem fazem lembrar nomes de partes do corpo.

1165

1175

Agora, se voeis achare mefmo que é certo fazer isso, 'ceis têm que pensar direitũ e ir consultar os aliado.

EMBAIXADOR ATENIENSE

Colé mané aliado, mã nega?! Tá todo mundo aqui de pau duro! Por acaso os aliado nũ tão querendo a mefma coisa que nós?
[Quer dizer], nũ 'tá todo mundo querendo fuder?

EMBAIXADOR LACEDEMÔNIO

Os nosso, com certeza!

EMBAIXADOR ATENIENSE

Os carístio então nem se fala!

ΔΙΉΜΑΝΧΑΤΡΟΠΑ

Voeis têm razão. Agora então vão se lavar, pra a gente receber voeis na cidade alta com o que a gente tem aqui nas cesta.
Lá 'ceis vão fazer jura e assumir compromisso uns com os oto.
Depois cada um pegue sua mulé e se pique.

EMBAIXADOR ATENIENSE

Oxe, fumbora logo!

EMBAIXADOR LACEDEMÔNIO

Podê levar a gent' pra onđe tu quiser.

EMBAIXADOR ATENIENSE

Avia, fumbora!

(Entram todos na acrópole)

CORO DE MULÉ E DE HOME

[Aqui, ó], nũ tẽu enganja³⁸¹ com mãs coisa não...

Libero tudo o que eu tẽu pr'as criança

e pr' a qualquer mocia que for escolida pra carregar a cesta

sagrada nas Panatenia: meus tapete bordado, meuñ manto de lã,

meus vistido amarelo-acafrão e mãs jóia.

Encorajo todo mundo a se servir de mãs

coisa que 'tão lá dento.

Assim, Equinos (Cidade da Tessália – que no texto aparece na forma do acusativo “Ekhinunta”), faz lembrar ἔχινος [e:khinos = ouriço], que, provavelmente, remetia ao púbis da moça. O ateniense pede também a “parte traseira do Golfo Malíaco” (ton Mēli:a ton :kolpon ton :opisthen) e as pernas de Mégara. Meliá remete a maçã e, por extensão, a tetas. As “pernas” eram as muralhas que ligavam a cidade de Mégara ao porto de Nísea, permitindo à cidade “ter o pé no mar” (Debidour, p. 194, n.2). Na tradução, tentei manter, na medida do possível, as analogias do original, sem me preocupar com a exatidão, mas sem comprometer o sentido geral do fragmento.

1180

1185

379 Literalmente: “Quero arar já nu, tendo-me despido”. Em vez de “arar”, preferi “roçar”, no intuito de preservar a malícia presente no original. *Roçar* sugere a fricção dos pêlos pubianos do homem e da mulher. Outras possibilidades de tradução para o verbo γεωργεῖν [geōr:gēn], neste contexto, seriam: “botar a semente na vala” ou “fertilizar a terra”.

380 Parece haver aqui mais uma insinuação da homossexualidade espartana. O verbo κοπραγωγίην [kopragō:gēn] significa “transportar estrume”, que traduzi pela expressão “socar bosta”, que se usa em referência jocosa ao coito anal.

381 *Enganja*: Palavra de origem africana muito comum na Bahia e talvez em outros Estados do Nordeste. Traduz perfeitamente o grego φθόνος (ciúme, inveja, zelo excessivo, ação de privar de alguma coisa por conta do ciúme e daí impedimento, recusa).

1190

1191/2

1193/4

Nũ tem nada assim tão bem lacrado
que voeis nũ possa romper o lacre
e levar o que tiver dento.

'Ceis pode oliar, oliar, oliar, que nũ vão ver nada.
A nũ ser que alguém aí enxergue melhor que eu.
E se algum de voeis aí 'tiver sem trigo
e sustenta criadage e um
mon' de fii pequeno,
tem farĩa finĩa lá em casa...

A vara de pão é que é grossa...³⁸²
Se algum necessitado quiser, pode ir
lá em casa com saco e embornal
pra pegar trigo. Mãnio, meu criado,
vai encher o saco de voeis até o boca.
Mas já vou logo avisando pra
não se aproximar da porta e
tomar cuidado com a cachorra.

1197/8
1200
1205/6
1209/10
1215

382 *Vara de pão*: É o “cacete” (mais comum em Salvador) ou “baguete”, em outras regiões do país. Traduz *ἄρτος ἀπὸ χοίνικος* [a:artos a:po :khoïnikos], que foi traduzido por Duarte e Trajano Vieira por “pão de litro”. Parece haver um duplo sentido na referência ao pão que, à vista, se assemelha a um jovem. Minha opção por *vara de pão* tenta corresponder a esse possível duplo sentido, que reforcei com o adjetivo *grossa*, que se opõe a *fininha* (essa oposição dá conta de *μὲν ... δέ – por um lado ... por outro –*, presente no texto).

383 É: de fato, é mesmo. São: sóbrio.

PRIMERO ATENIENSE

(*no interior da acrópole*) Ei, abre a porta aí! Sai da frente!
E voeis aí, 'tão sentado por quê? Será que eu vô ter que
picar fogo em voeis? [Mas] ia ser uma baxaria...
Eu nũ ia fazer um troço desse não. Mas se for preciso mefimo,
nóh vamo fazer esse sacrifício pra agradar voeis.

1220

SEGUNDO ATENIENSE

Nóis também vamo fazer esse sacrifício com voeis.
'Ceifh nũ vão dar o pira daí não? 'Ceis vão se descabelar aos pranto por um tempão.

PRIMERO ATENIENSE

Oh lacônio já deitaro e rolaro lá dento. 'Ceifh nũ
vão sair pra eles ire embora tranquilo e calmo não?

SEGUNDO ATENIENSE

Farra como essa eu nunca tĩa visto.
Gente fina oh lacônio!
Mañ nóis também, por efeito do vĩũ, fomo bem ajuizado.

1225

PRIMERO ATENIENSE

É... , porque quand'a gente 'tá são, a gente perde a cabeça³⁸³.

Se eu conseguir fazer os ateniense me dare ouvido,
daqui pra frente e em qualquer lugar nófi vamo promover a diplomacia da
pinga³⁸⁴. 1230

É³⁸⁵, porque hoje, quando a gente vai na Lacedemônia são,
qualquer coisã³⁸⁶, a gente parte logo pra briga,
nũ dá ouvido a nada que se diz,
inventa o que não se diz
e ainda cada um conta uma história diferente sobre a mefma coisa. 1235

Agora mefmo 'tava tudo tão bom, que, se alguém
tivesse cantado a musga³⁸⁷ de Telamon em vez da de Clitágoras,
a gente ainda tã batido palma e jurado em falso³⁸⁸.
Mas ó' p'ali...³⁸⁹ 'tão voltando pro mefmo
lugar. 'Ceifi nũ vão dá uma voltã no inferno não, cambada de saco de pancada? 1240

SEGUNDO ATENIENSE

É isso mefmo. Ó' lá, ó', já 'tão saindo...

EMBAIXADOR LACEDEMÔNIO

Peg' as flauta aí, caba,
que é pr' eu dançar a dança de Esparta e cantar uma cançiga³⁹⁰ bem bonita
pros ateniense e pra nós também.

EMBAIXADOR ATENIENSE

Vai nessa então, meu nego, 1245
que eu gofi³⁹¹ de ver voceifi dançare.

EMBAIXADOR LACEDEMÔNIO

Ô Mnemone, [deusa da memória],
envia a esse cab' aqui tua Musa, aquela que
cũiceu tanto a mim quant' os ateniense,
quand' eles, em Artemísio, 1250/1
empurrado que foro pelos deus, passaro por cima
de pau e peda³⁹² e vencero os meda.
Quant' a nós, Leônidas [comandava a gençe],
como quem comanda javali de dençe amolado. Muita 1255
espuma rolava³⁹³ pelos quexo e
muita ainda escorria perna abaxo.
E os persa nũ era poquĩ não, [viu!] 1260
Eles era tanto que nem grão de area.

384 Literalmente: "...bêbados sempre e por toda a parte vamos negociar / vamos conduzir nossas negociações".

385 Mais uma sutileza de é: Como o anterior, exprime ironia em relação ao que acabou de ser dito.

386 *Qualquer coisã*. Corresponde a uma oração hipotética: "Se acontecer qualquer coisa, por mais insignificante que seja,..."

387 *Musga*. Com a síncope do -i- em música, a consoante vozeada s [z] em contato com o c [k], impôs a realização vozeada deste, daí *música* > *musga*.

388 A capacidade de escolher e cantar as músicas adequadas nos banquetes era algo apreciável (cf. *As Vespas*, a partir do verso 1220). Aqui, a boa disposição das personagens é tanta que equívocos são perdoados. *Telamon* e *Clitágoras* eram canções populares, mas não é muito clara a razão de ser um erro cantar uma em vez da outra (parece que havia uma ordem predeterminada). Fonte: Edições Kaktos, id., nota 138.

389 ...ó' p'ali: olha para ali.

390 Os espartanos dançam a *dipodia* e com sua canção exaltam dois fatos importantes das Guerras Médicas: a vitória dos atenienses na batalha naval do Artemísio e a resistência heróica de Leônidas nas Termópilas, fatos que aconteceram paralelamente. Além disso, evocando a deusa Ártemis, aludem à batalha de Maratona. Fonte: Edições Kaktos, id., nota 139.

391 V. nota 127.

392 Literalmente: "quando eles atacavam as flechas de madeira" (κᾶλα, forma dórica correspondente à ática κῆλα, plural de κῆλον – flecha de madeira), que traduzi pela expressão "passar por cima de pau e peda (pedra)".

393 O original traz o verbo ἀνθῆω em sua forma dórica de imperfeito ἤνσεν. Significa *florescer*, mas preferi o verbo *rolar*, por combinar melhor, em português, com *espuma*.

Ô caçadora mata-fera! Vem cá, deusa vige³⁹⁴,
 [abençoar] nossa paz,
 pra nossa união se estreitar e durar por muito tempo. E
 que a amizade da genṭ' prospere
 graças a nossos acordo. E que a genṭe boṭe fim
 nessas astuça ðe raposa.
 Vem cá, vem,
 vige caçadora!

DIḤMANCHATROPA

Vamo lá, então, já que tudo correu bem,
 voceis, oḥ lacônio, pode levar essaḥ mulé e voceis
 aquelas ali. Cada home com sua mulé e cada mulé
 com seu home. E depois, nesse clima de alegria,
 com todo mundo dançando, vamo reverenciar tudo quanto é deus,
 pra daqui pra frente a gente nũ cometer mais oḥ meḥmos erro.

UM ATENIENSE

Vamo cair na dança! Pode trazer as Graça.
 Chama também Ártemis 1280
 e o irmão gêmeo dela,
 [Apolo], o deus que cura e puxa dança;
 chama [Dionísio] também, o deus de Nisa,
 que, no mei' daḥ mênade [daḥ mulé que acompanha ele], faz brilhar os zói. 1283/4
 E chama Zeus iluminado pelo fogo; 1285
 chama também a mulé dele, a majestosa e feliz.
 Depois, [é pra vī] aḥ divindade que de nada se esquece, que a gente
 vai tomar por testemunha do doce sossego
 que [Afrodite], a deusa de Chipre, troxe [pra nóis]. 1290

CORO

Alá! Ualá!³⁹⁵
 Todo mundo pulando,
 que nem na [alegria da] vitória. Alá!
 Alá, ualá, alá, ualá!

EMBAIXADOR ATENIENSE

Vai tu agora, lacônio, canta mais uma musga... 1295

1265
 1266/7
 1268/9
 1270
 1275

394 Tanto na Bahia como em Pernambuco, é comum a síncope do *r* [r̄] diante de [z]. A deusa a que a personagem se refere é Ártemis.

395 Essas interjeições eu ouvia no Sul da Bahia em jogos de futebol no momento em que a torcida pulava comemorando um gol. São as únicas que conheço com alguma semelhança com as gregas do fragmento, as quais são proferidas pelo coro incentivando os outros a pular *ὡς ἐπὶ νίκη* [hōs e:pi :nikē] – “como numa vitória”. No original, os demais participantes do coro respondem com interjeições dirigidas a Apolo e a Dioniso – *iê/peā* e *evoé/evaé*, respectivamente.

UM LACEDEMÔNIO

Desce de nosso querido Tegeto
e vem [pra cá], Musa lacônia, vem! Exalta por nós
o venerave deus de Amiclas [cidade de nossa terra lacônia]
e [a deusa Atena] síora da morada de bronze
e os nobre [gêmeo de Esparta], os fii de Tindaro,
que brinca [os dois] na bera do rio Eurota [na Lacônia].
Vamo lá, chega mais,
Vamo saltar bem leve,
pr' a genç' exaltar Esparta 1300
onde é tradição o canto coral em honra dos deus 1303/4
e a baçida de pé das novia, 1305
quand' elas sai que nem umas egüia
saltitando na bera do rio Eurota,
com os pé junto
levantando poera 1310
e com os cabelo sacudindo,
que nem os das bacante [as mulé do culto de Dionísio]
quando elas balança o çirso, [um bastão todo enfeitado], e cai tudo na folia.
É a fia de Leda que dá o passo
e comanda o coro... [é Helena, donzélia³⁹⁶] pura e decente. 1315
Vai, amarra o cabelo com a mão e, com os pé [junto]
pula que nem uma gazelã³⁹⁷, marca o passo da dança
e canta pr' a deusa que luta contra tudo, a da morada de bronze. 1320/1

396 Em Pernambuco, como também na Bahia, donzela é a jovem virgem. Na Bahia, ocorre também o masculino *donzelo*, termo que se usa para zombar de rapazes que ainda não tiveram relações sexuais.

397 No original, lê-se “que nem uma corça”. *Gazela* me pareceu mais familiar e não compromete o sentido do fragmento.